



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cátia João Rodrigues dos Santos Passos

**O Papel da Filosofia no Desenvolvimento
do Pensamento Crítico**

outubro de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cátia João Rodrigues dos Santos Passos

O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

DECLARAÇÃO

Nome: Cátia João Rodrigues dos Santos Passos

Endereço Eletrónico: catia_jp8_@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 12804268

Título do Relatório

O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico

Orientador(es):

Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

"Acho que na sociedade actual nos falta Filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma".

José Saramago

AGRADECIMENTOS

Às vezes tudo o que precisamos é de fechar os olhos no fim de um dia longo e agitado e perceber que ao nosso lado existe um “outro mundo” em forma de pessoas para nos reconfortar e reorientar. Desta forma, dedico este relatório principalmente ao meu “outro mundo”, ao meu pai, à minha mãe, ao meu irmão, ao Lino, ao Tiago, à Diana, à Vânia e ao Marcelo, por serem as minhas bússolas de carne e osso, por estarem sempre do meu lado, por acreditarem em mim e principalmente por serem as pessoas maravilhosas que são. Acreditem que tivesse eu as vidas que tivesse em todas elas eu vos escolheria.

Agradeço aos meus alunos da turma 10º 09 pela forma como me receberam, pelo carinho e amizade, por todas as vezes que me demonstraram que é possível “ousarmos pensar” e por me terem feito sentir a melhor “professora” do mundo. Agradeço-lhes por toda esta experiência e acima de tudo por me proporcionarem reinventar-me todos os dias.

Agradeço ao Doutor José Augusto Ribeiro, o meu orientador e professor do secundário por me ter proporcionado o regresso à minha escola, agora num outro formato. Foi espetacular sair como aluna e regressar como professora. Estou-lhe muito grata por toda a autonomia, confiança, por todas as conversas e por me ter elucidado neste percurso.

Agradeço ao Doutor Artur Manso por toda a disponibilidade demonstrada neste acompanhamento ao meu estágio. Estou-lhe muito grata por me ter ajudado e auxiliado de uma forma muito precisa a rever todos os aspetos presentes neste relatório.

Agradeço aos professores que aceitaram o convite para a Semana da Filosofia, nomeadamente ao Doutor Manuel Curado, Doutora Raquel Costa, Doutor Artur Manso e Doutor Paulo Alexandre e Castro. Muito obrigada pela vossa disponibilidade e por terem proporcionado aos alunos uma incrível viagem ao mundo da Filosofia.

Agradeço à Livraria Minho, por me ter suscitado desde pequena o interesse pelos livros e por me ter proporcionado “crescer” ao redor de tanto encanto.

Por último, volto a agradecer aos amores da minha vida, ao meu pai e à minha mãe, pois isto tudo sem vocês, sem a vossa ajuda, sem o vosso amor, sem a vossa amizade, sem todos os maravilhosos valores que me transmitiram, com toda a certeza não teria existido. Obrigada meu pai e minha mãe, pois vocês sim é que são os verdadeiros heróis desta história. Agradeço todos os dias por ser vossa filha.

O PAPEL DA FILOSOFIA NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO

RESUMO EM PORTUGUÊS

O presente relatório de Estágio, intitulado *O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico* é parte integrante do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, da Universidade do Minho desenvolvido na turma 09 do 10º ano da Escola Secundária Sá de Miranda - Braga. Aqui pretendo abordar e demonstrar a importância da disciplina de Filosofia na vida e para a vida dos alunos, assim como, a aplicabilidade desta no seu quotidiano como auxílio a pensar autonomamente, a consciencializar e refletir criticamente, a tomar posição. Deste modo, o meu propósito prende-se com a busca de novos métodos que possibilitem responder às questões que deram origem ao meu projeto: “Em que medida a Filosofia é importante para promover e desenvolver o pensamento e espírito crítico nos adolescentes?” e “Como desenvolver, na atualidade, o espírito crítico dos jovens?”.

Assim sendo, este relatório descreve a minha prática pedagógica desenvolvida ao longo do ano e ainda fundamenta teoricamente o tema que pretendo abordar com o objetivo de dar respostas às questões que originaram o meu relatório.

Palavras-chave: Filosofia, ensino da Filosofia, pensamento crítico, autonomia.

THE ROLE OF PHILOSOPHY IN THE DEVELOPMENT OF CRITICAL THINKING

ABSTRACT

The Training Report that is presented is called *The Role of Philosophy in the Development of Critical Thinking*, and it is a part of the professional training on the Master in Teaching Philosophy in Secondary Education at Minho University, held at Escola Secundária Sá de Miranda in Braga, taking as target group, students of the 10th grade, class 09.

It is a main goal to approach and to demonstrate the importance of philosophy in and to young people's life as well as to apply philosophy to everyday life as a tool to help students to think autonomously, to analyze and reflect consciously, to take a stand. The purpose I established to investigate has to do with the search of new methods which might answer the questions that originated my project: "In what way is Philosophy important to promote and develop teenager's critical thinking?" and "How to develop teenager's critical thinking nowadays?" Therefore, this report describes a year of professional training as well as the theoretical bases of the theme I intend to approach in order to answer the questions which motivated my work / project / report.

Keywords: Philosophy, teaching Philosophy, critical thinking, autonomy

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO EM PORTUGUÊS.....	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
1- APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA, DO PLANO E ENQUADRAMENTO.....	4
2- O PAPEL DA FILOSOFIA NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO.....	8
2.1 - A importância da disciplina de Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico.....	8
2.2 - Objetivos gerais do ensino de Filosofia segundo o Programa Nacional em vigor.....	12
2.3 - A metodologia do professor de Filosofia no Ensino Secundário.....	13
3- A APLICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	17
3.1 - A metodologia de Lipman no Ensino Secundário: a importância do diálogo dentro da sala de aula.....	17
3.2 - Mapa global das aulas: tema, material pedagógico e momentos da aula.....	20
4- AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES.....	38
4.1- A importância da Filosofia fora da sala de aula: Filosofia prática ou a prática da Filosofia?.....	38
4.1.1 - Café Filosófico.....	39
4.1.2 - Semana da Filosofia.....	40
4.1.2.1 - Objetivos da Semana da Filosofia.....	40
4.1.2.2 - Programa da Semana.....	41
4.1.2.3 - Oradores da Semana/Temas das comunicações.....	42
4.1.3 - Proposta de trabalho para a Semana da Filosofia.....	43
4.1.4 - Visita de estudo à Galeria Mário Sequeira na Parada de Tibães.....	44
4.1.5 - Breve reflexão pessoal acerca das atividades extracurriculares.....	44

5- AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E DAS ATIVIDADES REALIZADAS AO LONGO DO ANO	45
5.1 - Questionário acerca da minha prática pedagógica e das atividades desenvolvidas ao longo do ano.....	45
5.1.1 - Resultados obtidos.....	47
5.2 - Inquérito intitulado “O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico”	51
5.2.1 - As questões que constavam no meu inquérito.....	51
5.2.2 - Análise quantitativa e qualitativa dos inquéritos realizados na turma 10º 09 (1ª e 2ª fase).....	51
5.2.3 - Análise quantitativa e qualitativa dos inquéritos realizados a todas as turmas do 11º ano.....	57
CONCLUSÃO	62
BIBLIOGRAFIA	63
ANEXOS	66
Anexo 1 - Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado.....	67
Anexo 2 - Exemplo de uma planificação de uma aula.....	76
Anexo 3 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo: Aula fictícia com Kant”	78
Anexo 4 - Casos práticos: “Imagina que...”	80
Anexo 5 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo: “Aula fictícia com Kant, parte II”	81
Anexo 6 - Cenários hipotéticos: “E agora o que faço?”	83
Anexo 7 - “Dilema de Trólei- deixar morrer ou matar”	84
Anexo 8 - Exemplo de um texto retirado de “O Mundo de Sofia – Aristóteles”	85
Anexo 9 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica: “Exame Político”	87
Anexo 10 - Exemplo de um exercício de pensamento - “Lost, uma experiência mental”	88
Anexo 11 - Sinopse e exploração do filme “Ensaio sobre a Cegueira”	89

Anexo 12 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica: “Exame Estético”	90
Anexo 13 - Exercício prático “O meu gosto será melhor que o teu?”	91
Anexo 14 - Exemplo de um trabalho de casa “Palavras soltas”	92
Anexo 15 - Exemplo de um exercício prático “Aplicação de conhecimentos”	93
Anexo 16 - Diálogo utilizado na aula “Conversa de Café: Os gostos discutem-se?”	94
Anexo 17 - Artigo de jornal “Os gostos não se discutem”	96
Anexo 18 - O Mito de Pigmalião.....	97
Anexo 19 - Notícia Online: “Artista Holandesa inspirou-se em Van Gogh e cria ciclovia que brilha no escuro”	98
Anexo 20 - “Oficina de Estética: A Estética em 30 minutos”	99

INTRODUÇÃO:

Este trabalho intitulado “O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico” é o Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário do Instituto de Educação da Universidade do Minho, realizado na Escola Secundária Sá de Miranda - Braga, sob a orientação do Doutor José Augusto Ribeiro e do Supervisor da Universidade do Minho, o Doutor Artur Manso.

O presente Relatório tem como finalidade fundamental todas as estratégias, questões e objetivos que foram propostos inicialmente no meu Projeto de Intervenção Pedagógica. Aqui pretendo abordar e demonstrar a importância da disciplina de Filosofia na vida e para a vida dos alunos, assim como, a aplicabilidade desta no seu quotidiano como auxílio a pensar autonomamente, a consciencializar e refletir criticamente, a tomar posição. Deste modo, o meu propósito prende-se com a busca de novos métodos que possibilitem responder às questões que deram origem ao meu projeto:

“Em que medida a Filosofia é importante para promover e desenvolver o pensamento e espírito crítico nos adolescentes?”

“Como desenvolver, na atualidade, o espírito crítico dos jovens?”

O principal objetivo foi abordar a problemática do pensamento crítico e demonstrar que a Filosofia é pensamento crítico e pensamento crítico é Filosofia, ou seja, uma depende da outra e encontram-se presentes na nossa vida desde sempre. Atualmente é notório que a Filosofia assume um papel determinante na vida dos jovens alunos, pois quando é bem lecionada, permite cultivar nos mesmos a consciencialização dos problemas que os envolvem no seu quotidiano. Deste modo, é importante que os estudantes se questionem acerca das várias temáticas filosóficas e que aprendam a desenvolver um pensamento autónomo acerca de tudo o que os rodeia. Assim, é fundamental demonstrar aos discentes a aplicabilidade da Filosofia de forma séria e responsável, com o objetivo de os encorajar no desenvolvimento do seu raciocínio. Neste sentido é essencial quebrar as barreiras (cada vez mais densas) entre a disciplina de Filosofia, os alunos e até mesmo o senso comum, assim como, é urgente mudar esta visão tão negativa com a disciplina mais nobre e importante que cuida do nosso pensamento.

Assim sendo, para obter respostas às questões que deram origem ao meu projeto de investigação, adotei o método de investigação-ação, por, com ele estarmos “perante uma estratégia que visa formar para transformar através da investigação da transformação. Assim, a investigação ação forma, transforma e informa” (Esteves, 2008: 11) sendo ainda um processo “de passagem de objeto a sujeito, e de sujeito a participante num processo cooperado, é um processo de consciencialização que redefine o estatuto hierárquico na investigação” (Esteves, 2008: 12).

Neste relatório, pretendo demonstrar de forma clara e objetiva algumas sugestões de melhoria para o ensino/aprendizagem da Filosofia, dentro e fora da sala de aula, estruturando-o da seguinte forma:

- 1- O PROBLEMA, O PLANO E O ENQUADRAMENTO:** onde apresento de forma muito sucinta o problema que deu origem ao meu projeto e a toda a minha investigação, o plano que delinee para o pôr em prática, tanto a nível investigativo como pedagógico, o contexto em que se desenvolveu a minha prática pedagógica e os principais intervenientes desta.
- 2- O PAPEL DA FILOSOFIA NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO:** onde abordo as questões que considero essenciais, assim como argumentos, teses e autores que as sustentam. Pretendo ainda refletir sobre a importância da disciplina de Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico e ainda o que é o pensamento crítico, já que atualmente muito se tem escrito relativamente a esta questão. Abordo ainda o que será mais específico na disciplina de Filosofia e o papel do professor e da disciplina de Filosofia na formação dos jovens alunos. Seguidamente, trato dos objetivos gerais do ensino da Filosofia segundo o Programa Nacional em vigor. Por fim, questiono: Será a metodologia do professor de Filosofia no Ensino Secundário essencial na formação dos jovens?
- 3- A APLICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA:** remete para a explicação detalhada da estrutura das minhas aulas, assim como para a importância do diálogo dentro da sala de aula. Aqui apresento o método pedagógico utilizado (a adaptação da metodologia de Lipman ao Ensino Secundário), fazendo, ainda, uma descrição detalhada das aulas assim como de alguns instrumentos de avaliação utilizados durante a lecionação.
- 4- AS MINHAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES:** neste ponto apresento as

atividades extracurriculares realizadas ao longo do ano letivo, relevando a importância da Filosofia fora da sala de aula, ou seja, mostrando a aplicabilidade desta no quotidiano dos alunos, com o objetivo de demonstrar que a Filosofia é útil e que não se resume somente a teorias. Deste modo, pretendo fazer uma abordagem a uma das questões mais debatidas ultimamente: Filosofia prática ou a prática da Filosofia?

5- AVALIAÇÃO DA PRÁTICA E DAS ATIVIDADES REALIZADAS AO LONGO DO

ANO: esta secção prende-se com a análise dos inquéritos realizados, onde os alunos avaliam de forma empenhada tudo o que envolveu o ensino/aprendizagem ao longo do ano.

Na **CONCLUSÃO** sintetizo o conteúdo do relatório, conferindo a viabilidade das questões em estudo e o papel da metodologia no ensino da Filosofia, assim como o interesse da sua aprendizagem por parte dos alunos, não tendo a pretensão de trazer uma resposta definitiva aos problemas e questões que envolveram e envolvem o ensino da Filosofia. Apenas dou um modesto contributo, entre outros que já foram apresentados.

1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA, DO PLANO E DO ENQUADRAMENTO

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”
John Dewey

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação”
Nelson Mandela

“A escola, em sua singularidade, contém em si a presença da sociedade como um todo”
Edgar Morin

O “Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico” foi o tema que escolhi abordar no meu estágio, pois, ressalta claro que a Filosofia, quer por si mesma como prática reflexiva, quer como disciplina curricular integrante do sistema educativo oficial, é essencial a nível pessoal, social e cultural. Numa sociedade democrática, a Filosofia e o filosofar são condição indispensável para a promoção de uma sociedade humana.

Evidentemente que não basta a sua existência como disciplina integrante do currículo: é fundamental que a metodologia implementada se ajuste à sua especificidade e finalidades. E para tal terá de ser operacionalizada pelos professores de tal modo que consiga levar os alunos a pensar autonomamente, a consciencializar e refletir criticamente, a tomar posição. O seu ensino é um desafio que implica da parte do professor uma atitude e uma prática que consiga ultrapassar a previsível inexperiência reflexiva e crítica dos jovens alunos e desbloquear a resistência e os preconceitos acerca da sua pretensa inutilidade.

Os temas abordados no secundário pretendem sensibilizar e motivar os alunos para a autopromoção de uma atitude e prática reflexiva e crítica que remeta para a própria experiência do aluno que vai adquirindo variadas competências cognitivas, expressivas e performativas nesta como em outras disciplinas. Uma metodologia adequada é fundamental para que o aluno pratique a Filosofia como experiência integradora de vários saberes e como ferramenta existencial para se posicionar como pessoa e como cidadão. A consciência crítica, que constitui o objetivo primordial da disciplina de Filosofia no secundário, é determinante para criar condições para uma cidadania mais informada, consciente, empenhada e interventiva que promova uma sociedade mais justa, mais tolerante e humana. E por isso o ensino e aprendizagem desta disciplina exige responsabilidade pedagógica e didática da parte de cada professor, pois a promoção da prática do filosofar é realmente transformadora das relações sociais e choca com preconceitos e interesses

estabelecidos.

Para este projeto tracei os seguintes objetivos: a) fomentar o pensamento e espírito crítico dos alunos através de um método dialógico que assegure a dimensão da qualidade filosófica; b) desenvolver as capacidades cognitivas dos alunos face à partilha fundamentada de opiniões; c) promover a cidadania nos jovens adolescentes de modo crítico e participante; d) evidenciar a importância de pensar de um modo crítico, criativo e valorativo; e) implementar um ensino centrado no aluno.

Para alcançar os objetivos utilizei as seguintes estratégias de Intervenção: As aulas que lecionei foram de 90 minutos em que a História da Filosofia desempenhou um importante papel pois o conhecimento filosófico têm uma longa história e as questões essenciais de que trata mantêm-se inalteradas. Deste modo, comecei por ensinar a História da Filosofia, para que os alunos compreendessem melhor os problemas filosóficos (o que os originou e o seu contexto histórico), pois, acho crucial que os discentes percebam o encadeamento lógico de todas as problemáticas, e o quanto estas são importantes. Assim sendo, não escolhi um único método de ensino, mas procurei fomentar nos alunos o pensamento e espírito crítico através de um modelo dialógico. Considero de extrema importância que o ensino seja centrado nos alunos para que estes desenvolvam as suas capacidades intelectuais face à partilha fundamentada de opiniões. Através da leitura e discussão de alguns excertos de textos, nomeadamente de *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder, para a introdução da Ética Kantiana, tentei que os alunos “ousassem pensar” e se envolvessem no mundo da Filosofia de forma ativa, crítica e valorativa. Recorri ainda ao uso de esquemas-síntese da matéria lecionada. Usei novas tecnologias, nomeadamente a projeção em PowerPoint e outros materiais audiovisuais que me possibilitassem fornecer ferramentas aos alunos que os remetessem para a importância do cuidar de pensar. Assim sendo, todos os materiais fornecidos tinham interligação com as temáticas que lecionei.

Tentei através destas estratégias criar um ensino e aprendizagem mais crítico, dialógico e participante. O objetivo era que os estudantes cooperassem sem receio e que pudessem colocar as suas dúvidas. Dentro da sala de aula tentei proporcionar um ambiente agradável incentivando os alunos a cuidar do pensar, a articular as suas próprias ideias e a justificá-las.

Como a Filosofia é a arte do pensar, encorajei os jovens a desenvolver as suas próprias capacidades cognitivas para que eles próprios pudessem fazer juízos de valor acerca da matéria lecionada de forma a conseguirem envolvê-la nos problemas do quotidiano de forma crítica, criativa, valorativa

e autónoma. O fundamental é ajudar os jovens alunos a pensar, a agir, como forma de ser e estar no mundo.

A prática pedagógica desenvolveu-se na Escola Secundária Sá de Miranda - Braga. O Agrupamento de Escolas Sá de Miranda foi constituído em 2013 pela agregação da Escola Sá de Miranda e do Agrupamento de Escolas de Palmeira. Neste momento, integram o A. E. Sá de Miranda 13 estabelecimentos de educação e ensino com tipologias diversas: 1 Escola Secundária - Escola Secundária Sá de Miranda; 1 Escola básica com 2º e 3º ciclo- Escola Básica de Palmeira; 2 Escolas com 1º ciclo- EB de Eira Velha e de Ortigueira; 7 Estabelecimentos com 1º ciclo e educação pré-escolar - EB de Bracara Augusta de Coucinheiro, de Pousada, De Navarra, de Presa, de Crespos e de Dume e 2 Jardins-de-Infância de Pomares e de Adaúfe¹.

A Escola Secundária Sá de Miranda inicialmente chamada de Liceu de Braga, foi criado por decreto régio de 1836, situa-se na região Norte da cidade de Braga, sendo a sua mais antiga escola e trabalha atualmente num edifício datado de finais do século XIX. É importante referir que o edifício já centenário, começando por ser uma escola só para rapazes que trabalhava em regime de internato e de semi-internato, tendo acumulado desde então um espólio que atualmente faz parte do material museológico e bibliográfico, com peças incomparáveis a nível local e nacional. Nos últimos tempos com a abertura de diferentes escolas Básicas e Secundárias na região urbana e periferia da cidade, a Escola Secundária Sá de Miranda tem presenteado em âmbito Educativo cursos do Secundário, cursos Profissionais, cursos EFA e Ensino Básico. Quanto à equipa docente do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda esta sofreu uma renovação significativa em 2009 de 35%, resultante de aposentações e do acréscimo do número de turmas. Segundo o relatório externo de escolas realizado em 2010, a população escolar é de 1363 alunos, 159 professores, pertencendo 81, 8% ao quadro da escola, 6, 9% ao quadro de zona pedagógica e 11, 3% são contratados. A Escola integra ainda o Centro de Formação Sá de Miranda de que é sede e abarca várias escolas e Agrupamentos de Escolas dos concelhos de Braga, Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso. No que diz respeito à equipa não docente é constituída por 10 assistentes técnicos e 43 técnicos operacionais. A escola oferece ainda tanto a pessoal docente como não docente e até encarregados de educação ações de formação interna com o objetivo de desenvolver um enriquecimento tanto a nível profissional como pessoal.

¹ Dados retirados em <http://www.escolasamiranda.pt/content.asp?startAt=2&categoryID=626>

Esta escola assume como principal missão, a promoção da aprendizagem e o sucesso educativo dos alunos de modo a formar jovens cidadãos críticos e interventivos, capazes de tomar decisões. Assim sendo, tende a fundamentar a sua ação favorecendo o desenvolvimento da cidadania. Segundo a atual Diretora² a missão desta escola baseia-se no lema “Educação Para Todos”, ou seja, tem como principal objetivo combater as discriminações que existem no acesso ao ensino e à educação. Como se manifesta então a cultura desta escola? A cultura desta escola é integradora, ou seja, é uma escola em que, tendencialmente, todos partilham a mesma visão e possuem uma identidade única em termos institucionais. Relativamente aos projetos curriculares de turmas estes retêm uma boa informação para os alunos do que será o seu percurso escolar.

Em conclusão, esta escola rege-se pelo ponto 1 do Artigo 43.º da Constituição da República Portuguesa, onde “É garantida a liberdade de aprender e ensinar”.

Relativamente à turma 9 do 10º ano que me foi atribuída e na qual incidiu todo o estágio, é do curso de Humanidades, albergando 26 alunos, 14 alunos do sexo feminino e 12 alunos do sexo masculino. Relativamente à média de idades está situada nos 16 anos, havendo somente um aluno com 17 anos. No que se refere ao percurso escolar, 13 alunos terão reprovado no 10º ano e 2 deles no 8º ano.³ No que respeita a problemas de saúde um dos alunos referiu que tinha problemas de audição e um outro que tinha asma. Em relação aos tempos livres, a maior parte referiu que gosta de ouvir música, sair, estar com os amigos e somente três é que mencionaram que gostam de estudar e dois de ler. Sendo adolescentes, têm uma postura normal para a sua idade e até mesmo interessada, educada, com intervenções pertinentes que proporcionam um bom ambiente de trabalho. É importante mencionar que a maioria dos pais se encontram a trabalhar e que, quanto à escolaridade, têm o 2º ciclo concluído. Somente 2 dos alunos têm pais com cursos superiores (professores). Apesar de não me ter sido facultado o PAT (plano de atividades da turma), posso referir que a minha turma esteve presente em várias atividades extracurriculares, tais como: apresentação de livros, colóquios organizados por professores, atividades ligadas ao desporto. Posso ainda destacar, a Semana da Filosofia, os Cafés Filosóficos, Feira do Livro, visita à Galeria Mário Sequeira, ida ao Teatro Circo, planificada pelo GEF (Grupo de Estágio de Filosofia) da presente escola.

² A Diretora foi empossada no seu cargo no início do presente ano letivo e alguns dos dados aqui referenciados foram retirados de uma entrevista feita à Diretora da Escola para a Unidade Curricular, Organização da Escola.

³ Dados facultados pela Diretora de turma da turma 10º09.

2. O PAPEL DA FILOSOFIA NO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO

“O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são”

Aristóteles

“Aquele que ao rever o antigo conhece o novo, é apto para ensinar”

Confúcio

“Aprender Filosofia não é de modo algum limitar-se à aprendizagem de sistemas filosóficos, mas simultaneamente exercer uma prática que leve o indivíduo a realizar-se.”

Artur Manso

2.1- A importância da disciplina de Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico

A Filosofia é uma disciplina integrante do Ensino Secundário do Sistema de Ensino Português. Ao longo dos anos muitas questões se levantaram acerca da importância da Filosofia ou até mesmo o porquê de se estudar Filosofia nas escolas. Mas afinal, o que estuda a Filosofia? A Filosofia é uma disciplina que estuda aquilo que envolve o pensamento, os factos, questiona saberes:

“diz-nos Platão, na Apologia de Sócrates, que o filósofo é como o moscardo que pica as consciências alheias e nos desperta do sono quotidiano. Esse incómodo faz-nos sair da nossa zona de conforto em que tudo já está estabelecido e definido segundo a norma e a tradição. Pôr em causa, questionar, querer saber mais, não se conformar com as respostas dadas, não estar de acordo com as opiniões correntes, é preciso. A inquietação é a vida. E as perguntas resultam da própria vida” (Mendo e Barros, 2013: 5).

Assim sendo, na sala de aula a Filosofia tem esse papel e o objetivo de levar o aluno a desenvolver as suas capacidades cognitivas, a problematizar e pensar de uma forma própria e individual. A posição crítica que é inerente à disciplina de Filosofia e que é a sua meta central implica que o aluno tenha conhecimentos históricos acerca desta, ou seja, o professor terá que lhe facilitar o acesso a conhecimentos, conceitos, pensamentos de filósofos, para que o ensino/aprendizagem seja bem-sucedido. Somente assim é que o aluno estará preparado para encarar a verdadeira Filosofia e a verdadeira arte de filosofar. Deste modo, “apesar de todas as questões filosóficas dizerem respeito a todos os homens, nem todos os homens se tornam filósofos. Por diversos motivos, a maior parte está presa de tal forma ao quotidiano que o espanto perante a vida é muito escasso” (Gaarder, 1997: 23).

A disciplina de Filosofia procura acima de tudo que os jovens tomem consciência dos problemas que são inerentes à sociedade, tanto a nível coletivo como individual. Estes devem ser capazes de

formular um juízo e uma opinião fundamentada na razão, para que assim as suas atitudes face a um assunto sejam as melhores possíveis, tanto para si próprios como para os que os rodeiam.

Desta forma, a Filosofia no verdadeiro sentido da palavra não é ensinável. O que se pode ensinar, no sentido educacional (conhecimentos), são pensamentos já organizados e ordenados, transformados em interpretações integradas numa determinada cultura e assim a Filosofia aprendida nas escolas é uma Filosofia formada e formadora. A disciplina de Filosofia não passa de um plano (currículo) estabelecido por um conjunto de temas filosóficos, integrados por problemas e referenciados a autores e desta maneira não precisaria de uma didática específica. Contudo, se não forem empregues formas de a ensinar adequadamente, teremos como resultado um decréscimo drástico dos que permanecem a saber Filosofia e o crescimento dos que a repulsam pois os estudantes não estão dispostos a unicamente aprenderem teorias socioculturais ou historicamente datadas (cf. Boavida, 1997: 213). Para Kant, “(...) não se pode aprender filósofos nenhuns, mas sim a filosofar (...)” pois “(...) é possível [...] aprender a matemática, mas nunca a filosofar (a não ser historicamente) (...)” (Kant, 1985: 660), pois as conceções filosóficas carecem sempre de serem certificadas. Para fazer Filosofia é importante filosofar, e isto é pessoal, não é transmissível, pois deriva da experiência de cada um. Contudo, aprender e lecionar Filosofia (sem saber) sem ter o hábito de filosofar é uma impossibilidade, pois a Filosofia consiste no hábito de pensar e não somente no “decorar “conhecimentos históricos. Desta forma, aquilo que se ensina tem interligação com aquilo que se aprende (cf. Marnoto, 1989: 193):

“a Filosofia faz sentido quando deixa de ser uma construção feita por outros e nos apropriamos dela em momentos únicos, os momentos da consciência, nos quais reconhecemos que não estamos sós na compreensão do mundo, mas sim que uma longa e ilustre linhagem de pensadores nos dá a mão” (Mendo e Barros, 2013: 23).

No ensino secundário, levando a sério o que Kant entende por ensino da filosofia, esta “desapareceria do currículo escolar pois sendo uma disciplina onde a razão atinge um apogeu, o público visado seria necessariamente um público de adultos e não de adolescentes. Muito menos crianças” (Marnoto, 1989: 191). Mas esta interpretação é claramente discutível e eu própria não a subscrevo pois entendo que a verdadeira intenção de Kant é considerar que a Filosofia não é ensinável (não tem públicos...) mas é uma prática pessoal.

Os temas propostos para serem estudados no contexto escolar, são como rampas de lançamento para os alunos adquirirem a sua própria Filosofia de vida. O aluno no entanto só conhece e começa

a pensar quando se encontra em contacto com a história e as vivências de outros, pois para concebermos um pensamento não podemos partir do nada, pois o nada nada nos dá⁴, “visto que a maior parte dos filósofos viveram numa outra época [...] vale a pena interessarmo-nos pelo projeto de cada filósofo” (Gaarder, 1997: 33). Deste modo, podemos verificar que as particularidades inerentes ao papel da Filosofia (tanto na vida como no currículo) denotam já a sua especificidade como pensamento crítico. Hoje em dia existe um número imenso de programas que remetem para o pensamento crítico, mas, nem todos esses programas incluem temas significativos para a Educação. Contudo, todos tem uma interligação de carácter instrumental inerente a uma construção própria de problemas e soluções (cf. Rego, 2015: 20).

Tal como refere Maria José Rego, “são **caraterísticas** do pensamento crítico, de uma forma geral, a **aplicabilidade prática**, a **sensibilidade ao contexto** e a **autocorreção**”, ou seja:

“Aplicabilidade prática- (...) Na realidade o pensamento crítico não se confina a uma utilização escolar, tem efeitos nos mais diversos aspetos da nossa vida, desde o simples ato de ir às compras até à nossa escolha eleitoral.

Sensibilidade ao contexto- (...) o contexto tem uma importância inestimável na produção de sentido. Ignorar este seria precipitarmo-nos em conclusões pouco fiáveis. Temos de atender ao todo em que a parte se insere para uma cuidada análise desta.

Autocorreção- Equivale a um supremo exercício de liberdade. Se somos livres para discordar de alguém por não estarmos a subscrever as suas ideias, idealmente após uma análise das mesmas, deveremos ter semelhante autonomia em relação a nós próprios.” (Rego, 2015: 21)

O pensamento crítico é assim considerado uma “praxis”, onde existe uma relação entre a reflexão e a ação, pois como referia Paulo Freire, a aprendizagem deve visar o desenvolvimento da consciência e da autonomia da sociedade.

Então o que será isto da crítica?

“Etimologicamente, criticar é fazer passar pelo crivo, pela peneira, num trabalho análogo àquele que separa o trigo do joio, separando assim o essencial do acessório com vista à depuração do essencial em cada caso ou situação” (Rego, 2015: 21)

Por outro lado, no senso comum crítica corresponde propriamente à prática de encontrar defeitos ou até mesmo no ato de censurar algo. Contudo, em Filosofia é essencial que haja procura,

⁴ Parménides referiu que tudo o que existe sempre existiu, pois, do nada, nada pode nascer.

interiorização, reflexão e acima de tudo um empenhamento crítico face às escolhas efetuadas pelo indivíduo como forma de fundamentar as suas opções de vida e para a vida.

A Filosofia crítica procura sempre o conhecimento verdadeiro, tal como Kant nas suas três críticas, mas mais propriamente na crítica da Razão Pura, pretende descrever de que forma a razão atinge o conhecimento verdadeiro e válido. Visto que, atualmente muito se tem falado na era do pensamento crítico onde este é imprescindível e fundamental para conhecermos as coisas, a sua essência, também posso afirmar, que embora não pareça, vivemos na era da Filosofia. Contudo, dar importância à disciplina de Filosofia nas escolas, ao curso de Filosofia nas Universidades não é do agrado da maioria das pessoas:

“é comum um filósofo ser objeto de troça, por estar fora dos padrões médios. Mas ser ridículo talvez não seja assim tão grave. Talvez os desajustamentos sejam abençoados e vantajosos face aos respeitáveis homens de negócios que não suspeitam nem usufruem das delícias de um pensamento que abre novas vias” (Mendo e Barros, 2013: 21).

Dito isto, surge a questão: **afinal o que será mais específico em Filosofia?**

A Filosofia é uma disciplina especificamente preparada e munida com inúmeros recursos para educar e tornar os alunos capazes de enfrentar as vivências atuais e futuras, independentemente da sua profissão ou do rumo que venha a ter a sua vida. Esta disciplina é deveras importante pois permite desenvolver o espírito crítico, a capacidade de analisar, o questionar e problematizar, mas, acima de tudo, pensar por si próprio e estas competências são claramente transversais a toda e qualquer prática humana. Contudo, não pode cair em esquecimento que a Filosofia é a mais antiga disciplina que existe e desta forma o seu carácter histórico é muito rico pois esta serviu como fonte a todas as disciplinas que são estudadas nas escolas. Ou seja, devemos conjugar o carácter histórico e conservador das problemáticas abordadas na disciplina de Filosofia com a inovação e a problematização efetuada pelo próprio aluno para que este descubra por si a verdadeira importância da Filosofia e despolette nele o verdadeiro amor à sabedoria (cf. Pimentel e Monteiro, 2010: 334). Ora

“São múltiplas as tarefas possíveis que proporcionam transformar a aula de Filosofia num verdadeiro laboratório de trabalho filosófico, desde o levantamento de questões, discussões de dilemas, análise de casos, às descrições fenomenológicas de estados e situações. Estas são um desafio à imaginação e criatividade do professor, proporcionando-lhe uma das tarefas mais gratificante da actividade lectiva que é a preparação de aulas” (Marnoto, 1990: 195).

Ao longo da vida deparamos com diversos dilemas. No entanto, os ditos problemas filosóficos e as suas soluções são-nos dados ao longo da história da Filosofia. Os vários pontos de vista dos grandes mestres são descritos e permitem que com o seu estudo consigamos desenvolver uma opinião própria acerca dos diversos assuntos com que somos confrontados, não só morais, como políticos, estéticos, etc.

“Quando o ensino da Filosofia é de qualidade, como infelizmente raramente é, o estudante sai a pensar com mais clareza, a saber traçar distinções, a saber detectar e evitar erros de raciocínio, a saber avaliar opiniões opostas e a tomar decisões informadas e reflectidas” (Murcho, 2002: 24).

O principal objetivo é que os jovens estudantes consigam acima de tudo consciencializar-se de todos os problemas que os envolvem e tornando-se assim cidadãos ativos e críticos dentro da sociedade:

“A viagem pode ser arriscada e sem cinto de segurança, mas vale a pena. Parecemos estar desprotegidos mas temos consciência. O pensar levanta dúvidas e incomoda, mas traz lucidez (...) a Filosofia apela ao que de melhor há em nós. Apaga fantasias, desfaz preconceitos, estabelece pontes, faz-nos comunicar. A Filosofia é de todos os que ousam pensar por si próprios” (Mendo e Barros, 2013: 5).

Assim a Filosofia permite que sejamos fiéis a nós mesmos, pois só o podemos ser quando agimos em concordância com a nossa consciência e com o bom uso da razão.

2.2 - Objetivos gerais do ensino da Filosofia segundo o Programa Nacional em vigor

A disciplina de Filosofia faz parte da formação geral e, como tal, tem um carácter transversal. Quando um aluno de qualquer área a considera desajustada, inútil ou superveniente interpreta-a instrumentalmente como constitutiva de uma área particular. E isso deve-se a que frequentemente a sua prática ou conceção não corresponde ao seu carácter eminentemente transversal.

A disciplina de Filosofia está essencialmente vocacionada para abrir horizontes, contribuindo para a construção da identidade pessoal e social do jovem. Na multiplicidade de interpretações, de opiniões, de modos de ver, esta disciplina pretende contribuir para que o jovem reflita, problematize, relacione. Que desenvolva uma atitude de respeito pela opinião alheia, que implica pensar por si mesmo e saber argumentar. A Filosofia, além disso, é “um instrumento da vivência e aprofundamento da vida democrática”, da cidadania, porque pretende promover “condições que viabilizem uma autonomia do pensar, indissociável de uma apropriação e posicionamento críticos face à realidade dada, que passa por pensar a vida nas suas múltiplas

interpretações”⁵.

Como disciplina da formação geral, visa desenvolver a capacidade de confronto dialógico, e, para tal, procura desenvolver as competências de análise, de interpretação e de expressão discursiva. Daí que, além da vertente cognitiva, tente mudar atitudes e valores, métodos e instrumentos que possibilitem ao jovem uma participação efetiva, pessoal e consciente na vida da comunidade. Contudo,

“Ao longo dos anos, e sobretudo ultimamente, o papel do Ministério da Educação tem sido largamente guiado pelo único tipo de coisa que os políticos e os burocratas conhecem: a realidade virtual. Não importa se os estudantes realmente aprendem, desde que se finja que aprendem e desde que não sejam reprovados. Também não interessa se os professores realmente ensinam, desde que preencham grelhas e formulários infinitos, para dar a impressão de que estão a trabalhar. É que para a mentalidade burocrática e política, segundo a qual a realidade só tem densidade se estiver organizada num formulário, passar duas horas a ler um livro deve ser o cúmulo do desperdício de tempo dos professores. No entanto, para se dar uma revolução no nosso ensino bastaria que os nossos professores estudassem diariamente, durante duas horas, livros cientificamente sólidos sobre a sua área de actuação” (<http://criticanarede.com/ensinarafingir.html>).

Em síntese, como disciplina, a Filosofia tem por objetivos "permitir a cada um aperfeiçoar a análise das convicções pessoais e aperceber-se da diversidade dos argumentos e das problemáticas dos outros" (AA VV, 2001: 4) e para tal, exige-se que nos consciencializemos “do carácter limitado dos nossos saberes, mesmo dos mais assegurados” (*ibidem*).

2.3- A metodologia do professor de Filosofia no Ensino Secundário

Mas afinal o que é ser professor e qual a melhor metodologia a usar?

Ser professor parece-me ser muito mais que um indivíduo que debita “matéria” para uma “plateia”. Antes de mais, um professor, mesmo antes de o ser é um indivíduo, um cidadão com uma determinada cultura e que faz parte de uma dada sociedade. Tudo isto é muito importante porque terá, sem dúvida, influência no modo como encara o trabalho e a profissão:

“A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros seres acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo” (Pimentel e Monteiro, 2010: 328).

⁵ Cf. AA. VV. (2001). *Programa de Filosofia 10º e 11º ano*. Lisboa: Ministério da Educação- DES, p. 5.

As palavras proferidas são bastante ilustrativas e ajudam a pensar num professor para além daquilo que a nossa mente frequentemente representa, pois, pensa-se que um professor é alguém que consegue ensinar qualquer coisa, qualquer assunto. No entanto, não nascemos professores. É crucial que a nossa formação seja rigorosa, exigente, para que se consiga preparar os alunos para realidades que vão muito para além de uma sala de aula em que apenas se debita matéria.

Como escreveu Sebastião da Gama:

“E isto, e não que os adjetivos concordem em género e número com os substantivos, é que é preciso ensinar. Ensinar e ser. Antes de tudo, ser. A vida do professor deve ser (tanto quanto possível, pobres de nós!) luminosa e branca. Mais que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro...tanto quanto possível, pobres de nós!...

(...) Para ser professor também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a poesia nos visita.

O aluno acredita em nós e não deve acreditar em vão. Impõe-se-nos que mereçamos, com a nossa, a pureza dos nossos alunos; que a nossa alimente a deles, a mantenha.” (citado em Jorge, Maria, 2001:15)

Mas afinal o que é ser professor e em particular professor de Filosofia? Se pretendemos que a disciplina de Filosofia beneficie do potencial filosófico, educativo e pedagógico que lhe compete, teremos que a implementar com uma metodologia específica. Isso não é relevante apenas para a disciplina em si, apesar de esta ter séculos de existência, é importante também para rentabilizar o seu inigualável potencial pedagógico. Se desejamos uma Filosofia formadora e educadora no total sentido do termo, precisámos de conceder-lhe estatuto filosófico (cf. Boavida, 1997: 213). Os educandos (ou, se preferirmos, os aprendizes de filósofo como gostava de lhes chamar António Sérgio) (cf. Sérgio, 2001: 18) deverão ir ao encontro da Filosofia, ou seja, devem procurar criar a sua própria maneira de filosofar, não se contentando somente com resultados que advêm de teorias filosóficas, já que “A Filosofia não é uma atividade alheia a quem a realiza, não é uma ocupação inocente de quem a exerce. Implica todo o nosso ser” (Mendo e Barros, 2013: 10). Dito de outro modo, mais do que aprender Filosofia é importante que os alunos aprendam a filosofar. O que se leciona em Filosofia depende da forma como é ensinado, pois só através desta interligação é que haverá ensino e aprendizagem (cf. Boavida, 1997: 214). Apesar do ensino da Filosofia ser alvo de um descrédito, ele é essencial à formação humana do aluno. A verdadeira Filosofia é o estudo e o debate de problemas fundamentais relacionados com a existência, o conhecimento, a verdade, os valores morais, estéticos e religiosos, a mente, a linguagem. Por isso

é crucial, “Conhecer a história da Filosofia (...) dialogar com esses interlocutores (...) para fundar um conhecimento em alicerces sólidos” (Mendo e Barros, 2013: 22).

O principal objetivo de uma aula de filosofia é estimular o pensamento lógico, crítico e permitir que os alunos construam concepções gerais acerca do mundo que os rodeia. Assim é muito fácil ela ser ensinada, o que é difícil é ser apreendida se não for posta em prática:

“a capacidade de dar à luz crianças é uma faculdade natural. Da mesma forma, todos os homens podem compreender as verdades filosóficas usando simplesmente a razão. Quando alguém «recorre à razão», retira qualquer coisa de si mesmo” (Gaarder, 1997: 64).

Para fazer Filosofia é importante filosofar e isto é pessoal, intransmissível, pois deriva da experiência de cada um, “o aprender é também, sempre um aprender a conhecer” (Pimentel e Monteiro: 2010: 332). Contudo, aprender e lecionar Filosofia (sem saber) sem ter o hábito de filosofar é uma impossibilidade, pois a verdadeira arte de filosofar, a verdadeira Filosofia consiste no hábito de pensar e não na retenção de conhecimentos históricos da mesma (cf. Boavida, 1997: 216).

Há quem pense que os jovens, hoje em dia, têm dificuldade em lidar com questões alegadamente sem fundamento, sem uma base real (concreta), “abstratas”. Dai a necessidade de a iniciação ao estudo da Filosofia utilizar casos, partir de vivências reais, para que os alunos possam despertar a sua curiosidade e progressivamente elevar-se a níveis de pensamento e reflexão mais críticos:

“Mudam-se os tempos, muda-se a vontade, muda-se o pensamento. As respostas são outras, as inquietações também. Orientamo-nos em termos de ideias que nos foram comunicadas pela cultura. Interpretamos o mundo conforme a ciência e o senso comum, com raízes profundas no passado. Julgamos e decidimos em termos de princípios morais que a sociedade nos transmitiu. As nossas ações terão efeitos nos corredores do futuro. Por isso sabemos que a historicidade está presente na compreensão filosófica.” (Henrique e Barros, 2013: 13)

O professor de Filosofia deverá focar-se e ter a preocupação de conseguir que os alunos se entusiasmem pelos pensamentos de outros, dos grandes mestres da humanidade para que assim possam evoluir, para que a sua formação e desenvolvimento, enquanto pessoa e cidadão, seja a melhor possível: “É tempo de dar aos nossos estudantes o mesmo tipo de oportunidades que têm os estudantes de outros países mais desenvolvidos: a oportunidade para discutir as grandes ideias filosóficas, de igual para igual, com os melhores filósofos contemporâneos” (Murcho, 2002: 12). Para tanto, a atuação do professor é primordial pois este é que vai permitir que o seu aluno desenvolva estas capacidades, estimulando-o e aperfeiçoando o seu nível cognitivo. Contudo, não

poderemos deixar de salientar que atualmente o professor, apesar de ter o dever de tentar impor um ensino mais centrado no aluno, com o intuito de que os alunos ousem pensar e se envolvam no mundo da Filosofia de forma ativa, crítica e valorativa, não se pode esvaziar do sentido moral e pedagógico que regem e são características fundamentais da profissão docente. O papel do professor é essencial para a formação dos jovens, é como que uma rampa de lançamento para que o aluno chegue ao conhecimento, ou como diria o grande filósofo Kant, que “ouse pensar”⁶.

O verdadeiro professor é aquele que se apaixona pela arte de ensinar e se compromete com um ensino centrado nos alunos. O mais importante nesta profissão e o maior privilégio é poder reinventar-nos a cada dia. Assim sendo, “compete ao professor devolver às escolas a sua verdadeira vocação, e tirar das garras dos burocratas do Ministério e dos políticos cinzentos de discurso televisivo o destino das escolas” (Murcho 2002: 12), pois, atualmente, a presente massificação escolar e a diversidade coletiva tendem a obrigar à submissão metodológica da disciplina de Filosofia quando na realidade, a sua metodologia tem de ser radicalmente diferente das restantes disciplinas.

⁶“Ousar pensar” deriva do latim “*Sapere aude*”. É uma expressão representativa do filósofo Immanuel Kant, que remete para a busca do conhecimento. Nasce na época do Iluminismo, portanto, na emancipação do ser humano, ou seja, no reconhecimento da sua capacidade de pensar e de decidir por si mesmo.

3. APLICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

"De mim não aprendereis Filosofia, mas antes como filosofar, não aprendereis pensamentos para repetir, mas antes como pensar"

Immanuel Kant

"É mais importante aprender a pensar do que acumular conceitos"

Mathew Lipman

"E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?"

José Saramago

3.1 - A metodologia de Lipman no Ensino Secundário: a importância do diálogo dentro da sala de aula

Durante a lecionação das aulas, como professora estagiária, tentei que os alunos se questionassem acerca das várias temáticas filosóficas e que desenvolvessem um pensamento autónomo acerca dos vários assuntos que foram surgindo. Tentei que os alunos percebessem a necessidade de um aumento do grau de consciência para os problemas que envolvem no seu quotidiano:

"Porque é que temos que esperar que terminem a escola para que os jovens se tornem cidadãos interessados, ativos, participativos? Será por pensarmos que só quando deixam a escola é que se tornam conscientes da realidade que os circunda? (Rego, 2015: 84).

Como a Filosofia é a arte de pensar e argumentar, encorajei os jovens no desenvolvimento das suas próprias capacidades cognitivas para que pudessem fazer juízos de valor acerca da matéria que estava a ser lecionada. Qual o propósito? Qual o objetivo? Não só tentar promover o espírito crítico acerca de tudo o que os rodeia, como fundamentalmente tentar que os alunos fossem capazes de participar nas aulas e argumentar sem receio de serem "julgados". Tais julgamentos de respostas ou de opiniões muitas vezes feitas pelos docentes fazem com que os alunos se sintam cada vez mais desmotivados, que a autoconfiança destes desapareça e acima de tudo despoletam a ansiedade nos jovens.

O método pedagógico que adotei foi o de Mathew Lipman⁷ que assenta na importância do “Caring Thinking”⁸, ou seja, na capacidade de formarmos a nossa identidade em prol de um bem comum (sociedade) de forma **ativa, normativa, avaliativa e afetiva**:

“ **Ativa**- prende-se com a nossa ação em sociedade, com a nossa capacidade de contribuir para a construção do nosso destino enquanto membros de determinada comunidade.

Normativa- para que pautar a nossa conduta, tem de haver critérios práticos de ação; esses critérios traduzem-se em regras com base numa apreciação que se faça da situação, e das opções a adotar.

Avaliativa- agimos de acordo com aquilo que valoramos, ou seja, a partir do que consideramos ser o melhor curso de ação a tomar em determinadas situações. Agimos de acordo com o que acreditamos ser preferível, ser o mais eficaz ou o mais correto.

Afetiva- porque não somos autómatos, mas, antes, seres dotados de livre arbítrio, o uso da nossa liberdade subentende a consciência das nossas preferências, uma tomada de posição ao nível dos afetos/emoções (...)” (Rego, 2015: 24).

Durante as aulas, tentei adaptar a metodologia de Lipman utilizada nas sessões de Filosofia para Crianças, em jovens e adolescentes. Procurei usar uma metodologia ativa que garantisse que as aulas decorressem com ordem e serenidade. Só assim os alunos se respeitariam e o diálogo seria possível. A comunicação na sala de aula era essencialmente desenvolvida a partir das intervenções dos próprios alunos, porque “somos nós que damos sentido ao que existe, que percebemos, que analisamos, que gostamos ou deixamos de gostar” (Rego, 2015: 35). O diálogo deve existir, é um facto, contudo ele tem de ser subordinado a regras. Tais regras, foram explicitadas por mim logo no início da minha lecionação:

- Todos os alunos na sala de aula tinham que participar e expor as suas ideias sobre a temática que estava a ser abordada;
- A participação teria de ser ordenada;
- A participação era moderada por mim;
- Não eram permitidas participações espontâneas, ou seja, quem quisesse falar, teria de aguardar a minha permissão para o fazer;

⁷ Mathew Lipman (1922-2010) é considerado o fundador do programa de Filosofia para Crianças. O principal objetivo foca-se principalmente em desenvolver nas crianças competências e habilidades de raciocínio, pois acredita que estas possuem uma capacidade de pensar em termos abstratos desde a mais tenra idade.

⁸ Termo que detém vários significados, tais como: cuidado interesse, proteção, entre outros. Contudo, para Lipman a melhor tradução era a de pensamento interventivo.

- Era crucial o respeito de todos, entre todos e por todos, caso contrário eram convidados a sair;

Mediante esta metodologia, os alunos vão-se apercebendo da importância da comunicação e de que a existência de regras na sua vida presente e futura é essencial. Pois, se existirem tais regras de convivência entre os indivíduos, se houver tolerância, responsabilidade, confiança, os nossos valores enquanto pessoa serão muito mais conscientes e interventivos na sociedade de forma a contribuir e a elevar o nível de consciência face às diversas problemáticas existentes (cf. Rego, 2015: 28). Posto isto, os alunos progressivamente apercebem-se que estão a fazer juízos apropriados e criteriosos e assim a confiança destes em participar será muito maior:

“Numa dimensão pessoal, cada um contribui, a partir do seu carácter único, para a produção de um bem comum, neste caso, para a discussão filosófica. Ao fazê-lo, não está só a exercitar o seu sentido crítico, como a apelar à sua criatividade e tudo isto num contexto cívico de participação, de pertença a uma comunidade, a uma comunidade de investigação. Estas são as razões pelas quais este programa é muitas vezes referenciado pela sua contribuição para um verdadeiro exercício da cidadania ou de educação para a democracia” (Rego, 2015: 29).

O maior desafio para o professor é despoletar nos alunos a motivação e a vontade necessária para que a sua educação seja direcionada para o “pensar”, onde as perguntas e o diálogo seja a base do conhecimento.

Nas aulas presentes e futuras pretendo que os meus alunos possam discutir ideias, tanto as do próprio como as do colega, apresentando questões, dando contra exemplos quando não concordam, pois “aprendemos melhor se nos damos bem com o professor; aprendemos melhor se nos damos bem com a nossa turma, se sentimos que somos plenamente um deles” (Rego, 2015: 36) e deste modo acontece “a mudança do aprender para o pensar. Queremos alunos que pensem por si mesmos, e não alunos que só aprendam o que outras pessoas pensaram” (Lipman, 1995: 44).

Assim sendo, o que ambiciono é que os alunos não tenham receio de construir os seus próprios critérios, definições, descobertas, mediante a sustentação dos argumentos e acima de tudo despertar neles a curiosidade na aprendizagem, pois

“aprender alguma coisa é aprendê-la de novo com o mesmo espírito de descoberta que prevalecia quando foi descoberto pela primeira vez, ou com o mesmo espírito inventivo que prevalecia quando foi inventado da primeira vez” (Lipman, 1988a: 94).

3.2- Mapa global das aulas: tema, material pedagógico utilizado e momentos da aula⁹

Aula 1 (10 de Fevereiro de 2015) - A necessidade da fundamentação da moral: Kant, uma ética deontológica. Identificar o dever: o imperativo categórico.

A Máquina do Tempo: “Aula fictícia com Kant”- Os alunos imaginaram que através de uma máquina do tempo projetada em PowerPoint, tinham o privilégio em ter uma aula com Kant (filósofo em estudo). A aula “fictícia” teve como suporte uma adaptação de excertos selecionados da obra *O Mundo de Sofia*. (Ver anexo 3)

1º momento - Interrelacionei a teoria Kantiana com a ação humana e os valores para uma melhor compreensão por parte dos alunos do encadeamento da matéria.

2º momento - Elucidei os alunos acerca do papel da teoria proposta por Kant, contextualizando-a e fazendo referência às suas obras, recorrendo à História da Filosofia (bibliografia complementar). Através do uso do PowerPoint, os alunos entraram em contacto com a matéria, mediante o uso de esquemas sintetizadores através dos quais deviam ser capazes de diferenciar o imperativo hipotético do imperativo categórico. Para consolidação da matéria lecionada, implementei o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado (PIP), a adaptação de um excerto da obra *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder, intitulada: “A Máquina do Tempo- Aula fictícia com Kant”.

3º momento - Preenchimento de um primeiro inquérito por parte dos alunos, alusivo ao Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada, intitulado “O papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico”.

Nesta aula, os alunos ficaram entusiasmados e consegui captar-lhes a atenção, atingindo os objetivos que me propus alcançar. Embora estivesse nervosa, penso que não o deixei transparecer.

Aula 2 (12 de Fevereiro de 2015) - A necessidade da fundamentação da moral: Kant - uma ética deontológica. A necessidade de Querer cumprir o dever. Um olhar crítico sobre a ética Kantiana.

⁹ Antes de mais o manual utilizado pelos alunos e por mim própria é Filosofia 10, da Raiz Editora. Evidentemente que muitos dos aspetos presentes na planificação das minhas aulas tiveram de ter em conta a perspetiva desse mesmo manual, assim como, o livro de apoio ao estudo da disciplina. O 1º momento é a Introdução da aula, o 2º momento é o Desenvolvimento da aula e o 3º momento é a Conclusão da aula.

“Imagina que...”- Cenários hipotéticos adaptados por mim de Desidério Murcho. Os casos práticos tiveram como objetivo envolver os alunos na aula e acima de tudo facilitar-lhes a compreensão da matéria que estava a ser lecionada. (Ver anexo 4)

“A Máquina do Tempo: Aula fictícia com Kant - parte II” - Diálogo imaginário adaptado da obra o *Mundo de Sofia*. (Ver anexo 5)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior.

2º momento - Elucidei os alunos da existência de uma ética formal (caráter universal) e de uma ética material (caráter particular). Através do uso do PowerPoint, os alunos tiveram contacto com a matéria. Mediante o uso de esquemas sintetizadores foram capazes de perceber que o imperativo categórico é formal e válido para todas as pessoas (universalidade). Relativamente à questão “*O que faz com que uma pessoa seja moralmente boa?*”, os alunos deviam reconhecer que para Kant, só a boa vontade é boa em si mesma e é aquela que age por dever. Por fim, os alunos realizaram uma ficha de trabalho intitulada “Imagina que...”, onde apresentei dois casos práticos, onde foram abordadas algumas perspetivas críticas relativamente à ética Kantiana.

3º momento - Para consolidação da matéria lecionada, foi implementado o Projeto de Intervenção Pedagógico Supervisionado (PIP), mediante uma adaptação de um excerto da obra *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder, intitulada “A Máquina do Tempo - Aula fictícia de Kant - Parte II”.

A aula correu conforme estava planificada e acima de tudo os alunos mostraram-se interessados e empenhados.

Aula 3 (19 de Fevereiro de 2015) - A necessidade da fundamentação da moral: O utilitarismo - uma teoria consequencialista. O refinamento da teoria.

“E agora o que faço?”- Foi pedido aos alunos que imaginassem eventuais situações que lhes possam acontecer no futuro e dessem a sua opinião fundamentada acerca da sua escolha, recorrendo às teorias estudadas: deontológica ou consequencialista. Dispuseram-se na sala de aula mediante a perspetiva que melhor se enquadravam, de um lado os defensores da ética deontológica, de um outro lado os defensores da ética utilitarista. Poderia ainda haver quem não defenda nenhuma das duas. Todos os alunos deviam participar e é obrigatório que cada um defendesse uma posição. As suas escolhas tinham que ser fundamentadas. O objetivo do presente exercício foi estimular o pensamento dos

alunos, consolidando também a matéria abordada nas aulas (perspetiva deontológica e utilitarista). (Ver anexo 6)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior. Através de um quadro sintetizador, os alunos deviam reter os principais aspetos da ética deontológica de Immanuel Kant e ter um primeiro contacto com a teoria consequencialista de Stuart Mill.

2º momento - Esclareci os alunos acerca do papel da teoria utilitarista, contextualizando-a e fazendo referência às suas obras. O utilitarismo, fundado nos fins de século XVIII por Jeremy Bentham, foi desenvolvido e aperfeiçoado no século XIX por John Stuart Mill e ainda hoje conta com o apoio de pensadores contemporâneos. Através do uso do PowerPoint, os alunos tiveram contacto com a matéria, mediante o uso de esquemas sintetizadores, apresentei as três éticas presentes no utilitarismo (naturalista, hedonista e consequencialista). Por sua vez, foi importante esclarecer aos alunos, que a ética consequencialista assenta na ideia que cada pessoa deve articular os seus interesses particulares com os interesses mais comuns, de maneira que a sua ação seja boa, isto é, proporcione a máxima utilidade a todas as pessoas envolvidas nos resultados da ação. Uma ação boa é aquela que é útil, mas uma ação moralmente correta é aquela cujas consequências se traduzem em felicidade (prazer) para as pessoas. Por fim, foram ainda esclarecidos conceitos como: utilidade, felicidade, prazer, dor, utilitarismo da norma e do ato, e ainda as falhas apontadas à teoria utilitarista.

3º momento - Consolidação da matéria dada através de um exercício prático, intitulado: “E agora, o que faço?”.

Esta, de todas, foi a aula que menos me agradou lecionar, não pela matéria em si, mas sim pela estratégia utilizada por mim: o método expositivo. Este é um método muito desatualizado, antigo e com o qual não me identifico. A Filosofia é atual, crítica, participativa, formadora e o seu ensino deve ser centrado nos alunos e essencialmente dialógico.

Aula 4 (24 de Fevereiro de 2015) - Continuação da matéria dada na aula anterior: O utilitarismo na época contemporânea. Um olhar crítico sobre a ética utilitarista.

“Dilema de Trólei - deixar morrer ou matar”- cenário hipotético apresentado aos alunos que deram a sua opinião e recapitularam teorias, aplicando-as. Este cenário hipotético foi adaptado de Desidério Murcho. (Ver anexo 7)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior. Primeiramente, optei por colocar dois alunos no quadro e em diálogo com os restantes foi-se estabelecendo a distinção entre Kant e Mill.

2º momento - Elucidei os alunos acerca da transformação que Mill trouxe à filosofia, ou seja, que a utilidade ou o princípio da maior felicidade é o fundamento da moralidade. Deste modo, defende-se que as ações estão certas na medida em que tendem a promover a felicidade, erradas na medida em que promovem o oposto da felicidade. Por felicidade, entende-se o prazer ou a ausência de dor. O que é importante são as consequências dos atos, não interessando as motivações ou intenções pelas quais foram praticados. Através do uso do PowerPoint os alunos entraram em contato com a matéria e deviam compreender que para Stuart Mill existem vários tipos de prazer, ou seja, que alguns prazeres em virtude da sua natureza são mais valiosos que outros e que os prazeres que resultam do uso das nossas capacidades intelectuais são superiores. Existem ainda dois tipos de utilitarismo, o do ato e o da norma, considerando que só se deve recorrer ao primeiro em situações conflitantes e que no quotidiano se deve seguir as normas que têm funcionado. Posteriormente, estes devem perceber que o utilitarismo é alvo de objeções por pretender objetivar realidades tão diferentes e complexas como o prazer e a felicidade e sobretudo, parece não identificar que existem ações que são inerentemente más e que não dependem das consequências. Assim, através de casos hipotéticos e dilemas consegui captar a atenção dos alunos, fazer com que estes assumissem uma posição fundamentada, crítica e principalmente que conseguissem apreender a matéria. Através do “Dilema de Trólei”, os alunos assumiram uma posição crítica fundamentada e posicionaram-se perante os dois cenários apresentados de uma forma utilitarista ou de uma forma Kantiana. Por fim, os alunos deviam reconhecer que no utilitarismo da época contemporânea houve algumas mudanças. Utilitaristas como Richard Hare e Peter Singer substituíram o conceito de felicidade pelo de preferência. Singer pretende mesmo explicar o comportamento moral recorrendo à teoria da evolução do homem.

3º momento - Para consolidação da matéria lecionada foi elaborado um esquema síntese acerca da ética consequencialista de Stuart Mill.

Esta foi a primeira aula assistida pelo Supervisor da Universidade do Minho, o Doutor Artur Manso. É de salientar que foi das aulas que mais gostei de lecionar, pois, contrariamente à aula anterior, foi uma aula dinâmica, ativa e participada. Na minha opinião, a aula correu bem e os alunos deixaram-se envolver pela mesma e citando o meu Orientador de Estágio: “O projeto de

intervenção foi bem explanado e funcionou junto dos alunos, existiu uma espécie de narrativa e, deste modo, a aula acontece”.

Aula 5 (26 de Fevereiro de 2015) - Ética, Direito e Política. Origem, natureza do Estado e do poder político - Aristóteles.

“Aristóteles (vida, ética e política) ” - Leitura de um excerto da obra “O Mundo de Sofia”, com o objetivo de familiarizar os alunos e envolvê-los na nova temática. (Ver anexo 8)

“Exame Político” - Resposta dos alunos a uma ficha de trabalho com nove questões políticas essenciais para uma melhor compreensão e envolvimento na matéria. Ao longo das aulas seguintes foram projetadas algumas respostas dos alunos para poder trocar ideias e clarificar alguns conceitos. (Ver anexo 9)

1º momento - Consolidação da matéria dada na aula anterior, acerca do utilitarismo na época contemporânea, segundo a perspectiva de Richard Hare e Peter Singer.

2º momento - Esclareci os alunos que a ética, o direito e a política são campos que estão relacionados mas que não devem ser confundidos. Tal relação advém do facto de estarem ligados ao agir humano. Tanto a política como o direito devem ter como ponto de partida os princípios éticos. A realização do ser humano no interior de uma sociedade é essencialmente configurada pelo direito e pela política. Como a liberdade é um valor indiscutível de cada ser humano, a vida em sociedade impõe limites a essa liberdade. O ser humano enquanto ser autónomo e agente moral com direitos e deveres é também um cidadão que convive com outros seres igualmente dotados de liberdade, com direitos e deveres. Através do uso do PowerPoint foi explicitada a matéria e os alunos deviam entender que Aristóteles definia o homem como animal político, acreditando ser a participação na vida prática política da polis (cidade organizada) a verdadeira função do indivíduo. Com a leitura de excertos do livro *O Mundo de Sofia*, os alunos tiveram contato com a matéria de uma forma mais ativa, participante e dinâmica. Deviam entender que para Aristóteles, o Estado surge como resposta da necessidade de os indivíduos conviverem em harmonia. Da família - forma de organização elementar - às aldeias e das aldeias às cidades-estado. A Polis (ou Estado) apresenta-se como o lugar ideal de exercício de direitos e deveres do cidadão. O Estado é, na perspectiva Aristotélica, a condição de realização do próprio indivíduo. Por último, a perspectiva política de Aristóteles é relacionada com a ética, na medida em que, o fim do

Estado é a formação moral dos cidadãos. A realização da vida moral (a virtude – *Arêté*) tem lugar na cidade (polis) e só esta pode garantir e fornecer o conjunto de meios necessários para esse fim.

3º momento - Para consolidação da matéria lecionada, os alunos realizaram uma ficha de trabalho designada por “Exame Político”, onde por escrito foram submetidos a algumas questões essenciais e determinantes que os podem ajudar a ser cidadãos ativos e participantes na sociedade.

Penso que esta aula não funcionou tão bem como as anteriores, talvez pela quantidade de temas que foram abordados.

Aula 6 (3 de Março de 2015) - Ética, Direito e Política: Origem, natureza do Estado e do poder político - Aristóteles, Thomas Hobbes e John Locke. Trabalho de grupo.

Trabalho de Grupo - Os alunos foram distribuídos em 6 grupos e esclarecidos acerca do trabalho a ser desenvolvido ao longo da aula. Através do recurso a textos de Aristóteles, Hobbes e Locke, tinham como proposta de trabalho elaborar um pequeno resumo do texto e responder a duas questões. Seguidamente, o trabalho de cada grupo foi apresentado à turma e foram discutidas as principais ideias de cada texto e os principais aspetos a reter de cada teoria.

1º momento - Os alunos foram distribuídos em seis grupos e esclarecidos acerca do trabalho que irá ser desenvolvido por eles ao longo da aula.

2º momento - Elucidei os alunos da importância e da seriedade de um trabalho de grupo. Através do recurso a textos de Aristóteles, Hobbes e Locke, os estudantes deviam elaborar um pequeno resumo do texto. Seguidamente, cada grupo apresentou o seu trabalho à turma, discutindo-se as principais ideias de cada texto e os aspetos a reter de cada teoria.

3º momento - Por fim, foi distribuída a resolução da ficha de trabalho realizada na aula anterior - Exame Político. A principal mensagem deixada aos alunos foi que estes deviam ser autocríticos e aperceber-se que a maior parte deles, têm carência de “vitamina p¹⁰”. Esta é determinante para criar condições para uma cidadania mais informada, consciente, empenhada e interventiva na promoção de uma sociedade mais justa, mais tolerante e humana.

¹⁰ Vitamina p- vitamina política.

Faço um balanço muito positivo desta aula, pois os alunos conseguiram de forma bastante satisfatória resolver todas as atividades que lhes foram propostas.

Aula 7 (7 de Abril de 2015) - Ética, direito e política: John Rawls e um Estado justo. Uma experiência mental - escolher sob um véu de ignorância.

“Lost, uma experiência mental”- Lost é uma famosa série de televisão norte-americana de drama e ficção científica que se centra no quotidiano dos sobreviventes de um acidente aéreo numa misteriosa ilha tropical, após o acidente do avião que viajava de Sydney para Los Angeles. Após a visualização do trailer os alunos tinham de imaginar um grupo de estranhos numa ilha deserta; estes decidem formar uma nova sociedade, depois de perderem qualquer esperança de resgate; cada sobrevivente quer favorecer os seus próprios interesses, mas todos compreendem que tal só será possível se houver cooperação; têm que chegar a um acordo quanto a um contrato social. Assim sendo, segunda a teoria de John Rawls os alunos tinham de abordar entre eles duas questões:

- O que fazer para estabelecer tais princípios?

- Que normas irão acordar? (ver anexo 10)

1º momento - Esta aula realizou-se logo após as férias da Páscoa e deste modo comecei por perguntar como tinham corrido as férias, fazendo uma breve alusão à Semana da Filosofia que decorreu de 13 a 17 de Abril. Posteriormente, foi feita uma referência à matéria que iríamos abordar na presente aula e uma interligação com a matéria anterior (leccionada antes das férias). Deste modo, os alunos deviam apreender que à semelhança dos filósofos contratualistas modernos já estudados, Rawls (autor em estudo na presente aula) apresenta uma conceção de justiça, partindo da ideia de um contrato originário.

2º momento - Esclareci os alunos acerca do papel da teoria de Justiça de John Rawls, contextualizando-a e fazendo referência às suas obras. A justiça para este filósofo parte da ideia de um contrato originário. Para uma melhor compreensão da matéria foram dados exemplos, tais como o do Robin dos Bosques e o caso de um homem que roubava aos ricos para dar aos pobres, um “Zé do Telhado” dos nossos dias. Para criar o cenário hipotético da escolha sob um véu de ignorância e para facilitar a compreensão do mesmo, mediante o visionamento de um trailer da série *Lost*, os alunos deviam entender que os indivíduos têm de definir os princípios básicos que orientam o funcionamento da sociedade e a possibilidade de construir uma sociedade cujas

instituições são justas. Os indivíduos que se encontram na posição original devem desconhecer as funções, as condições e as características que irão desempenhar dentro da sociedade. Para Rawls, à partida ninguém sabe qual a sua situação dentro da sociedade (se é boa ou má). Somente nestas condições de ignorância é que se assegurará a escolha imparcial dos princípios de justiça que irão garantir a organização e o funcionamento da sociedade em que estão inseridos. Por sua vez, foi importante esclarecer que o filósofo defende, precisamente, a ideia de que a justiça social implica a equidade. Deste modo, ser justo não é seguir espontaneamente os seus interesses negligenciando ou mesmo atropelando os interesses dos outros. Entender a justiça como equidade é entender que a justiça não é cega, como simbolicamente tem sido apresentada, porque implica tratar igualmente o que é igual e desigualmente o que é desigual, isto é, exige ser aplicada de olhos bem abertos para atender às circunstâncias e aos contextos em que decorre a vida das pessoas. Assim sendo, fiz ainda uma alusão ao símbolo da justiça (Estátua), sendo interpretado pelos alunos os elementos que a constituíam: venda, espada, balança. O objetivo deste exercício foi sensibilizar os alunos para a temática que futuramente iria ser abordada: Estética. Deste modo e através de exemplos práticos apresentei os princípios de justiça (princípio da igualdade e princípio da diferença) que visam garantir o reconhecimento das diferenças existentes entre os indivíduos. Assim sendo, Rawls dá a possibilidade de todos os indivíduos aproveitarem o máximo de vantagens possível (mesmo aqueles que se encontram em melhor posição na sociedade), desde que essas vantagens revertam sempre a favor dos mais desfavorecidos. Assim só existindo equidade é que pode existir justiça social, que consiste, afinal, numa compensação das desigualdades, redistribuindo os bens essenciais, a fim de que todos possam usufruir deles. Por fim, após a exposição dialogada da matéria, os alunos consolidaram os seus conhecimentos através da realização de uma ficha de trabalho de escolha múltipla.

3º momento - Finalmente, os alunos realizaram os seus trabalhos escritos para a exposição na Semana da Filosofia¹¹, intitulados: Construção de um Robô.

Na minha opinião, a aula correu muito bem e os alunos entenderam bem os conceitos de posição original, véu de ignorância, acordo original, assim como, a principal intenção do autor na criação de uma sociedade justa.

¹¹ Trabalho realizado pelos alunos para a exposição da Semana da Filosofia, que decorreu entre 13 a 17 de Abril de 2015.

Aula 8 (9 de Abril de 2015) - Ética, direito e política. Continuação da matéria da aula anterior.
Um olhar crítico sobre a teoria de John Rawls.

“Ensaio sobre a Cegueira”- O filme explora a inexistência de qualquer tipo de autoridade ou assistência por parte de instituições dentro da parede do hospital, para além da distribuição de mantimentos, faz com que um grupo de indivíduos assumam a liderança a fim de coordenar as ações de toda a comunidade de uma forma disciplinada e igualitária. O problema surge quando outros colocam em causa a autenticidade da autoridade daqueles que espontaneamente assumiram a sua liderança, as suas decisões e os direitos assegurados a todos os indivíduos. O objetivo do presente exercício é os alunos debaterem entre si se a teoria de John Rawls se enquadra ou não neste cenário e definir os conceitos de justiça, igualdade, equidade e os princípios de uma sociedade justa. (Ver anexo 11)

A teoria de John Rawls é frágil ou resistente? Sendo a Filosofia política mais importante do final do século XX, a teoria de Rawls tem sido alvo de enorme atenção crítica, tendo gerado inúmeras objeções, algumas bastante sofisticadas. Os alunos tiveram de apontar algumas falhas presentes na teoria, justificando-as e apresentando formas de as contornar.

“Exame Estético”- os alunos responderam a uma ficha de trabalho com questões sobre Estética com o propósito de perceber se estão ou não familiarizados com esta nova temática. (Ver anexo 12)

Como o meu Projeto de Intervenção se intitula “A Importância da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico”, com a devida permissão do orientador Doutor José Augusto Ribeiro, optei por dar uma maior relevância às críticas a que a teoria rawlsiana é alvo.

1º momento - Primeiramente, corrigimos um exercício de escolha múltipla (entregue na aula anterior)

2º momento - Esclareci os alunos acerca de eventuais dúvidas sobre a teoria da justiça de John Rawls. Através de uma breve referência ao filme de José Saramago, *Ensaio Sobre a Cegueira*, os alunos tentaram, entre eles, definir os conceitos de justiça, igualdade, equidade, os princípios da sociedade justa e indicaram de que forma esses conceitos foram ou não explorados no filme. Os alunos deviam perceber que sendo a Filosofia política mais importante do final do século XX, a teoria de Rawls tem sido alvo de enorme atenção crítica, tendo gerado inúmeras objeções, algumas

bastante sofisticadas. As críticas que foram abordadas, colocam em causa a ideia de que, a partir da posição original, as pessoas escolheriam os princípios que Rawls sugere, quer porque poderiam, ou deveriam, escolher outros, quer porque não poderiam escolher mais nenhum, pois não poderia haver acordo nessas circunstâncias. Deste modo, após a exposição dialogada da matéria, os alunos realizaram uma ficha de trabalho, denominada Exame Estético.

3º momento - Por fim, os alunos continuaram com a realização dos seus trabalhos escritos, para a exposição na Semana da Filosofia, intitulado: Construção de um Robô

Faço um balanço positivo desta aula pois consegui proporcionar um bom ambiente de trabalho, cumprindo o principal objetivo: um ensino centrado nos alunos, pois, a aula é para eles e não para mim.

Aula 9 (16 de Abril de 2015) - A Dimensão Estética: Análise e compreensão da experiência estética.

“O meu gosto será melhor que o teu?” - Este exercício prático foi efetuado em dois momentos: num primeiro momento, para tentar perceber em que estado se encontrava a familiaridade dos alunos perante as obras de arte e, num segundo momento, quando foi lecionado Immanuel Kant: “O Juízo de Gosto”. Os alunos a partir de pinturas que foram projetadas em PowerPoint preencheram uma ficha de trabalho onde exprimiram a sua opinião acerca do que viam, o seu gosto, a intenção do artista e ainda, se possível, mencionaram o nome do autor da obra. (Ver anexo 13)

“Palavras soltas” - Através de uma lista de palavras desordenadas, os alunos, como trabalho para casa, elaboraram um esquema síntese e explicaram o porquê da escolha. O objetivo foi que todos participassem, tentando tornar presentes conceitos anteriormente apreendidos e demonstrar que todas as matérias lecionadas tinham uma sequência lógica. (Ver anexo 14)

1º momento - Elaboração de um exercício prático, intitulado: O meu Gosto será melhor que o teu?, em relação ao qual os alunos demonstraram um imenso agrado. Será importante referir que esta temática desagrada habitualmente aos alunos.

2º momento - Os alunos procederam à elaboração de um esquema síntese, onde tentaram encadear a presente temática a outras já abordadas, no decorrer do ano letivo. Entre eles, tentaram por intermédio de palavras soltas (facultadas na última aula), ligá-las e ainda explicarem o porquê

da escolha. O objetivo deste exercício foi tentar tornar presentes conceitos anteriormente lecionados e ainda demonstrar que todas as matérias têm uma sequência lógica. Através do uso do PowerPoint, os alunos entraram em contato com a nova temática: Estética. Deste modo, optei por projetar algumas respostas dadas pelos alunos ao "Exame Estético", à questão nº 1 "O que é a Estética?", para que eles pudessem ter uma maior percepção daquilo que realmente se estuda nesta unidade e poderem aperfeiçoar os seus conhecimentos. Assim, trocamos opiniões fundamentadas acerca de algumas respostas projetadas com o propósito de os alunos entenderem que a disciplina filosófica que se ocupa com as questões relacionadas com a beleza ou o belo é a Estética. Ao longo dos tempos, diferentes concepções de belo foram desenvolvidas. Uma das mais antigas e importantes é a de Platão, para quem o Belo corresponde a uma ideia perfeita, absoluta e inalterável (eterna). Contudo, nos nossos dias, o conceito de beleza é, por vezes, relegado para segundo plano e há até quem o considere um obstáculo ao tratamento de outros conceitos (como os de harmonioso, elegante, atraente, sublime, etc.). Posto isto, os alunos perceberam que para se tentar definir o belo, a Filosofia tem de começar por se questionar como é que experienciamos a beleza, isto é, tem de analisar a experiência estética (uma das muitas dimensões que encontramos no ser humano), assim como os elementos e a estrutura que a constituem.

Os alunos através do quadro de Leonardo da Vinci responderam a três questões:

- 1- Quais os elementos que constituem a experiência estética? Justifica.
- 2- Qual o tipo de relação sujeito/objeto? Justifica.
- 3- Qual a forma de atenção dada ao objeto? Justifica.

3º momento - Elucidei os estudantes acerca da palestra a que assistiriam, na hora seguinte, "Promover o espírito crítico".

Posso referir que os alunos estiveram muito envolvidos e participativos na aula. Deste modo, é importante mencionar que os exercícios dinâmicos funcionam muito bem em sala de aula, pois permitem o diálogo e o questionamento, o que é essencial em Filosofia.

Aula 10 (21 de Abril de 2015) - A Dimensão Estética. Continuação da matéria dada na aula anterior: O Juízo Estético

“Exercício Prático: Aplicação de conhecimentos” - Através da visualização de uma pintura de Pablo Picasso, os alunos deviam responder a três questões com o objetivo de consolidar a matéria. (Ver anexo 15)

Esta foi a segunda aula assistida pelo Doutor Artur Manso.

1º momento - Nesta aula, como em todas as outras, os alunos, entre eles, de uma forma ativa e ordenada, recapitularam a matéria lecionada na aula anterior.

2º momento - Através do uso de PowerPoint apresentei a matéria proposta para a presente aula. A Filosofia tem de começar por se questionar como é que experienciamos a beleza, isto é, tem de analisar a experiência estética (uma das muitas dimensões que encontramos no ser humano), assim como os elementos e a estrutura que a constituem. Ao longo da aula foi lecionada a matéria de uma forma dialogada e centrada nos alunos sendo projetadas novamente respostas dadas pelos alunos ao “Exame Estético” assim como ao exercício prático “O meu gosto será melhor que o teu?” (todas as respostas projetadas tinham perguntas que se enquadravam com a matéria que estava a ser lecionada). Penso que este género de exercício é importante para que os alunos possam perceber a variedade de respostas que cada experiência possibilita aos sujeitos.

Assim, os estudantes compreenderam que o que desperta um juízo estético são as sensações, os sentimentos, a admiração que manifestam o prazer, o gosto, o bem e a utilidade que possam eventualmente ser sugeridos por qualquer obra. E compreende-se tudo isto porque a arte reflete a vida, e esta reconhece-se como espontânea, multifacetada e inesperada. Assim, o juízo estético deve refletir essa abertura, assegurar na sua natureza toda a liberdade da arte, acompanhá-la na aventura da sua expressão. Deste modo, compreende-se a pluralidade dos juízos estéticos: obras que são consideradas complexas, outras ambíguas, humorísticas, cúmplices, ilógicas, irrefletidas, surreais (...). Posto isto, os alunos entenderam que a natureza de um juízo estético pode ser apresentada através do Objetivismo Estético: Monroe Beardsley (1915- 1985) e do Subjetivismo Estético: Kant e David Hume (século XVIII). No objetivismo estético: os juízos são objetivos, descrevem as qualidades dos objetos e são suscetíveis de serem verdadeiros ou falsos; no subjetivismo estético, as qualidades estéticas têm uma componente subjetiva e os juízos estéticos são subjetivos no sentido em que exprimem um estado de espírito.

Deste modo, Kant distingue três tipos de Juízos:

- 1- Juízo Empírico-Objetivo.
- 2- Juízo sobre o agradável e o desagradável: Subjetivo.

3- Juízo de Gosto: Subjetivo mas universal.

Para Kant o “gosto” é uma espécie de faculdade humana que todas as pessoas possuem, é universal, pois é um modo de perceber os objetos. Esta faculdade do “gosto”, é diferente do entendimento e da razão e permite reconhecer a beleza no concreto, proporcionando uma experiência mental - a experiência estética.

3º momento - Por fim, os alunos para consolidação da matéria, estava planejada a leitura de um diálogo intitulado: Conversa de Café, os gostos discutem-se?

Nesta aula, como em todas as outras os alunos, entre eles, de uma forma ativa e ordenada, deixaram-se envolver na aula. Posso ainda relatar que não consegui, por falta de tempo, concluir a planificação preparada para a presente aula.

Aula 11 (23 de Abril de 2015) - A criação artística e a obra de arte. A criação artística. A obra de arte.

“Conversa de Café, os gostos discutem-se?”- Os alunos para consolidação da matéria, procederam à leitura de um diálogo intitulado: Conversa de Café, os gostos discutem-se? Assim, foi criado um ambiente descontraído, um gênero de teatro, para os alunos se envolverem com a problemática dos gostos, para se aperceberem que as temáticas lecionadas nas aulas de Filosofia são atuais e aplicam-se a situações do nosso cotidiano. (ver anexo 16)

“Os gostos não se discutem”- O intuito da leitura desta “carta aberta” foi tentar perceber se os alunos pensam, ou não, segundo o antigo ditado “os gostos não se discutem”. Este material foi usado com o propósito de demonstrar que até em notícias de jornal, a Filosofia esteve, está e sempre estará presente e atual. (Ver anexo 17)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior onde comecei por utilizar um material didático que já se encontrava planejado para a aula anterior, mas que por falta de tempo, não me foi permitido implementá-lo. Deste modo, iniciei a aula com a leitura de um diálogo e simulação de uma “Conversa de café, os gostos discutem-se?”, assim como a leitura de um artigo de jornal “Gostos não se discutem!”. O propósito foi o de criar e suscitar questões, mediante estes dois materiais didáticos tão diversos. Tais materiais usados, permitiram-me demonstrar que até em notícias de jornal, a Filosofia esteve, está e sempre estará presente e atual. Acho de uma enorme importância, os alunos questionarem-se não somente em sala de aula, mas também fora

dela e penso que este exercício proporcionou isso. Deste modo, consegui que os alunos entendessem que as temáticas lecionadas nas aulas de Filosofia são atuais e aplicam-se a situações do nosso quotidiano. Seguidamente, facultei uma breve síntese da matéria (Hume e Kant), para auxiliar os alunos no estudo e esta foi analisada em conjunto em sala de aula.

2º momento - Através do uso de PowerPoint, os alunos entenderam que a criação artística pode analisar-se sob dois aspetos: enquanto atividade criativa e imaginativa do criador e enquanto trabalho prático ou técnico de produção da obra. A obra de arte resulta da combinação entre dois momentos, ou seja, da projeção do artista e da sua materialização no objeto (na obra de arte). Deste modo, a obra carrega para sempre com ela alguma coisa do artista e, por sua vez, o artista só é chamado de criador mediante a obra criada. Neste sentido, a criação artística evidencia-se como um diálogo entre o criador e a obra de arte, como um processo original e único que rompe com a aparente tranquilidade humana face ao mundo e à realidade. Pela criação, o artista transfigura a realidade, cria um mundo novo (resultante da sua interpretação) e coloca-o sobre a obra, permitindo que ela seja fruída por outros. A obra de arte ganha, assim, alguma independência face ao criador e, de algum modo, é capaz de o transcender (de o ultrapassar). Os alunos procederam à leitura e análise de dois textos do manual, onde primeiramente foi abordado o papel da inspiração e do trabalho no fazer artístico e posteriormente um texto de Fernando Savater, onde é demonstrado que a criação artística pressupõe sempre uma matéria-prima e apoia-se no que outras pessoas, antes, criaram. Posto isto, existem problemas na definição de obra de arte e que ao longo dos tempos diferentes correntes tentaram definir. Assim, a obra de arte, é considerada por alguns como imitação da Natureza, como procura da proporção por outros, indefinível, pura arte desinteressada ou símbolo especificamente artístico, a obra de arte sempre se revelou difícil de definir.

3º momento - Por fim, elucidei os alunos acerca da visita de estudo que se realizou à Galeria Mário Sequeira, em Braga.

A aula teve ritmo e consegui lecionar as temáticas da melhor forma para que os alunos entendessem a matéria, envolvendo-os na aula e na matéria que não é, de todo, do agrado da maioria dos meus alunos.

Aula 12 (28 de Abril de 2015) - A criação artística e a obra de arte: A arte como imitação/representação: A arte como expressão.

“O Mito de Pigmalião”- Fazendo referência a este mito foi apresentada a arte como imitação. (Ver anexo 18)

Notícia Online: “Artista holandesa inspira-se em Van Gogh e cria ciclovía que brilha no escuro” - Mais uma vez foi demonstrada a importância da Filosofia e como através do nosso computador podemos deixar que ela entre nas nossas vidas, vinda de todas as partes. (Ver anexo 19)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior, fazendo-se, ainda, referência ao conceito de criação artística no quadro *Vertumno* de G. Arcimboldo (presente no manual adotado), para fazer alusão aos tipos de imaginação.

2º momento - Através do uso de PowerPoint, os alunos perceberam que desde a antiga Grécia até, pelo menos, ao século XIX, a arte era entendida como imitação (MIMESIS) e, tanto Platão como Aristóteles, consideravam esta teoria correta. No entanto, a abordagem platônica à teoria da imitação é hostil à arte, enquanto a abordagem aristotélica lhe é favorável. Assim, a teoria da arte como imitação, defendida por exemplo, por Platão e Aristóteles, considera que o objetivo essencial da arte consiste na imitação ou reprodução das coisas e dos objetos, tal como estes existem na natureza. Contudo, os alunos deveriam entender que para estes dois filósofos a arte era interpretada de forma bastante diferente. Platão, vendo na imitação uma mera criação de imagens, defende que, uma vez que a verdadeira essência do objeto se encontra no mundo inteligível. Sendo o objeto uma imitação da sua essência, ao imitar a natureza, o artista está a imitar uma imitação. Por outro lado, Aristóteles também vê na arte uma imitação da natureza, considerando existirem tantas artes distintas quantas as maneiras de imitar os diferentes objetos. Deste modo, segundo a teoria da arte como imitação tudo o que é arte imita algo; defende que a arte consiste na imitação da natureza bela ou na representação de comportamentos humanos e a arte é encarada como um reflexo da natureza e a melhor imitação é normalmente digna de admiração. Na aula foi referido também o Mito de Pigmalião, do qual os alunos gostaram imenso e que lhes ficou retido na memória, pois no teste, a maior parte dos estudantes fizeram referência a este exemplo. Muitos são os pintores que servem de exemplo para demonstrar este género de arte: Sandro Botticelli (1445-1510), *A Primavera*; Leonardo Da Vinci (1452-1519), *Mona Lisa*; Rafael (1483-1520), *Escola de Atenas*; Ticiano (1490- 1576), *Amor Sagrado e Profano* e Michelangelo (1475-1574), *A criação de Adão*. Todavia, outros autores consideram que a criação reflete o sentimento do artista e a contemplação da obra desencadeia emoção no espectador. Como tal, segundo esta teoria, o valor

da arte reside no prazer que proporciona e a sua natureza reside na expressão da emoção. Pintores como, Renoir, Degas, Cézanne, Van Gogh e Munch são alguns dos exemplos de pintura que os alunos devem ter presentes.

3º momento - Os alunos procederam à leitura de uma Notícia Online, intitulada "Artista holandesa inspira-se em Van Gogh e cria ciclovia que brilha no escuro".

Os estudantes deixaram-se envolver na aula, tendo uma participação muito ativa e crítica, tendo, entre eles, conseguido indicar as objeções de que a teoria lecionada é alvo. Penso que a aula correu muito bem.

Aula 13 (30 de Abril de 2015) - Continuação da matéria dada na aula anterior. A arte como expressão. A arte como forma significativa.

A Biblioteca na sala de aula - através do recurso a variados livros de pintura, os alunos apresentaram os artistas em análise, observando e comentando algumas pinturas que se encontravam nos livros, assim como no PowerPoint.

1º momento - Recapitulação da matéria dada na aula anterior.

2º momento - Através do uso de PowerPoint, é demonstrado aos estudantes que outros autores consideram que a criação reflete o sentimento do artista e a contemplação da obra desencadeia emoção no espectador. Como tal, o valor da arte reside no prazer que proporciona e a sua natureza reside na expressão da emoção (Teoria da arte como expressão). Por outro lado, os alunos através da leitura e análise de um texto do manual compreenderam que a teoria da arte como forma significativa baseia-se na ideia de que a emoção estética desencadeada no espetador pelas verdadeiras obras de arte resulta de uma qualidade que tais obras possuem, ou seja, a forma significativa. Tal qualidade diz respeito à relação existente entre as partes, o que é particularmente notório nas artes visuais. Deste modo, através do recurso a variados livros de pintura, os alunos, entre eles, apresentaram os artistas em análise, observando e comentando algumas pinturas que se encontravam nos livros e no PowerPoint. Foi ainda feita referência, às objeções/falhas apontadas a ambas as teorias e à exposição mais ambiciosa dos últimos tempos, dedicada a Leonardo Da Vinci, que se encontra em Milão até 31 de Outubro de 2015.

3º momento - Por fim, procederam à escolha do tema para um trabalho que apresentaram, em grupo, no fim do 3º Período.

A aula correu bem e os alunos apreenderam os conteúdos lecionados, assim como, estiveram muito participativos na aula.

Aula 14 (5 de Maio de 2015) - A criação artística e a obra de arte: A indefinibilidade da arte. A arte como instituição.

“Oficina de Estética: A estética em 30 minutos”- onde se fez uma abordagem geral a toda a matéria lecionada mediante um debate ativo entre todos, de forma ordenada. (Ver anexo 20)

1º momento - Recapitulação da matéria dada na temática de Estética, através da elaboração de uma Oficina da Estética: a Estética em 30 minutos. A finalidade deste exercício prático foi o de fazer uma recapitulação dos conceitos mais importantes de todas as teorias abordadas nesta unidade. Penso que este exercício serviu para que os alunos, entre eles pudessem aperfeiçoar e consolidar alguns conceitos que poderiam não estar apreendidos da melhor forma.

2º momento - Através do uso de PowerPoint, os alunos apreenderam as teorias da natureza da arte até aqui apresentadas, desde a teoria da arte como imitação/representação, passando pela teoria da arte como expressão, até à teoria da arte como forma significativa. Estas têm em comum o facto de serem teorias essencialistas, isto é, teorias que identificam a essência da arte, partindo de pressupostos de que esta tem uma natureza eterna e imutável que é possível aprisionar num conceito definível. Alguns autores questionam a possibilidade de se encontrar uma definição essencialista da arte já que o conceito de arte envolve o novo e o original, tendo de ser entendido como um conceito aberto que não se deixa encerrar nos limites de uma definição. Esta crítica às teorias essencialistas abriu o caminho à teoria da arte como instituição que faz depender o estatuto de obra de arte de fatores extrínsecos à própria obra, estabelecendo que é o mundo da arte, os artistas, os críticos, os historiadores de arte, os galeristas, etc., quem confere tal estatuto. Deste modo, Morris Weitz, concluiu que qualquer tentativa de definir correta e explicitamente a arte tem de fracassar porque o conceito de arte é indefinível. Por outro lado, George Dickie pensa que é possível definir explicitamente o conceito de arte, pois, considera que existem condições necessárias e suficientes, comuns a todas as obras de arte. Contudo, tais condições não dizem respeito a características essenciais à arte, mas sim a aspetos relativos ao contexto institucional em que tais obras são apreciadas. Para Dickie, algo é arte se, e só se, for um artefacto e for proposto para apreciação por alguém que faz parte de uma instituição social - o mundo da arte.

3º momento - Os alunos, entre eles, responderam ao último tópico: O que podemos concluir acerca da natureza da arte?

Os alunos gostaram imenso da Oficina da Estética e entre eles de forma ordenada foram recapitulando conceitos que já tinham sido lecionados. Contudo, a segunda parte da aula, sobre a arte como instituição, teve menos ritmo e resultou menos bem.

4. AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

“O primeiro objeto de qualquer ato de aprendizagem, acima e além do prazer que nos possa dar, é o de que deverá servir-nos no presente e valer-nos no futuro”

J. Bruner

“Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância”

Sócrates

4.1- A importância da Filosofia fora da sala de aula: Filosofia prática ou a prática da Filosofia?

Num olhar mais conservador, a educação sempre funcionou como um meio de transmissão de conceitos e teorias, no qual os alunos eram vistos como “tábuas rasas” à espera do debitar de matéria por parte do professor. Assim sendo, o ensino filosófico tem um papel determinante, pois não só estuda autores que são referências ideológicas como é crucial para a nossa cultura e aprendizagem enquanto seres humanos racionais. Nesse sentido, o estudo destas referências, destes legados de valores é, social e culturalmente, muito importante para a formação dos jovens. Desta forma, a importância da Filosofia no sistema educativo não tem uma natureza somente filosófica, histórica mas sim atual e transformadora da nossa forma de pensar (cf. Boavida, 1997: 216).

Atualmente como estamos perante um período de crise a todos os níveis (valores, educação, religião) a valorização educativa que antigamente era construída com o objetivo de dar respostas a problemas, tende a deixar os alunos desinteressados pois estes pouco se importam com o que aconteceu no passado, em outras épocas, e o espírito crítico destes não é estimulado tanto no que diz respeito a problemas atuais como ao que pode surgir no futuro (cf. Boavida, 1997: 217). É urgente “modernizarmo-nos”, envolver os alunos nos problemas da sociedade com vista a prepará-los para o futuro, pois, estes não são crianças ingénuas, nem devem ser tratados como tal.

Deste modo, acho crucial o envolvimento dos estudantes na Filosofia, tanto dentro da sala de aula como fora dela. Assim sendo, apresento as atividades extracurriculares realizadas ao longo do ano, onde variadas turmas de diferentes anos de ensino da Escola Secundária Sá de Miranda participaram. Tais atividades foram programadas para os alunos com o intuito de os envolver e sensibilizar para o conhecimento e a disciplina de Filosofia.

4.1.1- Café filosófico¹²

(20-11-2014) - Dia Mundial da Filosofia

Tema: A Desigualdade Social



Escola Secundária Sá de Miranda: Alunos debateram questões sobre a desigualdade social

“Cerca de 70 alunos de três turmas da Escola Secundária Sá de Miranda (ESSM) participaram ontem no Café Filosófico: debate sobre a desigualdade social’.

A iniciativa, organizada pelo Grupo de Estágio de Filosofia (GEF), teve como finalidade assinalar o Dia Mundial da Filosofia.

O encontro permitiu aos alunos debaterem assuntos relacionados com a desigualdade social.

“É um tema que tem a ver com a vida deles e este encontro pretende debater ideias e promover o espírito crítico”, disse José Augusto Ribeiro, responsável pela organização do encontro, e professor orientador de estágio que integra o GEF.

O mesmo docente acrescentou que “a desigualdade social é uma questão de justiça” e que “os alunos são muito sensíveis aos problemas de justiça”.

O importante, diz o mesmo responsável, é que “os alunos tenham consciência de que nem tudo é movido pelo dinheiro. Existem questões de ética que estão desaparecidas das políticas atuais. O nosso objetivo é formar uma consciência crítica participante. Essa transformação é urgente”.

Falando para os alunos, a diretora da ESSM, Margarida Silva, salientou, durante a sessão de abertura do encontro, que “há necessidade de combater as dificuldades sociais. Este é um tema que tem de vos preocupar. Espero que este encontro vos incentive a analisar a realidade de modo crítico.”

Durante o encontro, alguns alunos levantaram questões relacionadas com as desigualdades sociais, mais propriamente a relação entre os pobres e os ricos.

Entretanto está já pensada a realização, por parte do GEF, de uma semana dedicada à Filosofia, que deverá acontecer na Primavera. “O grupo de estágio vai, durante este ano letivo, tentar promover o espírito crítico e a sensibilização para as questões culturais, da ética, da estética e da arte”, salientou o professor José Augusto Ribeiro.”

¹² Este Café Filosófico foi direcionado para o tema do meu projeto.


¹³ Notícia retirada de <http://www.correiodominho.com/noticias.php?id=82641>

4.1.2- SEMANA DA FILOSOFIA

4.1.2.1 - Objetivos da Semana da Filosofia.

Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

Código de Agrupamento - 150241

 Agrupamento de
Escolas de Palmeira

 Escola
Sá de Miranda

Semana da Filosofia 13-17 de Abril de 2015

Descobrir a Filosofia

Org. Núcleo de Estágio de Filosofia

Objetivos:

- Desenvolver a sensibilidade cultural.
- Estimular o pensamento crítico
- Promover a experiência estética.
- Cultivar valores de civismo e cidadania.
- Incentivar um clima positivo entre os alunos.

Local do Evento

A Semana da Filosofia realizou-se na Escola Secundária Sá de Miranda, mais precisamente no Teatro¹⁴ da nossa escola.

Apoios para a Organização do Evento:

Ao longo da Semana da Filosofia, a Livraria Minho, presenteou-nos com uma diversificada feira do livro. Deste modo, penso que conseguimos transmitir a principal mensagem, ou seja, que os livros nos enriquecem a todos os níveis e nos formam e transformam em cidadão mais ativos e cultos.

¹⁴ A Escola Secundária Sá de Miranda é o único estabelecimento de ensino com um teatro dentro das instalações.

4.1.2.2. Programa da Semana

Descobrir a Filosofia

Escola Sá de Miranda Org. Grupo de Estágio de Filosofia

Semana da Filosofia 13-17 de Abril de 2015

13 Segunda	14 Terça	15 Quarta	16 Quinta	17 Sexta
<p>10 h Exposições¹⁵: Máximas Filosóficas (salas de aula) Alegoria da Caverna, Construção de um robô. (Teatro da Escola)</p>	<p>10 h Workshop: Pensar Faz bem, Doutora Raquel Costa, moderação de Cátia Passos. (Teatro da Escola)</p>	<p>10 h Palestra: Da arte da Filosofia à Filosofia da arte, Doutor Paulo Alexandre e Castro. (Teatro da Escola) Apresentação da Revista de Filosofia Uncanny (Teatro da Escola)</p>	<p>10 h Palestra: Promover o espírito crítico, Doutor Manuel Curado. (Teatro da Escola)</p> <p>Cinema: All That Heaven Allows. Realizador: Douglas Sirk. (Auditório)</p> <p>Feira do Livro (Teatro da Escola)</p>	<p>10 h Café Filosófico: Filosofia, Criatividade e Educação pela Arte. (Teatro da Escola)</p> <p>12h Encenação da Escola de Atenas (Teatro da Escola) Feira do Livro (Teatro da Escola)</p>
	<p>14h30 Palestra: Educação estética e ensino da Filosofia, Doutor Artur Manso. (Teatro da Escola)</p>	<p>15h Teatro: No alvo Teatro Circo.</p>	<p>Feira do Livro (Teatro da Escola)</p>	<p>Feira do Livro (Teatro da Escola)</p>

¹⁵Estas foram distribuídas por todas as salas e o objetivo foi sensibilizar os alunos para a importância da Filosofia.

4.1.2.3- Oradores do evento/ temas das comunicações

Doutora Raquel Costa¹⁶: *Workshop: “Pensar faz bem!”*

Licenciada em Filosofia e Ensino pela Universidade Católica Portuguesa; Mestre em Educação pela Universidade do Minho; Doutoranda em Filosofia: área de especialidade: Filosofia da Mente (concretamente na área da Filosofia para Crianças e Adolescentes); Docente da Universidade do Minho do Instituto de Educação e Ciências Humanas (Mestrado).

Doutor Artur Manso¹⁷: *“Educação estética e ensino da Filosofia”*

É licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto e Mestre em Educação pela Universidade do Minho. É professor no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, onde investiga no campo da Filosofia da Educação, nas áreas da ética e da estética da educação, bem como do pensamento pedagógico-filosófico português do século XX.

Doutor Paulo Alexandre e Castro¹⁸: *“Da arte da Filosofia à Filosofia da arte”/Apresentação da Revista de Filosofia “Uncanny”*

Professor da Universidade do Minho. As suas áreas de pesquisa são: Filosofia, Neurociências, Estética, Neuro fenomenologia, Sociologia da Arte, Filosofia da Arte, Corporificada Mente e Cognição.

Doutor Manuel Curado¹⁹: *“Promover o espírito crítico”*

Professor da Universidade do Minho, Auditor de Defesa Nacional, Doutor cum laude pela Universidade de Salamanca, Mestre pela Universidade Nova de Lisboa. Formou-se pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Titular do Curso de Alta Direção para a Administração Pública (CADAP). Foi professor visitante em Moscovo, Rússia (MGIMO e MGLU) e em Pádua, Itália (Università degli Studi di Padova).

¹⁶ Dados facultados pela Doutora Raquel Costa.

¹⁷ Retirado de <https://sites.google.com/site/estrategiascriativas/editora/atores/artur-manso>.

¹⁸ Retirado de <http://www.wook.pt/authors/detail/id/40970>.

¹⁹ Retirado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Curado.

4.1.3- Proposta de trabalho para a Semana da Filosofia ²⁰



Tema: Construção de um Robô

Imagina o seguinte cenário hipotético:

Tens uma missão muito importante no Universo: Por um dia, terás todos os poderes para criares um robô, ao qual podes atribuir uma poderosa inteligência artificial, com todas as qualidades e valores que julgas faltar nos seres humanos (além dos que já possuem). Mediante a tua escolha, poderás salvar a Terra, como também a poderás aniquilar de vez.

- O que escolherias? (salvar ou aniquilar a terra? Porquê? E como?)

- Como “criavas” a inteligência desse robô? Ou seja, descreve as suas qualidades, valores, poderes, fraquezas e defeitos...)

- Qual o teu principal objetivo na criação desse Robô? Ou seja, o que pretendes mesmo para o Universo?

Nota: Com base na tua imaginação, tenta criar uma história com sentido e onde a tua capacidade crítica seja evidenciada - não deves “copiar” histórias já existentes no cinema, nos desenhos animados, em jogos ou outras. Os melhores trabalhos, tal como referi na última aula, serão expostos na semana da Filosofia e publicados na revista da Escola.

²⁰ Exercício da minha autoria e realizado pelos alunos para a exposição da Semana da Filosofia, que decorreu entre 13 a 17 de Abril de 2015. Este trabalho permitiu-me mostrar aos alunos que a Filosofia é necessária não apenas para ajudar os estudantes a pensar, mas também para os ajudar nesta fase da vida (adolescência) em todos os outros conteúdos escolares, assim como tornar os alunos melhores oradores e melhores escritores. Com a escrita criam-se hábitos muito diferentes do que habitualmente os jovens estão familiarizados. É de referir que os trabalhos realizados pelos alunos, de uma forma geral, tinham boa qualidade, o que confirma a importância do “*sapere-aude*” (ousar pensar).

4.1.4- Visita de estudo à galeria Mário Sequeira na Parada de Tibães

Exposição: Julian Opie.

Objetivo: Desenvolver a sensibilidade dos alunos perante as obras de arte, tal como o espírito crítico dos mesmos.

Alunos: Estiveram presentes cinco turmas da escola de diferentes anos de escolaridade.

4.1.5- Breve Reflexão Pessoal Acerca Das Atividades Extracurriculares

Da Semana da Filosofia, faço um balanço muito positivo. Acerca dos oradores, a escolha foi a melhor possível e acho que todos eles foram magníficos. Relativamente à feira do livro, penso que conseguimos transmitir a principal mensagem, ou seja, que os livros nos enriquecem a todos os níveis e nos formam e transformam. Foi uma semana que deu imenso trabalho, mas valeu muito a pena o esforço, pois o objetivo foi atingido com excelência.

Posteriormente, a visita de estudo à Galeria Mário Sequeira na Parada de Tibães, foi muito enriquecedora para o despoletar de conhecimentos nos alunos, assim como, estimular a sensibilidade destes para esta vertente filosófica. Penso que correu muito bem e mais uma vez foi demonstrado aos alunos que a aprendizagem acontece no nosso dia-a-dia e não se limita à sala de aula.

Assim, concluo após todas estas atividades desenvolvidas ao longo do ano que

"a Filosofia acontece nas academias, nos livros, nas revistas, nos cafés, na internet, nas conferências. Traz consigo o grande desejo de universalidade. Quer ultrapassar as singularidades de cada cultura, embora se exprima sempre numa cultura particular. O seu destino não é a sala de conferências, mas a praça pública, o mundo inteiro, tal como Sócrates mostrou. Supõe uma rotura, uma aposta. Tem de se radicar na atividade da humanidade que lhe deu o nome: o desejo de conhecer" (Mendo e Barros, 2013: 22).

5. AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E DAS ATIVIDADES REALIZADAS AO LONGO DO ANO

“Sempre chega a hora em que descobrimos que sabíamos muito mais do que antes julgávamos”

José Saramago

“As pessoas que vencem neste mundo são as que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, as criam”

Bernard Shaw

5.1- Questionário acerca da minha prática pedagógica e das atividades desenvolvidas ao longo do ano²¹



QUESTIONÁRIO

No âmbito do Projeto de Intervenção Pedagógica do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário da Universidade do Minho, propus-me investigar a importância de **“O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico”**. Deste modo, peço a colaboração de todos, no preenchimento do presente questionário.

Obrigada pela tua ajuda.

SEXO: _____

IDADE: _____

1- Qual o perfil da professora estagiária?

Legenda:

- 1- Nunca
- 2- Quase nunca
- 3- Às vezes
- 4- Quase sempre
- 5- Sempre

	1	2	3	4	5
A professora fomentou o meu espírito crítico					
A professora valorizou as intervenções dos alunos					
A professora manteve o respeito na sala de aula					
As aulas foram interessantes e dinâmicas					
A professora estimulou o debate na sala de aula					
A professora ensinou de forma clara e ajudou no nosso desempenho.					
A professora possibilitou-nos olhar para a Filosofia de outra forma					

²¹ Este questionário foi realizado somente por 21 alunos, 10 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. A média de idades ronda os 16 anos.

2- Que tipo de professora é a professora estagiária? Assinala com um X, a/as opções/opções escolhida (s).

a) Não estimula o pensamento crítico dos alunos	
b) Uma professora que expõe a matéria de forma clara e proporciona que os alunos pensem criticamente sobre ela.	
c) Uma professora que não interage com os alunos	
d) Uma professora que não nos fornece exemplos variados ao longo da exposição da matéria	
e) Uma professora que expõe a matéria de forma clara, que nos ouve e que nos demonstra a cada aula a importância da Filosofia.	
f) Uma professora que nos permite “ousar pensar”	

3- Qual a matéria que mais gostaste de abordar nas aulas da professora estagiária? Porquê?

4- Qual o material didático que mais gostaste nas aulas da professora estagiária?

5- Após estas aulas, qual a importância da Filosofia para ti? Assinala com um X a opção escolhida.

a) Muito importante	
b) Importante	
c) Indiferente	
d) Pouco importante	
e) Nada importante	

6- Relativamente à Semana da Filosofia, qual a comunicação/orador que mais gostaste? Porquê?

7- Achas importante este género de eventos organizados pelo Grupo de Estágio? (Semana da Filosofia, Cafés Filosóficos, Visita à Galeria.) Porquê?

8- Qual a mensagem que gostarias de deixar à professora estagiária?

Obrigada pela tua ajuda!
A professora estagiária: Cátia João Passos

5.1.1- Resultados obtidos²²

Perfil da professora estagiária?

Legenda:

- 1- Nunca
- 2- Quase nunca
- 3- Às vezes
- 4- Quase sempre
- 5- Sempre

	1	2	3	4	5
A professora fomentou o meu espírito crítico	0	0	2	8	11
A professora valorizou as intervenções dos alunos	0	0	3	3	15
A professora manteve o respeito na sala de aula	0	0	3	6	13
As aulas foram interessantes e dinâmicas	0	0	3	7	11
A professora estimulou o debate na sala de aula	0	0	2	7	12
A professora ensinou de forma clara e ajudou no nosso desempenho.	0	0	0	7	14
A professora possibilitou-nos olhar para a Filosofia de outra forma	0	0	3	8	10

Nota: Os algarismos a azul correspondem ao número de alunos.

Que tipo de professora é a professora estagiária? Assinala com um X, a/as opções/opções escolhida (s).

a) Não estimula o pensamento crítico dos alunos	0
b) Uma professora que expõe a matéria de forma clara e proporciona que os alunos pensem criticamente sobre ela.	20
c) Uma professora que não interage com os alunos	0
d) Uma professora que não nos fornece exemplos variados ao longo da exposição da matéria	0
e) Uma professora que expõe a matéria de forma clara, que nos ouve e que nos demonstra a cada aula a importância da Filosofia.	18
f) Uma professora que nos permite “ousar pensar”.	16

Nota: Os algarismos a azul correspondem às opções escolhidas pelos alunos. É de notar que alguns dos alunos não escolheram somente uma opção.

²² Análise dos alunos da professora estagiária.

✓ **ANÁLISE DOS ALUNOS DA TEMÁTICA QUE MAIS GOSTARAM DE ABORDAR**

1 Aluno- Não respondeu

13 Alunos²³- Estética

3 Alunos- Todas as temáticas.

✓ **ANÁLISE DOS ALUNOS DO MATERIAL DIDÁTICO QUE MAIS GOSTARAM NAS AULAS DA PROFESSORA ESTAGIÁRIA**

- 18 Alunos- PowerPoint²⁴
- 3 Alunos- Livros e fotocópias com textos em resumo.
- 2 Alunos- Diálogos Imaginários

✓ **A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA PARA OS ALUNOS.**

a) Muito importante	6
b) Importante	11
c) Indiferente	3
d) Pouco importante	1
e) Nada importante	0

Nota: Os algarismos a azul correspondem ao número de alunos.

✓ **AVALIAÇÃO DA ESCOLHA DOS ORADORES/COMUNICAÇÕES PARA A SEMANA DA FILOSOFIA²⁵**

16 Alunos²⁶- Doutor Curado

3 Alunos²⁷- Doutor Artur Manso

2 Alunos²⁸- Doutora Raquel Costa

²³ Relativamente à escolha da temática da estética como a preferível, os alunos justificaram que apesar de não gostarem da matéria inicialmente, a professora estagiária, conseguiu cativar-lhes a atenção e mudar-lhes a opinião.

²⁴ Os alunos referiram que os PowerPoint utilizados nas aulas foram sem dúvida alguma uma mais-valia, pois auxiliaram na compreensão e no estudo da matéria.

²⁵ Embora tivessem gostado de todos os oradores e tivessem consciência que todos eles foram magníficos.

²⁶ Segundo a análise do depoimento dos alunos, foi unânime em todos referirem que o Doutor Manuel Curado lhes cativou a atenção e interesse por ser demasiado "sábio".

²⁷ Os alunos referiram que o Doutor Manso lhes suscitou a atenção, pois, tinha uma maneira de pensar diferente dos outros oradores e era muito inteligente.

²⁸ O Workshop da Doutora Raquel Costa, segundo os alunos, proporcionou-lhes expor as suas ideias e argumentar.

✓ **AVALIAÇÃO DOS EVENTOS ORGANIZADOS AO LONGO DO ANO.**

As 21 respostas dos alunos foram positivas e referiram que estes eventos lhes permitem fomentar o gosto e interesse pela disciplina.

✓ **MENSAGENS DOS ALUNOS À PROFESSORA ESTAGIÁRIA²⁹**

“Muito Obrigado pela oportunidade! Obrigado por proporcionar o mais belo modo de aprendizagem. Obrigado por desenvolver o meu espírito crítico e os meus valores. Serei eternamente grato.”

“Gostaria de desejar muito boa sorte para si, pois foi das melhores professoras que já tive.”

“Gostei muito de poder trabalhar com a professora Cátia. É uma pessoa divertida que sabe conjugar a sua personalidade viva com trabalho. Espero que consiga defender a sua tese bem, porque sei que é capaz e que arranje um trabalho fantástico para uma professora fantástica.”

“Gostei muito das aulas e espero que tudo corra bem para o seu futuro.”

“Para ser feliz e realizar todos os seus sonhos. Para continuar a ser a professora fantástica e espetacular que é! Felicidades! Boa sorte na defesa da sua tese.”

“Desejo boa sorte na sua carreira e gostei de trabalhar com a professora.”

“Gostei muito da maneira como a stôra explicava, é muito simpática.”

“Obrigada por ter vindo. Ajudou-me bastante. Mesmo ter tido Filosofia no ano passado, aprendi mais neste tempo consigo do que no ano passado todo.”

“Foi um prazer assistir às suas aulas. Que a sua carreira seja como desejou e continue assim. Boa sorte!”

“Foi um bom ano, acho que vai ser uma ótima professora, gostei de si. Espero que consiga o que quer, pois está a trabalhar para isso.”

“Quero desejar tudo de bom à professora e que continue no bom caminho que está. É muito clara naquilo que explica e tem tudo para ser uma boa profissional nesta área.”

²⁹ Mensagens deixadas por todos os alunos que preencheram o questionário.

“Que tudo lhe corra bem, pois tem capacidades. Não se deixe ir abaixo por aquilo que realmente gosta.”

“Que tenha muita sorte na sua vida profissional e pessoal. Tudo de bom. Foi um prazer trabalhar com a professora.”

“Espero que corra tudo bem na sua vida profissional, espero vê-la mesmo já não tendo aulas consigo. Agradeço pois melhorei o meu aproveitamento nas suas aulas.”

“Gostava de lhe dizer que deve continuar a ser “próxima” com os seus alunos e manter uma relação de amizade com eles. Para além disso gostava que a professora continuasse a ser clara nas explicações da matéria como foi connosco.”

“Que despertasse nos seus futuros alunos a curiosidade pela Filosofia como despertou em nós.”

“Desejo-lhe um bom futuro, pois no ensino a coisa está má.”

“Gostei muito das suas aulas, aprendi muito e gostava de a voltar a ter como professora.”

“Volte sempre, vai ser uma professora fantástica. Tivemos muita sorte por ser a nossa “estagiária” e os seus futuros alunos vão ter muita sorte.”

“Só lhe posso desejar boa sorte para o seu futuro.”

“Volte sempre professora, vai deixar saudades.”

5.2- Inquérito intitulado “O Papel da Filosofia no desenvolvimento do Pensamento Crítico”

- OS MEUS OBJETIVOS A APURAR:

Foram utilizados **dois inquéritos**: o primeiro inquérito foi **efetuado no primeiro dia da minha leção à turma 10º 9** para que eu pudesse perceber de que forma, após um período de aulas, os alunos já conseguiam perceber a importância da Filosofia e do desenvolvimento do pensamento crítico; num **segundo inquérito que realizei na última semana de aulas (Junho de 2015), coloquei as mesmas questões** não só à minha turma do 10º ano, mas também **a todas as turmas do 11º ano** com o intuito de ter uma amostra mais alargada da qual possa obter resultados para responder às perguntas que originaram o projeto.

5.2.1. As questões que constavam no meu Inquérito:

1- Na tua opinião, o que estuda a Filosofia?
2- Achas que as temáticas abordadas nas aulas são atuais? Porquê?
3- Relativamente ao teu quotidiano, o que se estuda em Filosofia ajuda-te a olhar para a vida de uma forma mais crítica e participante?
4- Em relação à tua argumentação, achas que esta se modificou? Exemplifica.
5- Quais os temas que gostarias que fossem discutidos nas aulas de Filosofia? Porquê?
6- Em que sentido a Filosofia te ajudou a desenvolver o pensamento e espírito crítico?
7- Numa palavra, como defines o papel da Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico?

5.2.2- Análise quantitativa e qualitativa dos inquéritos realizados na turma 10º 09 (1ª fase e 2ª fase).

1- Na tua opinião, o que estuda a Filosofia?

Relativamente a esta questão, que era fundamentalmente para mencionar o que se estuda em Filosofia, os alunos, numa primeira fase, referiram que estuda o pensamento, as formas de pensar, o porquê de tudo o que existe e essencialmente a teoria de filósofos. Contudo, numa segunda fase de implementação do inquérito, à mesma questão, os alunos foram mais diversificados nas suas respostas, mencionando com mais clareza o que verdadeiramente se estuda em Filosofia, ou seja,

que esta pretende dar respostas a perguntas atuais, como devemos agir face aos problemas do mundo, estuda aquilo que se passa no nosso quotidiano, está relacionada com a humanidade, direitos e deveres, ética, justiça e estética.

2- Achas que as temáticas abordadas nas aulas são atuais?

As respostas dos alunos teriam de ser enquadradas entre: concordo, discordo e sem opinião.

1º Fase (10 de Fevereiro de 2015)



2º Fase (9 de Junho de 2015)



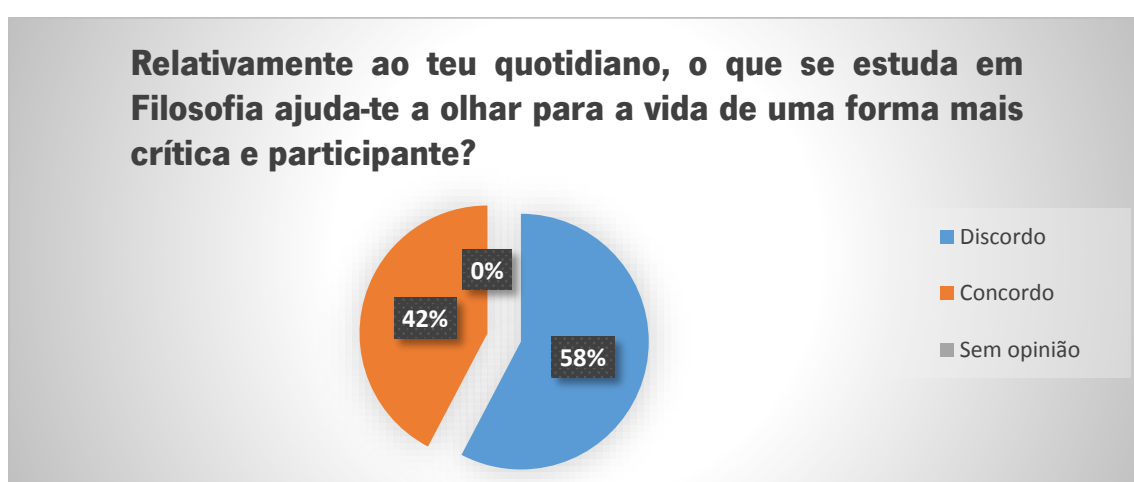
Esta segunda questão pretendia abordar essencialmente a opinião dos alunos, face às temáticas lecionadas nas aulas, ou seja, se estas são atuais ou se estão desatualizadas. Da primeira para a segunda fase há um acréscimo de 39% de alunos que referem que os temas abordados nas aulas são atuais e se encontram presentes no nosso quotidiano. Deste modo, os 38% dos alunos que

achavam que as temáticas lecionadas não eram atuais, numa segunda fase somente 4% é que mantiveram a mesma opinião.

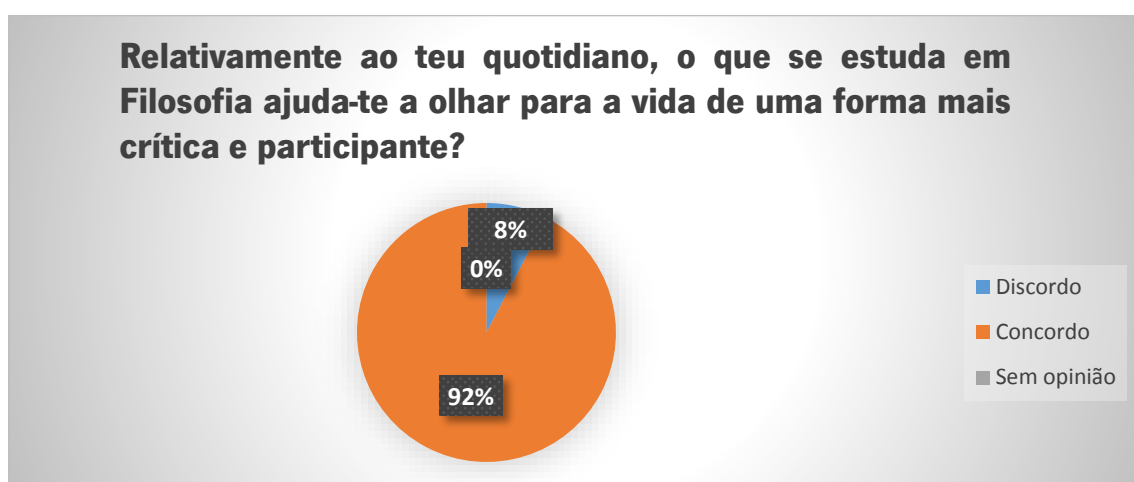
3- Relativamente ao teu quotidiano, o que se estuda em Filosofia ajuda-te a olhar para a vida de uma forma mais crítica e participante?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: concordo, discordo e sem opinião.

1º Fase (10 de Fevereiro de 2015)



2º Fase (9 de Junho de 2015)



Nesta questão, mais uma vez a melhoria foi bastante satisfatória, os alunos revelaram que aquilo que lhes foi lecionado durante o ano lhes permitiu que pudessem ser capazes de se tornar cidadãos mais ativos e críticos nos problemas que os envolvem no seu quotidiano.

4- Em relação à tua argumentação, achas que esta se modificou?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: discordo, concordo e sem opinião.

1º Fase (10 de Fevereiro de 2015)



2º Fase (9 de Junho de 2015)

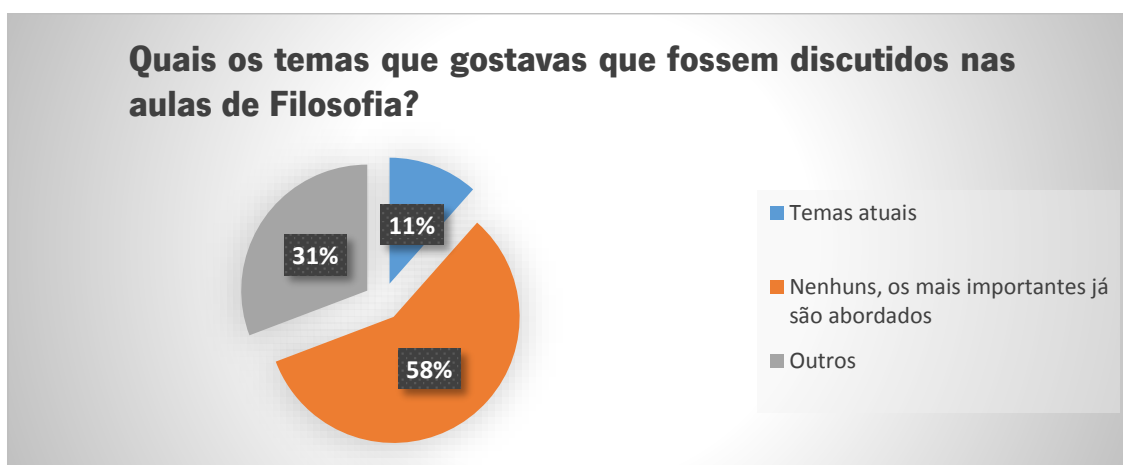


Esta pergunta permitiu-me investigar de que forma os alunos concordavam ou discordavam que a Filosofia desenvolve a nossa capacidade de argumentar e organizar as nossas ideias. Nas respostas dadas no início da atividade letiva, 50% dos alunos concordavam e outros 50% discordavam. Contrariamente, numa segunda fase de implementação do inquérito foi notória a evolução em 35% dos alunos, ou seja, nesta fase 85% dos estudantes concordaram que a Filosofia lhes forneceu ferramentas para que possam ter argumentos fundamentados e diversificados tanto em assuntos na sala de aula como no dia-a-dia.

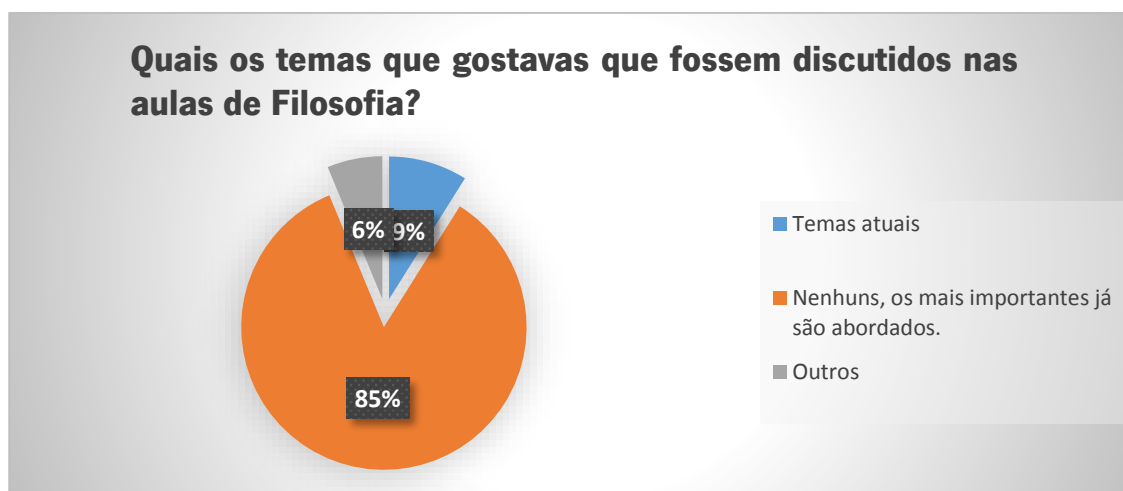
5- Quais os temas que gostavas que fossem discutidos nas aulas de Filosofia?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: temas atuais, os que já são discutidos na disciplina, outros.

1º Fase (10 de Fevereiro de 2015)



2º Fase (9 de Junho de 2015)

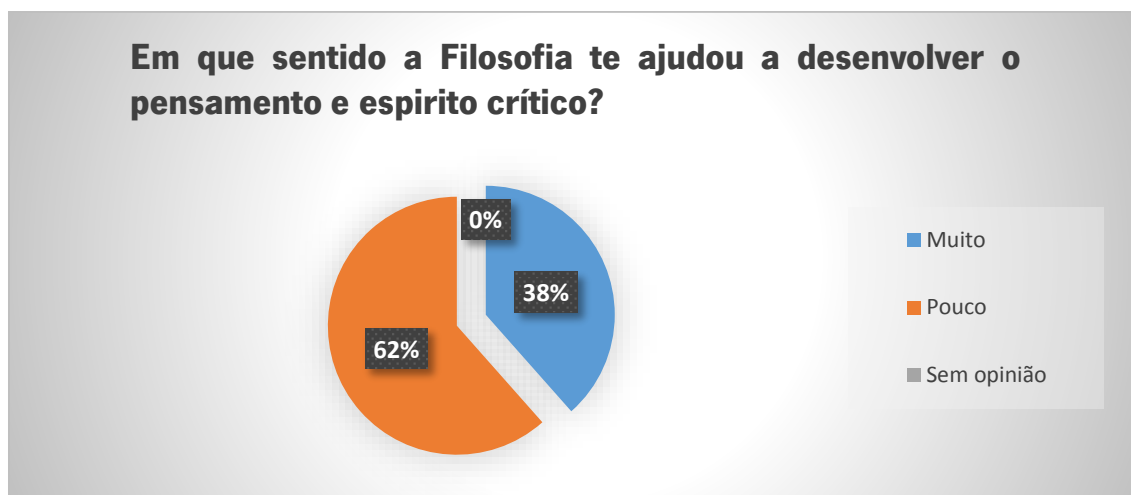


Nesta questão, numa 2ª fase de inquéritos, 85% dos alunos defenderam que os temas mais importantes foram lecionados ao longo do ano. Deste modo, verificou-se a mesma tendência apurada nas questões anteriores, com os alunos a demonstrarem uma evolução bastante significativa de uma 1ª fase de inquéritos para a outra. Acho pertinente referir que os alunos que se enquadram nos 9% (2º inquérito), revelaram que a temática da Religião deveria ser lecionada, pois é, segundo a opinião dos alunos o tema mais atual dos nossos dias.

6- Em que sentido a Filosofia te ajudou a desenvolver o pensamento e espírito crítico?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: muito, pouco e sem opinião.

1º Fase (10 de Fevereiro de 2015)



2º Fase (9 de Junho de 2015)



Esta é a questão que originou o meu Projeto de Investigação e é notório que após a minha lecionação, num segundo momento de implementação do Inquérito, 96% dos alunos afirmaram que a Filosofia é muito importante e que os ajudou a desenvolver a forma como pensavam assim como o espírito crítico. Os alunos referiram que neste momento conseguem enfrentar melhor os problemas do dia-a-dia e ver novas formas de realidade, ou seja, não ter uma mente tão “fechada” como a que tinham até terem contato com a disciplina de Filosofia. Deste modo, esta disciplina é

muito importante, pois apesar da componente histórica que lhe é característica, ao mesmo tempo é muito atual e encontra-se presente desde sempre nas nossas vidas.

7- Numa palavra, como defines o papel da Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico?

Numa primeira fase as respostas dos alunos dividiram-se somente entre dois adjetivos, importante e reflexão, para definir o papel da Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico. Todavia, numa segunda fase de implementação dos inquéritos, tais “adjetivos” foram mais diversificados para definir o papel da Filosofia, tais como: crucial, profundo, relevante, necessária, fundamental, construtiva e essencial. É importante mencionar que todos os alunos responderam a esta questão tanto numa primeira e segunda fase de inquéritos.

5.2.3- Análise quantitativa e qualitativa dos inquéritos realizados a todas as turmas do 11º ano.

Turmas	1	2	3	4	5	6	7	8	9
11º									
Média de idade	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos	17 Anos
Sexo Feminino	11 Alunos	14 Alunos	14 Alunos	7 Alunos	12 Alunos	11 Alunos	9 Alunos	13 Alunos	13 Alunos
Sexo Masculino	14 Alunos	5 Alunos	9 Alunos	16 Alunos	15 Alunos	8 Alunos	10 Alunos	5 Alunos	4 Alunos
Total de alunos³⁰	25 Alunos	19 Alunos	23 Alunos	23 Alunos	27 Alunos	19 Alunos	19 Alunos	18 Alunos	17 Alunos

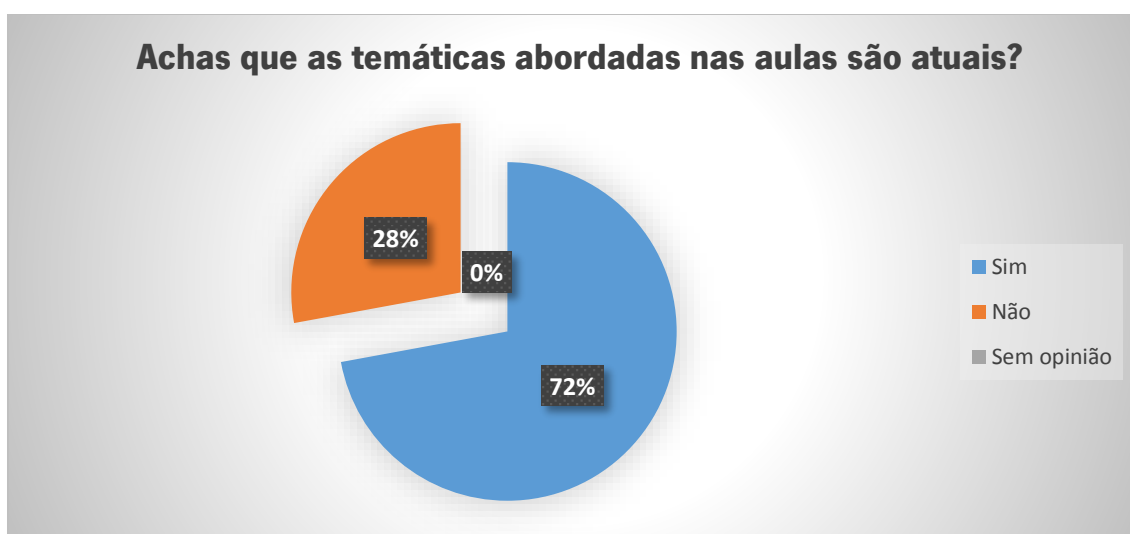
³⁰ O total de inquéritos efetuados foram 190.

1- Na tua opinião, o que estuda a Filosofia?

Segundo a maior parte dos alunos inquiridos, a Filosofia estuda problemas do pensamento humano, temas para os quais a ciência não encontra resposta, estuda a mente humana, o conhecimento.

2- Achas que as temáticas abordadas nas aulas são atuais?

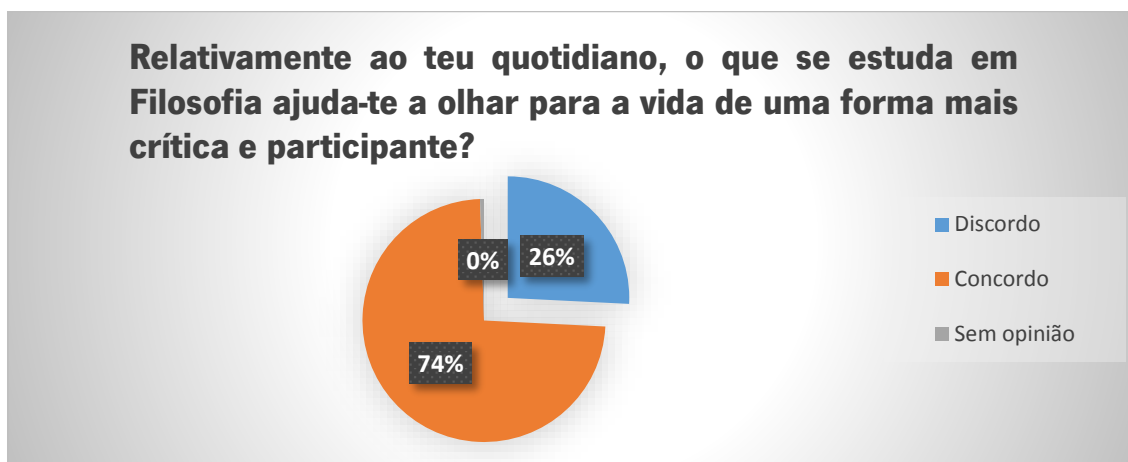
As respostas dos alunos teriam de ser enquadradas entre: concordo, discordo e sem opinião.



Esta segunda questão pretendia abordar essencialmente a opinião dos alunos, face às temáticas lecionadas nas aulas, ou seja, se estas são atuais ou se estão desatualizadas. Deste modo, 72% de alunos referiram que os temas abordados nas aulas são atuais e se encontram presentes no nosso quotidiano. No entanto, para os estudantes seria importante que os deixassem debater mais essas temáticas, ou seja, que houvesse mais partilha de opiniões entre todos e não só se resumisse ao facto de “decorar” matéria para o teste. Relativamente aos 28% dos alunos que referenciaram que as temáticas abordadas nas aulas não são atuais, estes indicaram que não conseguem ver qual a relação/aplicabilidade existente entre as teorias abordadas e o quotidiano.

3- Relativamente ao teu quotidiano, o que se estuda em Filosofia ajuda-te a olhar para a vida de uma forma mais crítica e participante?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: discordo, concordo e sem opinião.



Nesta questão, os alunos revelaram que aquilo que lhes foi lecionado durante o ano lhes permitiu ser capazes de se tornarem cidadãos mais ativos e críticos nos problemas que envolvem o seu quotidiano. Contudo, tal como na pergunta anterior, a percentagem dos alunos que discordam, referem que não conseguem ver qual a relação/aplicabilidade existente entre a Filosofia e o quotidiano para que através dela sejam mais críticos e participantes na sociedade.

4- Em relação à tua argumentação, achas que esta se modificou?

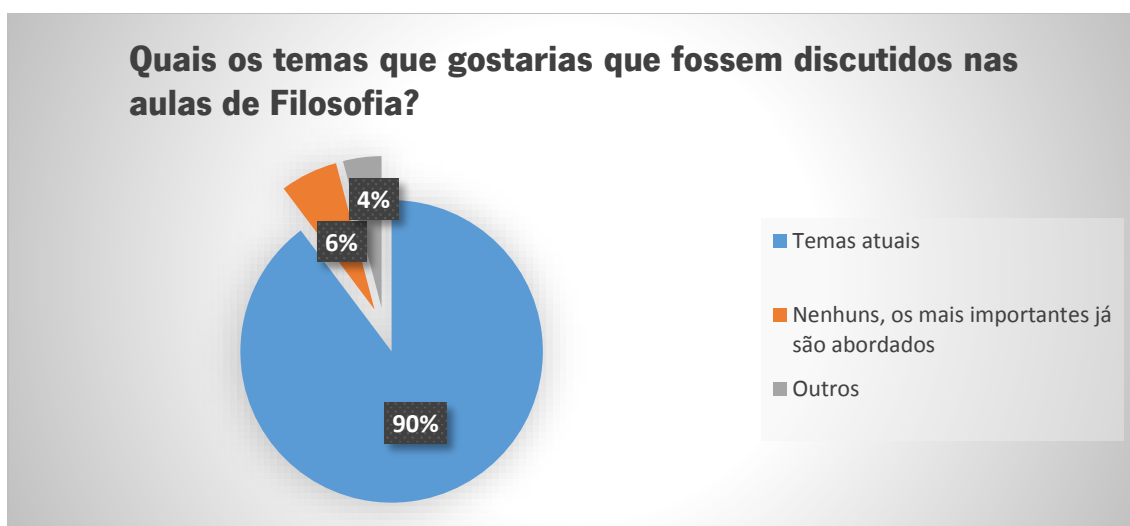
As respostas teriam de ser enquadradas entre: discordo, concordo e sem opinião.



Esta pergunta permitiu-me investigar de que forma os alunos concordam ou discordam que a Filosofia desenvolve a nossa capacidade de argumentar e organizar ideias. Desta forma, verificou-se que 61% dos alunos inquiridos referiram que a Filosofia lhes permitiu modificar a forma, a qualidade e a estrutura dos argumentos. No entanto, 37% dos alunos mencionaram que já tinham uma argumentação muito boa e que não precisaram da Filosofia para a melhorar, visto que consideram que esta não tem aplicabilidade no dia-a-dia.

5- Quais os temas que gostarias que fossem discutidos nas aulas de Filosofia?

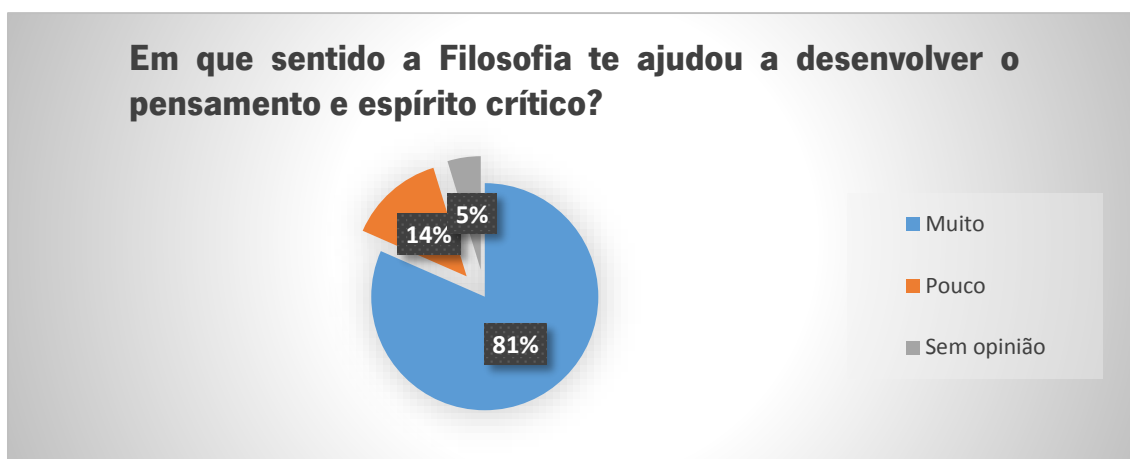
As respostas teriam de ser enquadradas entre: temas atuais, os que já são discutidos na disciplina, outros.



Nesta questão, 90 % dos alunos defenderam que nas aulas de Filosofia deveriam ser discutidos temas mais atuais. Deste modo, verificou-se que de uma maneira geral os alunos não conseguem ver a ligação existente entre os temas lecionados nas aulas e os temas atuais do quotidiano, visto que referem que gostavam de abordar temas do dia-a-dia. Mencionam ainda que o programa de 11º ano não suscita qualquer interesse a não ser a parte da lógica.

6- Em que sentido a Filosofia te ajudou a desenvolver o pensamento e espírito crítico?

As respostas teriam de ser enquadradas entre: muito, pouco e sem opinião.



Esta é a questão que originou o meu Projeto de Investigação e é notório que após o término da disciplina de Filosofia no 11º ano, 81% dos alunos reconheceram que a Filosofia é muito importante e que os ajudou a desenvolver a forma como pensavam face às problemáticas que os envolvem na sociedade. Os alunos referiram que neste momento conseguem ver outras perspetivas necessárias ao pensamento, assim como enfrentar os problemas de uma forma mais ativa, participante, consciente e racional. Relativamente, aos 14% dos alunos que discordam do facto de a Filosofia ajudar a desenvolver o pensamento crítico, não é indicado qualquer tipo de justificação para a escolha efetuada.

7- Numa palavra, como defines o papel da Filosofia no desenvolvimento do pensamento crítico?

Os alunos definiram a Filosofia com os seguintes adjetivos: pensamento próprio, alma, fundamental, importante e necessária. Apenas sete demonstraram descontentamento face à disciplina, utilizando adjetivos mais negativos para a definir, tais como, “seca”, “aborrecida”, “desinteressante” e “inútil”.

CONCLUSÃO

Foram então duas questões que me coloquei enquanto professora de filosofia estagiária:

1. “Em que medida a Filosofia é importante para promover e desenvolver o pensamento e espírito crítico nos adolescentes?; 2. Como desenvolver, na atualidade, o espírito crítico dos jovens?”. Confesso que, à partida, me sentia muito desconfortável pois partia do pressuposto de que a disciplina de filosofia era vista pelos alunos de uma forma muito negativa e que, portanto, não estavam dispostos a encará-la como disciplina transformadora. Além disso e partindo da minha própria experiência de aluna de filosofia do ensino secundário (ainda não muito distante) pressupunha que os jovens estudantes, nos tempos que correm, encaram a disciplina como perfeitamente inútil, “chata”, enfim, “uma seca”. Assim sendo a minha tarefa de jovem aprendiz de professora de filosofia era vista como uma tarefa ingrata e impossível. Acresce ainda que a turma onde teria de experimentar a minha lecionação era, à partida, considerada “difícil”.

A realidade foi completamente diferente: com a preciosa ajuda dos meus orientadores pude constatar que é perfeitamente possível dar à Filosofia o lugar que lhe compete na formação dos jovens. A minha experiência como professora de Filosofia foi uma surpresa total: verifiquei que é possível motivar os alunos, levá-los a dialogar, a pensar, a argumentar. Ao mesmo tempo constatei que não é fácil, que se nos colocam desafios inesperados que é necessário ultrapassar, que cada turma e cada aluno é um mundo diferente, que dá muito trabalho ser um professor de filosofia honesto e dedicado. Mas que vale a pena.

É difícil mas compensador ajudar a desenvolver as capacidades de pensar face às problemáticas existentes, contribuir para formar cidadãos mais informados e críticos, que pensem por si próprios, que desenvolvam o seu espírito crítico. Percebi que é possível partir das vivências, do quotidiano dos alunos para conseguir que ousem pensar, que sejam capazes de ouvir, de dialogar, de ter opiniões fundamentadas. Percebi que o importante é não me impor como professora, criar condições para que pensem e dialoguem, para que discutam e confrontem os seus pontos de vista. Para que relativizem as suas opiniões e valorizem o pensamento dos outros, especialmente dos que se elevaram a um pensamento fundamentado e universal.

Fundamentalmente, valeu a pena experimentar e confesso que tentarei que a minha vida profissional futura seja a de professora de Filosofia.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86*, de 14 de Outubro. Publicado em Diário da República, n.º 237, Série I de 14-10-1986. Disponível em <http://dre.pt/pdfgratis/1986/10/23700.pdf>.

AA.VV. (2005). *Orientações para a Leccionação do Programa de Filosofia: 10º e 11º anos*. Lisboa: ME-DES.

ALMEIDA, Aires e MURCHO, Desidério (2014). *Janelas para a Filosofia*. Lisboa: Gradiva.

ALMEIDA, M. M (Coord.) (2001). *Programa de Filosofia 10º e 11º ano. Curso Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. ME-DES.

BARBOSA, Beatriz R. (1984). *Filosofia Pedagogia e Didáctica I. Temas Actuais*. Coimbra: Tipografia Lousanense.

BARBOSA, Beatriz R. (1988). *Filosofia, Pedagogia e Didáctica II. A Favor da Filosofia*. Coimbra: Tipografia Lousanense.

BATESON, Gregory (1989). *Metadiálogos*, trad. Lisboa: Gradiva.

BLACKBURN, Simon (1997). *Dicionário de Filosofia*, trad. Lisboa: Gradiva.

BOAVIDA, João (1991). *Filosofia do Ser e do Ensinar*. Coimbra: INIC.

BOAVIDA, João (1997). *“Uma didática para o encontro da Filosofia”*, in *Didáticas Metodologias da Educação*. Braga: Departamento de Metodologias da Educação Universidade do Minho, pp. 213-229.

BOAVIDA, João (2010). *Educação Filosófica: Sete Ensaios*. Coimbra: IUC.

BORDENAVE, Juan D. e PEREIRA, Adair M. (2010). *Estratégias de Ensino – Aprendizagem*. Petrópolis: Editora Vozes.

CORREIA, Ana e MESQUITA, Anabela (2013). *Mestrados e Doutoramentos*. Lisboa: VidaEconómica.

COSSUTA, Frédéric (1998). *Didática da Filosofia*, trad. Lisboa: Asa.

DIAS, José e ARAÚJO, Alberto (1998) *Filosofia da Educação, temas e problemas*. Braga: Universidade do Minho.

Escola Secundária Sá de Miranda. Regulamento Interno disponível em: <http://www.escolasamiranda.pt/upload/docs/RI%20AE%20S%C3%A1%20de%20Miranda%20mar%C3%A7o%202014.pdf>. (Consultado dia 11 de Novembro de 2014).

ESTEVES, Lídia (2008). *Visão Panorâmica da Investigação- Ação*. Porto: Porto Editora.

FREIRE, Paulo (2002). *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Guerra.

GAARDER, Jostein (1995). *O Mundo de Sofia*. Lisboa: Presença.

GASPAR, A Maia e MANZARRA, A (2014). *Filosofia 10. 10º ano*. Lisboa: Raiz Editora.

GILLOT, Fernando (1976). *Do Ensino da Filosofia*. Lisboa: Livros Horizonte.

GIROUX, Henry (2007). *Tempo Público e Esperança Educada: Liderança Educacional e a Guerra Contra os Jovens*. Mangualde: Edições Pedagogo.

HUISMAN, Denis (2001). *Dicionário das Mil Obras De Filosofia*. Porto: Porto Editora.

IGEC (Inspeção Geral da Educação e Ciência). “Avaliação Externa de Escolas. Relatório Escola Secundária Sá de Miranda.” Disponível em: http://www.ige.minedu.pt/upload/AEE_2010_DRN/AEE_10_ES3_Sa_de_Miranda_R.pdf. (Consultado dia 11 de Novembro de 2014).

KANT (1985). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

KANT (1988). “*Informação acerca da orientação dos seus cursos no semestre de Inverno de 1765-1766*”. *Filosofia*, II, 1-2, pp. 173-176.

KOLAK, Daniel e MARTIN, Raymond (2004). *Sabedoria sem Respostas*. Lisboa: Temas e Debates.

LELEUX, Claudine (2008). *Filosofia para crianças. O modelo de Matthew Lipman em discussão*. Lisboa: Artmed Editora.

LIPMAN, Matthew (1988a). “*Prática Filosófica e Reforma da Educação*”. *Revista Filosofia*, II, 1-2, pág. 191.

LIPMAN, Matthew (1995). *O pensar na Educação*, trad: Rio de Janeiro: Vozes.

LIPMAN, Matthew (2003) *Thinking in Education*. United States of America: Cambridge University Press.

- MARNOTO, Isabel (1989). *Didáticas da Filosofia 1*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARNOTO, Isabel (1989). *Didáticas da Filosofia 2*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MEDEIROS, Emanuel (2005). *A Filosofia como centro no currículo na Educação ao longo da vida*, Lisboa: Instituto Piaget.
- MENDO, Henriques e BARROS, Nazaré (2013). *Olá Consciência. Uma viagem pela Filosofia*. Lisboa: Objetiva.
- MURCHO, Desidério (2003). *Renovar o Ensino da Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- MURCHO, Desidério. (2002). *A Natureza da Filosofia e o seu Ensino*. Lisboa: Plátano.
- PIMENTEL, Anderson e MONTEIRO, Dawson (2010). “O professor de Filosofia: limites e possibilidades – dinâmica e problematização do ensino aprendizagem”. *Educação e Pesquisa*, 36, 1, pp. 325-328.
- POMBO, Olga (1990). “O dilema do ensino da Filosofia”, in MARNOTO, I. *Didáctica da Filosofia*, // Lisboa: Universidade Aberta, pp. 9-30.
- RACHELS, James (2009). *Problemas da Filosofia*, trad. Lisboa: Gradiva.
- REGO, Maria (2015). *Filosofia para Crianças e Jovens, Livro do Professor*. Lisboa: Piaget.
- ROLLA, Noémia (2004). *Filosofia para Crianças*. Porto: Porto Editora.
- SÉRGIO, António, “Prefácio”, in Russell, Bertrand (2001). *Os problemas da Filosofia*, trad. Coimbra: Almedina, pp. 18
- SILVA Helena & LOPES José (2015). *Eu, Professor, Pergunto*. Lisboa: Pactor.
- VICENTE, Joaquim (1994). “Subsídio para uma didáctica da Filosofia. A propósito de algumas iniciativas recentes para a constituição de uma didáctica específica da Filosofia”. *Revista Filosófica de Coimbra*, 3, 6, pp. 397-412.
- VIEIRA Celina e VIEIRA Rui (2000). *Promover o Pensamento Crítico dos Alunos*. Porto: Porto Editora.
- WARBURTON, Nigel (1998). *Elementos Básicos de Filosofia*, trad. Lisboa: Gradiva.
- WOLFF, Jonathan (2004). *Introdução à Filosofia Política*, trad. Lisboa: Gradiva.

ANEXOS

ANEXO 1 - Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado.

ANEXO 2 - Exemplo de uma planificação de uma aula.

ANEXO 3 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo: Aula fictícia com Kant”.

ANEXO 4 - Casos práticos: “Imagina que...”.

ANEXO 5 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo: “Aula fictícia com Kant, parte II”.

ANEXO 6 - Cenários hipotéticos, “E agora o que faço?”.

ANEXO 7 - “Dilema de Trólei - deixar morrer ou matar”.

ANEXO 8 - Exemplo de um texto retirado de “O Mundo de Sofia – Aristóteles”.

ANEXO 9 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica - “Exame Político”.

ANEXO 10 - Exemplo de um exercício de pensamento - “Lost, uma experiência mental”.

ANEXO 11 - Sinopse e exploração do filme: “Ensaio sobre a Cegueira”.

ANEXO 12 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica – “Exame Estético”.

ANEXO 13 - Exercício prático “O meu gosto será melhor que o teu?”.

ANEXO 14 - Exemplo de um trabalho de casa “Palavras soltas”.

ANEXO 15 - Exemplo de um exercício prático “Aplicação de conhecimentos”.

ANEXO 16 - Diálogo utilizado na aula “Conversa de Café: Os gostos discutem-se?”

ANEXO 17 - Artigo de jornal “Os gostos não se discutem”.

ANEXO 18 - O Mito de Pigmalião.

ANEXO 19 - Notícia Online: “Artista Holandesa inspirou-se em Van Gogh e cria ciclovia que brilha no escuro”.

ANEXO 20 - “Oficina de Estética: A Estética em 30 minutos”.

ANEXO 1 - Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado



Projeto de Intervenção Pedagógico Supervisionado

Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

O Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico

Mestranda: Cátia João Rodrigues dos Santos Passos

Supervisor: Dr. Artur Manso

Orientador Cooperante: Dr. José Augusto Ribeiro

Local: Escola Secundária Sá de Miranda

Braga

Dezembro de 2014

"Acho que na sociedade actual nos falta Filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma".

José Saramago

1- Enquadramento teórico do projeto:

Introdução:

O presente trabalho constitui o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada referente ao Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, da Universidade do Minho a ser executado na turma 09 do 10º ano da Escola Secundária Sá de Miranda - Braga.

Apresentação do Tema, exposição dos objetivos do projeto:

O "*Papel da Filosofia no Desenvolvimento do Pensamento Crítico*" foi o tema que escolhi abordar no meu estágio. Ressalta claro que a Filosofia, quer por si mesma como prática reflexiva, quer como disciplina curricular integrante do sistema educativo oficial, é essencial a nível pessoal, social e cultural. Numa sociedade democrática, a Filosofia - ou melhor dito, o filosofar é condição indispensável para a promoção de uma sociedade realmente humana.

Evidentemente que não basta a sua existência como disciplina integrante do currículo: é fundamental que a metodologia implementada se ajuste à sua especificidade e finalidades. E para tal terá de ser operacionalizada pelos professores de tal modo que consiga levar os alunos a pensar autonomamente, a consciencializar e refletir criticamente, a tomar posição. O seu "ensino" é um desafio que implica da parte do professor uma atitude e uma prática que consiga ultrapassar a previsível inexperiência reflexiva e crítica dos jovens alunos e desbloquear a resistência e os preconceitos acerca da sua pretensa inutilidade.

Os temas abordados no secundário (ou seja, a temática da ação no 10º ano e epistemologia no 11º) pretendem sensibilizar e motivar os alunos para a autopromoção de uma atitude e prática reflexiva e crítica que remeta para a sua própria experiência como jovem e cidadão e como aluno que adquire variadas competências cognitivas, expressivas e performativas noutras disciplinas. Uma metodologia adequada é fundamental para que o aluno pratique a Filosofia como experiência integradora de vários saberes e como ferramenta existencial para se posicionar como pessoa e como cidadão. A consciência crítica, que constitui o objetivo primordial da disciplina de Filosofia no secundário, é determinante para criar condições para uma cidadania mais informada,

consciente, empenhada e interventiva que promova uma sociedade mais justa, mais tolerante e humana. E, por isso, o ensino/aprendizagem desta disciplina exige responsabilidade pedagógica e didática da parte de cada professor, pois a promoção da prática do filosofar é realmente transformadora das relações sociais e choca com preconceitos e interesses estabelecidos.

Assim sendo, **propus-me, neste projeto, os seguintes objetivos:**

- **fomentar** o pensamento e espírito crítico dos alunos através de um método dialógico que assegure a dimensão da qualidade filosófica do mesmo;
- **desenvolver** as capacidades cognitivas dos alunos face à partilha fundamentada de opiniões;
- **promover** a cidadania nos jovens adolescentes de modo crítico e participante;
- **evidenciar** a importância de pensar de um modo crítico, criativo e valorativo;
- **implementar** um ensino centrado no aluno.

Para concretizar os objetivos irei recorrer a textos filosóficos, nomeadamente de Kant que ofereçam uma fundamentação mais sólida ao meu projeto: para o filósofo Kant, a crítica e o cuidar do pensar é essencial. Este filósofo identificava o próprio filosofar com a crítica. Daí o nome que ele próprio atribui às suas obras fundamentais: “Crítica da Razão Pura”, “Crítica da Razão Prática”, “Crítica da Faculdade de Julgar”. Pensar racionalmente e com autonomia é a proposta de Kant para filosofar. É impossível ser ou formar cidadãos sem consciência, sem uma atitude racional, sem uma predisposição para agir de determinada maneira perante situações diárias com que somos confrontados. Farei ainda alusão a autores que privilegiem o diálogo como método, tais como: Platão e Sócrates. Este último é um dos cidadãos mais conhecidos da História da Filosofia e até considerado, por alguns, o modelo de todos os filósofos. Como ele referia, acho um desafio aliciante como professora estagiária de Filosofia ajudar a “parir a ideia” nos alunos (maiêutica socrática). Em relação à construção dos “jogos de raciocínio”, autores como Bateson, Lipman e Carrilho serão alguns dos pontos de referência e inspiração para o meu projeto. Contudo todos os métodos usados na promoção do desenvolvimento do espírito crítico estarão interligados com os filósofos e textos inseridos no manual e com a matéria que irei lecionar (Ética, Política, Arte e Comunicação). É importante referir que para um melhor entendimento e elucidação no que concerne à pedagogia recorri a autores como Henry Giroux, Isabel Marnoto e Paulo Freire.

Contexto de Intervenção- A Escola Secundária Sá de Miranda e a turma 10º 9

A Escola Secundária Sá de Miranda inicialmente chamada de Liceu de Braga, foi criado por decreto régio de 1836. Situa-se na região Norte da cidade de Braga, sendo a sua mais antiga escola e opera atualmente num edifício datado de finais do século XIX. É importante referir que o edifício já centenário, começando por ser uma escola só para rapazes que trabalhava em regime de internato e de semi-internato, tendo acumulado desde então um espólio que atualmente faz parte do material museológico e bibliográfico, com peças incomparáveis a nível local e nacional. Nos últimos tempos com a abertura de diferentes escolas Básicas e Secundárias na região urbana e periferia da cidade, a Escola Secundária Sá de Miranda tem apresentado em âmbito Educativo cursos do Secundário, cursos Profissionais, cursos EFA e Ensino Básico. Quanto à equipa docente do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda esta sofreu uma renovação significativa em 2009 de 35%, resultante de aposentações e do acréscimo do número de turmas. Segundo o relatório externo de escolas realizado em 2010, a população escolar é de 1363 alunos, 159 professores, pertencendo 81,8% ao quadro da escola, 6,9% ao quadro de zona pedagógica e 11,3% são contratados³¹. A Escola integra ainda o centro de formação Sá de Miranda de que é sede e abarca várias escolas e Agrupamentos de Escolas dos concelhos de Braga, Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso. No que diz respeito à equipa não docente é constituída por 10 assistentes técnicos e 43 técnicos operacionais. A escola oferece ainda tanto a pessoal docente como não docente e até encarregados de educação ações de formação interna com o objetivo de desenvolver um enriquecimento tanto a nível profissional como pessoal.

A turma 9 do 10º ano que me foi atribuída é do curso de Humanidades, albergando 26 alunos, 14 alunos do sexo feminino e 12 alunos do sexo masculino. Relativamente à média de idades está situada nos 16 anos, havendo somente um aluno com 17 anos. No que se refere ao percurso escolar, 13 alunos terão reprovado no 10º ano e 2 deles no 8º ano.³² No que respeita a problemas de saúde um dos alunos referiu que tinha problemas de audição e um outro que tinha asma. Em relação ao que gostavam de fazer nos tempos livres, a maior parte referiu que gosta de ouvir música, sair, estar com os amigos e somente três é que mencionaram que gostavam de estudar e dois de ler. Tendo em consideração a observação que tenho feito considero a turma interessada apesar da média geral da turma no 1º teste rondar os 11 valores. Sendo adolescentes,

³¹ Dados fornecidos em : Escola Secundária Sá de Miranda. Regulamento Interno disponível em: <http://www.escolasamiranda.pt/upload/docs/RI%20AE%20S%C3%A1%20de%20Miranda%20mar%C3%A7o%202014.pdf>

³² Estes dados foram-me facultados pela Diretora de turma da turma 10º09.

têm uma postura normal para a sua idade e até mesmo interessada, educada, com intervenções pertinentes que proporcionam um bom ambiente de trabalho. É importante ainda mencionar que a maioria dos pais se encontram a trabalhar e que, quanto à escolaridade, têm o 2º ciclo concluído. Somente 2 dos alunos têm pais com cursos superiores (professores).

II- Estratégias de Intervenção

1- Pergunta de Partida do Projeto de Intervenção, Questões de investigação; Estratégias e Instrumentos de Recolha de Informação:

O meu projeto de Intervenção tem como perguntas de partida as seguintes:

“Em que medida a Filosofia é importante para promover e desenvolver o pensamento e espírito crítico nos adolescentes?”

“Como desenvolver, nas contingências atuais, o espírito crítico dos jovens?”.

Para obter respostas a estas questões irei adotar como estratégia o método de investigação-ação, por, com ele estarmos “*perante uma estratégia que visa formar para transformar através da investigação da transformação. Assim, a investigação ação forma, transforma e informa*” (Esteves, 2008: 11) sendo, ainda “este processo de passagem de objeto a sujeito, e de sujeito a participante num processo cooperado, é um processo de consciencialização que redefine o estatuto hierárquico na investigação” (Esteves, 2008: 12). Posto isto, tentarei como professora estagiária que os alunos se questionem acerca das várias temáticas filosóficas e que desenvolvam um pensamento autónomo acerca das várias questões. Desta forma irei tentar cultivar nos alunos a necessidade de um aumento do grau de consciência para os problemas que os envolvem no seu quotidiano. Como a Filosofia é a arte do pensar, irei encorajar os jovens no desenvolvimento das suas próprias capacidades cognitivas para que eles próprios possam fazer juízos de valor acerca da matéria lecionada. Tentarei perceber ao longo das aulas de que forma é que o pensamento crítico dos mesmos evoluiu após o primeiro contato com a mais nobre e importante disciplina que cuida do pensamento - a Filosofia.

Estratégias a privilegiar: a) **Dois inquéritos:** o primeiro inquérito será efetuado no primeiro dia da minha leção à turma 10º 9 para que eu possa perceber de que forma, após um período de aulas, os alunos já percebem a importância da Filosofia e do desenvolvimento do espírito crítico;

num segundo inquérito que farei na última semana de aulas (junho de 2015), irei colocar as mesmas questões não só à minha turma do 10º ano, mas também a todas as turmas do 11º ano com o intuito de ter uma amostra mais alargada da qual possa obter resultados para responder às perguntas que originaram o projeto; b) **Observação e diálogo com os alunos** - Num primeiro momento, em todas as aulas que irei lecionar farei uma espécie de “sondagem” acerca dos conhecimentos que os alunos já possam possuir da matéria a ser lecionada. Seguidamente é essencial que o projeto forneça aos alunos, de forma implícita ou explícita, ferramentas que promovam o pensamento crítico e que estejam interligados com a matéria a lecionar. Mediante as suas respostas e articulação de ideias irei concluir se os conteúdos lecionados foram devidamente apreendidos. Tentarei ainda que toda a turma participe de forma ativa, organizada e sem receio de errar; c) **Fichas de trabalho/ jogos de raciocínio** - em algumas aulas irei usar como estratégia o preenchimento de fichas de trabalho que podem conter desde perguntas a “jogos de raciocínio” que me possibilitem perceber até que ponto as ferramentas e os métodos usados para o desenvolvimento do pensamento crítico funcionam. Mais uma vez refiro que todas as fichas de trabalho/jogos de raciocínio como todo o material usado estarão inteiramente relacionadas com a matéria lecionada; d) **Materiais audiovisuais**- Em algumas matérias lecionadas, por intermédio de publicidades e até mesmo pequenas passagens de filmes ou documentários, tentarei promover o debate na sala de aula; e) **Grelhas de observação e análise** – nas quais serão registadas e analisadas todas as informações obtidas nas alíneas a) b) c) e d). Estas informações serão devidamente arquivadas no meu portefólio de estágio e posteriormente abordadas e relatadas no meu relatório final de estágio.

2- Procedimento (as fases de desenvolvimento do projeto e respetiva calendarização):

As aulas que irei lecionar serão de 90 minutos em que a História da Filosofia desempenhará um importante papel pois o conhecimento filosófico tem uma longa história e as questões essenciais de que trata mantêm-se inalteradas.

Nas aulas de 90 minutos que irei lecionar, começarei por ensinar a História da Filosofia, para que os alunos compreendam melhor os problemas filosóficos (o que os originou e o seu contexto histórico). Acho de uma enorme importância que percebam o encadeamento lógico de todas as problemáticas, e o quanto estas são importantes. Assim sendo, não irei escolher um único método de ensino, mas procurarei fomentar nos alunos o pensamento e espírito crítico através de um modelo **dialógico**. Considero de extrema importância que o ensino seja centrado nos alunos para

que estes desenvolvam as suas capacidades cognitivas face à partilha fundamentada de opiniões. Através da leitura e discussão de alguns excertos de textos, nomeadamente de *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder, para a introdução da Ética Kantiana, tentarei que os alunos ousem pensar e se envolvam no mundo da Filosofia de forma ativa, crítica e valorativa. Irei recorrer ainda ao uso de **esquemas-síntese** da matéria lecionada, usarei novas tecnologias, nomeadamente a projeção em **PowerPoint**, e outros **materiais audiovisuais** que me possibilitem fornecer ferramentas aos alunos que os remetam para a importância do cuidar de pensar. Todos os materiais fornecidos terão interligação com as temáticas que irei lecionar.

Tentarei, assim, através de algumas estratégias (análise de textos, vídeos, PowerPoint, esquemas, metadiálogos, dilemas, publicidade) criar um ensino aprendizagem mais crítico, dialógico e participante. O fundamental é que os estudantes cooperem sem receio e que coloquem as suas dúvidas. Dentro da sala de aula tentarei proporcionar um ambiente agradável incentivando os alunos a cuidar do pensar, a articular as suas próprias ideias e a justificá-las. É importante referir que todos os métodos e estratégias usadas para o desenvolvimento do espírito crítico estarão interligadas com as unidades e temáticas que irei lecionar. Nas atividades extra aula o GEF³³ irá realizar: palestras/café filosóficos alusivos ao Dia do Pensamento (22 de fevereiro), do Teatro (27 de março) e posteriormente em meados da Primavera, fazer uma semana inteiramente dedicada à Filosofia. Será ainda importante referir que a proposta de abertura de um Centro de Criatividade feita pelo GEF foi desde logo aceite pela Direção da Escola e o intuito é o de interligar os dois temas abordados por ambas as estagiárias (arte/pensamento crítico). Antes do final do ano realizarei um inquérito abrangente a todas as turmas do 11º ano da Escola Secundária Sá de Miranda e à minha turma 10º 9 (no qual irei comparar resultados numa 3ª fase, com o 1º inquérito efetuado na 1ª fase), com o propósito de apurar se estes acham a Filosofia importante no desenvolvimento do pensamento crítico e se esta lhes foi essencial como disciplina, para a sua formação intelectual enquanto aluno e ser humano.

O estágio profissional desenvolver-se-á em três fases:

1ª- Fase de Observação – que decorrerá de outubro de 2014 a janeiro de 2015 na qual observarei as aulas do professor cooperante, metodologia usada, apontamento de sumários, intervenções tanto a nível oral (pertinentes nas aulas), como escritas (fichas de avaliação).

³³ GEF (Grupo de Estágio de Filosofia constituído por três elementos: Cátia João Passos, Sónia Pereira e Professor José Augusto Ribeiro).

Frequentarei reuniões de orientação de estágio com o orientador cooperante nas quais, entre outras, se planificam atividades extra aula que iremos implementar; planificações a médio e curto prazo; seleção e preparação do material pedagógico a utilizar no desenvolvimento do projeto; contato com o conselho de turma, entre outras.

2ª- Fase de Implementação – esta fase irá decorrer entre Fevereiro de 2015 e Junho de 2015, período em que aplicarei o projeto ao mesmo tempo que lecionarei as seguintes temáticas: 3.1.3. A necessidade de fundamentação da moral – análise comparativa de duas perspetivas filosóficas: a Ética Kantiana; 3.1.4. Ética, direito e política: a relação entre as três áreas; a teoria da justiça de John Rawls – as crítica libertarista e comunitarista; 3.2.1. A experiência e o juízo estético; 3.2.2. A criação artística e a obra de arte; 3.2.3 a arte-produção e consumo comunicação e conhecimento.

3ª Fase de avaliação- A partir de Junho de 2015, o projeto será devidamente avaliado e analisado. Todas as análises e conclusões obtidas irão constar no relatório de Estágio, que nesta data ainda estará a ser elaborado.

Bibliografia:

- ALMEIDA, M. M (Coord.) (2001). *Programa de Filosofia 10º e 11º ano. Curso Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- BATESON, G. (1989). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.
- CARRILHO, M. (1994). *Jogos de Racionalidade*. Porto: Asa.
- CORREIA, A, MESQUITA, A. (2013). *Mestrados e Doutoramentos*. Porto: VidaEconómica
- Escola Secundária Sá de Miranda. Regulamento Interno disponível em: <http://www.escolasamiranda.pt/upload/docs/RI%20AE%20S%C3%A1%20de%20Miranda%20mar%C3%A7o%202014.pdf>. Consultado dia 11 de Novembro de 2014
- ESTEVES, L (2008). *Visão Panorâmica da Investigação- Ação*. Porto: Porto Editora.
- FREIRE, P. (2002). *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Guerra.
- GASPAR, A, MAIA & Manzarra, A. (2014). *Filosofia 10. 10º ano*. Lisboa: Raiz Editora.

- GIROUX, H. (2007). *Tempo Público e Esperança Educada: Liderança Educacional e a Guerra Contra os Jovens*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- IGEC (Inspeção Geral da Educação e Ciência). "Avaliação Externa de Escolas. Relatório Escola Secundária Sá de Miranda." Disponível em: http://www.ige.minedu.pt/upload/AEE_2010_DRN/AEE_10_ES3_Sa_de_Miranda_R.pdf. Consultado dia 11 de Novembro de 2014.
- KANT, I. (2008). *A Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- MARNOTO, I (1989). *Didáticas da Filosofia 2*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARNOTO, I. (1989). *Didáticas da Filosofia 1*. Lisboa: Universidade Aberta.

ANEXO 2 - Exemplo de uma planificação de uma aula.

Curso:	Filosofia
Aula:	1ª aula de Estágio
Local:	Escola Secundária Sá de Miranda
Mestranda:	Cátia João Passos
Público-Alvo:	Alunos do 10ºano
Data: 12 Fevereiro 2014	Duração da Aula: 90 Minutos
Objetivos Gerais:	<p>A aula tem por base a análise da necessidade da fundamentação da moral, segundo a perspetiva de Kant.</p> <p>Os alunos deverão entender o motivo pelo qual Kant defende a existência de uma ética deontológica, puramente formal, livre de qualquer conteúdo e independente da experiência. É uma ética da intenção, apenas avalia moralmente as intenções com que as ações são praticadas, e nunca as consequências das mesmas. Uma ação para ser avaliada moralmente tem de ser livre de qualquer constrangimento. Deverão ser capazes de reconhecer que, o dever é a necessidade de realizar uma ação unicamente por respeito pela lei moral. A lei moral impõe-se de forma absoluta e não tem outro fundamento senão a razão. Esta apenas pode ser representada através do imperativo categórico, que ordena incondicionalmente, ao contrário do imperativo hipotético. Por fim, os alunos deverão perceber que o que une os seres racionais é uma legislação comum, que é designada por reino dos fins, que é a verdadeira comunidade racional. Uma pessoa tem um valor e uma dignidade, e não um preço como as coisas materiais.</p>
Objetivos Específicos:	<p>Explicitar a teoria de Immanuel Kant, esclarecendo a sua perspetiva deontológica;</p> <ul style="list-style-type: none">- Clarificar o conceito de autonomia e heteronomia;- Apresentar a conceção dualista do Homem;<ul style="list-style-type: none">• animalidade;• humanidade;-Definir ética do dever

Fases	Conteúdos	Recursos Didáticos	Atividades	Avaliação	Tempo
Introdução	Interrelacionar a teoria Kantiana com a ação humana e os valores para uma melhor compreensão por parte dos alunos do encadeamento da matéria.	Manual, quadro, marcadores	Análise e discussão ativa com os alunos	Avaliação formativa	20 Minutos
Desenvolvimento	Elucidar os alunos acerca do papel da teoria proposta por Kant, contextualizando-o e fazendo referência às suas obras, recorrendo à História da Filosofia (bibliografia complementar). Através do uso do PowerPoint, os alunos terão contacto com a matéria, mediante o uso de esquemas sintetizadores deverão ser capazes de diferenciar o imperativo hipotético do imperativo categórico. Para consolidação da matéria lecionada, será implementado o Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado (PIP), mediante uma adaptação de um excerto da obra <i>O Mundo de Sofia</i> de Jostein Gaarder, intitulada: “A Máquina do Tempo - Aula fictícia de Kant”.	Manual, quadro, videoprojector PowerPoint, marcadores computador	Esquemas sintetizados exposição e diálogo com os alunos	Avaliação formativa	55 Minutos
Conclusão	Preenchimento de um primeiro inquérito por parte dos alunos, alusivo ao Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionado, intitulado: “ <i>O papel da Filosofia no desenvolvimento do Pensamento Crítico</i> ”.	Inquérito em papel,	Participação ativa dos alunos	Avaliação formativa	15 Minutos

ANEXO 3 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo - Aula fictícia com Kant”

Kant: Sejam bem-vindos!

Aluno (s): Obrigada(o) Sr. Kant

Kant: Espero que a vossa viagem, de “regresso ao passado” tenha corrido bem e desejo que de certa forma vos consiga ajudar.

Kant: Sabem, desde o início tive a forte impressão de que a diferença entre o justo e o injusto tinha de ser mais do que uma questão de sentimentos. (...) Pois, todos os homens sabem o que é justo e o que não é, não acham? Nós sabemos não apenas porque o aprendemos mas também porque é própria à nossa razão. Eu acho que todos os homens têm uma “razão prática” que nos diz sempre o que é justo e o que é injusto do domínio da moral.

Aluno (s): Então é inata?

Kant: A nossa capacidade de reconhecer o injusto é tão inata como todos os outros atributos que temos da razão. Vocês como todos os homens vêem os fenômenos como determinados causalmente, e também têm acesso à mesma lei moral universal. Essa lei moral tem a mesma validade absoluta que as leis da natureza (as leis físicas). Isso é tão essencial para a nossa vida moral como o é para a nossa vida racional que tudo tenha uma causa, ou que como em matemática cinco mais cinco sejam dez.

Aluno (s): - Mas o que é que é essa lei moral?

Kant: Lei moral significa que não está relacionada com possibilidades morais de preferência. É válida para todos os homens em todas as sociedades, culturas e em todos os tempos, Assim, não te refere ao que tens de fazer numa determinada situação, mas como te deves comportar em todas, estão a perceber?

Aluno (s): Pois, mas não faz muito sentido se esta não nos diz como nos devemos comportar em uma situação definida.

Kant: Vamos lá ver então! Eu formulei a lei moral como imperativo categórico. Já vos tinha falado disto?

Aluno (s): Não, imperativo quê?

Kant: (risos) Imperativo categórico, onde o imperativo funciona como uma ordem e “categórica”, quer dizer, é válida em todas as situações. Formulei o seu imperativo categórico de diversas formas. Primeiramente: “devíamos agir sempre de tal forma que pudéssemos desejar simultaneamente que a regra segundo a qual agimos fosse uma lei universal”.

Aluno (s): Ah!!!! Ou seja quando fazemos alguma coisa, temos de ter a certeza que desejamos que todos façam o mesmo na mesma situação?

Kant: Sim, claro. Só nessa altura ages de acordo com a tua lei moral interior. Também formulei o imperativo categórico da seguinte forma: “devemos tratar os outros homens sempre como um fim em si e não como um meio para algumas outras coisas”.

Aluno (s): Percebemos, ou seja, não podemos “explorar” as outras pessoas para alcançarmos o que queremos?

Kant: Não, porque todos os homens são um fim em si. Mas isto também é válido para nós próprios e não apenas para os outros. Também não nos devemos explorar como meio para alcançar algo.

Aluno (s): Isso faz-nos lembrar aquele velho ditado: “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”.

Kant: Sim, é isso. É uma forma que compreende basicamente todas as hipóteses éticas de escolha. Esse ditado que me referiste exprime aproximadamente aquilo a que chamo de lei moral.

Aluno (s): - Mas isso não acha que será apenas um velho ditado?

Kant: Claro que não. Vamos lá ver, a lei moral é tão absoluta e universalmente válida como, por exemplo, a lei da causalidade. Também não a podem provar somente pela razão mas é incontornável. Nenhum homem a contesta.

Aluno (s): -Estamos a falar da consciência moral, porque todos os homens têm uma consciência moral. Correto?

Kant: Sim, quando falo da lei moral, descrevo a consciência humana. Não podemos provar o que a consciência diz, mas sabemos-lo. Não é?

Aluno (s): Sim, é verdade.

Aluno (s): - Por vezes, somos muito simpáticos para o professor de Filosofia, pois assim pode ser que ele nos leve numa viagem de estudo a Amesterdão.

Kant: - Mas quando vocês são simpáticos para com o vosso professor apenas para irem a Amesterdão, não estão a agir de acordo com a lei moral. Talvez não estejam a observar a lei moral. Talvez estejam a agir numa espécie de concordância ilusória com a lei moral (isso já é alguma coisa), mas tomem em atenção que uma ação moral tem de ser o resultado de uma superação de vocês mesmos.

Aluno (s): Como assim?

Kant: Só quando fazem algo porque acham ser o vosso “dever” seguir a lei moral é que podem falar de uma ação moral. Por isso, a minha ética é chamada de “ética do dever”.

Aluno (s): Sabe na nossa escola fazem muitas vezes ações de solidariedade e nós contribuimos com alimentos entre outras coisas.

Kant: - O importante é vocês fazerem uma coisa porque a acham correta. Mesmo quando os alimentos que vocês entregaram nunca cheguem a alimentar as pessoas que deviam alimentar, vocês cumpriram a lei moral. Agiram com a atitude correta e, a meu ver, a atitude é decisiva para podermos dizer que uma ação é normalmente correta. Não são as consequências de uma ação que são decisivas. Por isso, a minha ética também é uma ética da “boa vontade”

Aluno (s): Ética da boa vontade?

Kant: Sim, mas hoje vocês terão que regressar ao futuro. O resto da explicação ficará para quinta-feira. Até breve!

Adaptado de *O Mundo de Sofia*

ANEXO 4 – Casos práticos: “Imagina que...”



1º Caso Prático

Um grupo de terroristas acaba de invadir a nossa escola, enquanto estava a decorrer uma reunião geral. Encontravam-se presentes os pais, alunos e professores. Depois de um clima de muita violência e confusão, um dos terroristas pergunta a uma mãe onde se tinha escondido o seu filho, pois queria matá-lo.

Aquela mãe sabia perfeitamente para onde o seu filho tinha fugido, estava no 2º piso da escola, de onde conseguirá fugir através de uma porta que dá acesso a um quintal vizinho.

Se aquela mãe disser a verdade, o terrorista conseguirá impedir a fuga do seu filho. Contudo, se mentir, salva-lhe a vida.

- 1- O que diria Kant? Porquê
- 2- Na tua opinião, o que deve fazer “aquela mãe”? Porquê?

2º Caso Prático

A Susana prometeu ir tomar café com a sua amiga Daniela ao Bragaparque, às 16 horas. Quando se dirigia para o sítio combinado, depara-se com uma senhora que acaba de ter um acidente grave. A Susana, sendo médica, tem o dever de salvar a vida à senhora acidentada. Contudo, se o fizer, não conseguirá encontrar-se com a sua amiga Daniela e a sua promessa não será cumprida.

1. Na tua opinião, o que deve fazer a Susana?

ANEXO 5 - Diálogo imaginário: “A Máquina do Tempo: “Aula fictícia com Kant, parte II ”

Aluno (os): Olá Sr. Kant!

Kant: Olá meninos. Está tudo bem?

Aluno (os): Sim, está tudo bem! Ontem estivemos a pensar...

Kant: Pensar? É isso mesmo, vocês jovens têm, como se diz em latim “*Sapere aude*”, ou seja, têm de ousar pensar.

Aluno (os): Ousar pensar?

Kant: Sim, pois só quando ousamos pensar, é que alcançamos o verdadeiro conhecimento.

Aluno (os): Nós queríamos saber, porque é tão importante para si entender, quando é que agimos por respeito à lei moral? Não é mais importante que aquilo que fazemos ajude os outros?

Kant: Sim, até posso concordar. Só quando sabemos que agimos por respeito à lei moral é que agimos em “liberdade”. Entendem?

Aluno (os): Só quando obedecemos a uma lei é que agimos em liberdade? Isso não é estranho?

Kant: Não. Eu acho que todas as coisas seguem a lei da causalidade. Como é que podemos ter livre arbítrio assim?

Aluno (os): Pois, não sabemos!

Kant: Eu divido o Homem em duas partes, ou seja, enquanto seres sensíveis estamos sujeitos às leis imutáveis da causalidade. Nós não decidimos o que sentimos, as sensações surgem necessariamente e influenciam-nos quer queiramos quer não. Mas o homem não é apenas um ser sensível. Somos também seres racionais.

Aluno (os): Pode explicar melhor?

Kant: Enquanto seres sensíveis, pertencemos à natureza. Por isso estamos sujeitos à lei da causalidade. Deste ponto de vista, não temos livre arbítrio. Mas enquanto seres racionais, participamos no mundo “em si”, ou seja, no mundo independente das nossas sensações. Só quando seguimos a nossa “razão prática”, que nos possibilita fazer uma escolha moral é que temos livre arbítrio. Se obedecermos à lei moral, somos nós que fazemos a lei pela qual nos orientamos.

Aluno (os): Sim, isso está correto. Eu digo (ou alguma coisa em nós diz) que não devemos ser más pessoas para com os outros.

Kant: Se decidirem não ser más pessoas, mesmo quando agem contra o vosso próprio interesse egoísta, estão a agir livremente.

Aluno (os): Pelo menos nós somos livres e autónomos quando seguimos apenas os nossos instintos?

Kant: Podemos fazer-nos escravos de tudo. Sim, podemos inclusivamente ser escravos do nosso próprio egoísmo. Para nos elevarmos acima dos nossos instintos e vícios é necessário autonomia e liberdade.

Aluno (os): E quanto aos animais? Eles seguem só os seus instintos e necessidades? Não têm essa liberdade de seguir uma lei moral?

Kant: Não, é justamente esta liberdade que nos torna seres humanos.

Aluno (os): Estamos a ver!

Kant: Gostava que interiorizassem que a minha ética é a do dever e que esta tem autonomia da vontade. Por outro lado, espero que saibam que a moralidade da nossa ação, caracteriza-se pela boa vontade, por querer cumprir o dever e por o respeito que temos pelo próprio dever.

Aluno (os): Está bem, iremos tentar não esquecer!

Kant: Já agora, antes de terminar a nossa aula, gostava que todos dissessem em voz alta o imperativo categórico, o princípio supremo da moralidade!

Aluno (os): "Age segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne universal".

Kant: Gostava de ficar com uma recordação vossa!

Aluno (os): Diga, Sr. Kant.

Kant: Qual a máxima que vocês queriam que se tornasse universal? Podem escrever-me uma? Por favor?

Aluno (os): (Os alunos escrevem as máximas).

Kant: Muito obrigado! Espero que lá no futuro tirem um tempinho para ler os meus livros!

Aluno (os): Com toda a certeza!

Kant: Encontramo-nos um dia destes nas vossas aulas de Filosofia. Até lá, usem pensar!

Adaptado de Jostein Gaarder, Mundo de Sofia

Professora Estagiária: Cátia Passos

ANEXO 6 - Cenários hipotéticos, “E agora o que faço?”



(Enquadramento das duas teorias estudadas nas aulas)

Os vários casos abaixo descritos são apresentados aos alunos. Estes irão dispor-se na sala de aula mediante a perspetiva que melhor se enquadram, de um lado os defensores da ética deontológica, de um outro lado os defensores da ética utilitarista. Poderá ainda haver quem não defenda nenhuma das duas.

Todos os alunos devem participar e é obrigatório que cada um defenda uma posição, independentemente do lado que escolham. As suas escolhas devem ser fundamentadas e todos terão que participar.

O objetivo do presente exercício de pensamento será obrigar os alunos a ousarem pensar, consolidando também a matéria abordada nas aulas (perspetiva deontológica ou utilitarista).

CASO 1:

- ✓ **Aproxima-se a entrada na universidade, que curso devo escolher? Porquê?**

CASO 2:

- ✓ **Futuramente, vocês irão ter um filho, como é que o educariam?**

CASO 3:

- ✓ **Em uma turma, nesta escola, todos tiraram boas notas porque copiaram. Esta atitude é correta?**

NOTA: 2 ou 3 alunos serão escolhidos ao acaso para apresentarem caso (os) pertinentes aos colegas, do quotidiano, para que estes apresentem uma opinião e uma posição perante os cenários hipotéticos apresentados.

ANEXO 7 - “Dilema de Trólei: Deixar morrer ou matar?”



Situação 1



Imaginemos que um comboio ligeiro desgovernado dirige-se, em grande velocidade, na direção de cinco pessoas que estão a trabalhar nos carris. Se nada for feito, o comboio irá matá-las. Perto da Daniela, contudo, está um manipulador que permite desviar o comboio para a linha 2. O problema é que na linha 2 está um trabalhador a fazer as reparações nos carris e ele será também morto.

Situação 2



Um comboio desgovernado irá matar cinco pessoas se nada for feito para o impedir; mas agora não há qualquer manipulador para desviar a sua rota. A Daniela está a ver a tragédia prestes a acontecer de uma ponte, quando se dá conta de que um homem extremamente obeso está sentado perto dela. Se ela o empurrar, ele cai na linha e o comboio será impedido de continuar o seu trajeto, salvando-se desse modo os cinco trabalhadores. Contudo, é claro que o homem irá morrer.

Perguntas para debater:

- 1- Em ambas as situações o que deveria fazer a Daniela?
- 2- Qual a tua posição face a estas situações hipotéticas?
- 3- O que diria Kant?
- 4- O que diria Mill?

ANEXO 8 - Exemplo de um texto retirado de “O Mundo de Sofia – Aristóteles”.

“O Mundo de Sofia”- Aristóteles.

“...um homem meticuloso e metódico que queria pôr em ordem os conceitos dos homens..”

“ (...) Aristóteles não era um ateniense. Era natural da Macedónia, mas foi para a academia quando Platão tinha 61 anos. O pai era um médico reconhecido- ou seja, um cientista. Este pano de fundo já nos diz algo sobre o projeto filosófico de Aristóteles. Aquilo que o interessava acima de tudo era a natureza viva. Não foi apenas o grande filósofo grego, foi também o grande filósofo da Europa.

Se quisermos formular tudo de um modo um tanto exagerado, podemos dizer que Platão estava concentrado nas formas ou “ideias” eternas que mal reparava nas transformações da natureza. Aristóteles pelo contrário, interessava-se precisamente pelas transformações- ou aquilo que nós hoje designámos por processos físicos. Se quisermos exagerar ainda mais, podemos dizer que Platão se afastava do mundo sensível e só distinguia passageiramente aquilo que vemos à nossa volta. (Ele queria sair da caverna! Queria olhar para o eterno mundo das ideias!) Aristóteles fazia exatamente o inverso: dirigia-se para a natureza e estudava peixes e rãs, anémonas e papoilas.

Podes dizer que Platão usou apenas o entendimento; Aristóteles por seu lado, usou também os sentidos. Até na sua maneira de escrever encontramos claras diferenças. Enquanto Platão era poeta e criador de mitos, os textos de Aristóteles são secos e pormenorizados como uma enciclopédia. Na Antiguidade são referidos mais de 170 títulos que Aristóteles terá escrito. Hoje, conservam-se 47 textos. Não se trata de livros acabados. A maior parte dos textos de Aristóteles são constituídos por apontamentos para as lições. Mesmo no tempo de Aristóteles, a Filosofia era sobretudo uma atividade oral. A importância de Aristóteles para a cultura europeia não reside no facto de ele ter criado a linguagem técnica que ainda hoje as diversas ciências utilizam. Ele foi o grande sistemático que fundou e ordenou as diversas ciências (...) Por fim, vou falar ainda um pouco da visão de Aristóteles acerca do homem e da sociedade. Se aceites estas condições, só precisámos de arregaçar as mangas e começar (...)”.

Ética: “Regressemos ao homem, Sofia. A “forma” do Homem é segundo Aristóteles, possuir uma “alma vegetativa”, uma “alma sensitiva”, como uma “alma racional”. E ele pergunta então: como é que o homem deve viver? De que é que o homem precisa para viver bem?

Posso responder em poucas palavras: o homem só é feliz quando pode desenvolver e usar todas as suas faculdades e capacidades. Aristóteles acreditava em três formas de se conseguir uma vida feliz: a primeira forma de vida tem a ver com o desejo e o prazer do corpo. A segunda como cidadão livre e responsável. A terceira como pesquisador e filósofo.

Aristóteles sublinha que estas três formas se completam para que o homem possa ter uma vida feliz. Ele recusava portanto qualquer tipo de parcialidade. Se vivesse hoje, talvez dissesse que um homem que apenas cuida do seu corpo vive tão parcialmente e tão mal como aquele que apenas usa a cabeça. Ambos os extremos são expressão de conduta errada de vida.

No que diz respeito à relação como próximo, Aristóteles também aconselha um “meio-termo”. Não devemos ser cobardes nem temerários, mas corajosos. (Pouca coragem significa covardia, demasiada coragem significa temeridade). Também não deveremos ser avarentos nem esbanjadores, mas generosos. (...) A ética de Aristóteles faz recordar a ciência médica grega: só através da harmonia e da moderação me torno um homem feliz ou “harmonioso”

Política: “A ideia de que o Homem não deve levar nada ao extremo, na vida, está também patente na visão aristotélica da sociedade. Aristóteles afirmava que o homem é um “ser social”. Na sua opinião, sem a sociedade à nossa volta não somos verdadeiros homens. A família e a cidade satisfazem as necessidades vitais mais básicas como a alimentação e o calor, o casamento e a educação dos filhos. Todavia, a forma mais elevada da comunidade humana, só pode ser para Aristóteles, o Estado. Com isto coloca-se a questão: Como é que o Estado deveria ser organizado? Aristóteles menciona várias formas boas de governo. Uma delas é a monarquia- significa que há um único chefe supremo do Estado. Para que esta forma de Estado seja boa, não podemos degenerar em “tirania” caso em que um único soberano governa o Estado em seu próprio proveito. Uma outra forma boa de Estado é a aristocracia. A aristocracia é o governo de um grupo restrito de indivíduos. Esta forma de Estado tem de se precaver para não degenerar numa “oligarquia”, um regime no qual apenas são salvaguardados os interesses de poucas pessoas. Uma terceira forma de Estado é a democracia. Mas também esta forma de Estado tem o seu lado contrário. Uma democracia pode facilmente degenerar numa “oclocracia” que significa governo da multidão. (Mesmo que Hitler não se tivesse tornado chefe da Alemanha, muitos pequenos nazis teriam podido estabelecer uma terrível “oclocracia”).”

Jostein Gaarder, “O Mundo de Sofia.

ANEXO 9 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica: “Exame Político”



EXAME POLÍTICO

1- O que é a Política?

2- De que trata a Filosofia em Política?

3- Por que razão se relaciona a liberdade com a Política?

4- É sensato ser-se indiferente à Política? Porquê?

5- O que é a Democracia?

6- O que se entende por Governo?

7- O que é a cidadania?

8- Quais são os direitos dos cidadãos?

9- Na tua opinião, como se encontra a política em Portugal? Fundamenta a tua resposta.

ANEXO 10 - Exemplo de um exercício de pensamento - "Lost, uma experiência mental".

SÉRIE TELEVISIVA - LOST



Lost foi uma premiada série de televisão norte-americana de drama e ficção científica que seguiu a vida dos sobreviventes de um acidente aéreo numa misteriosa ilha tropical, após o avião que viajava de Sydney, para Los Angeles, cair em algum lugar do Oceano Pacífico.

CENÁRIO HIPOTÉTICO:

- 1º- Imaginar um grupo de estranhos numa ilha deserta;
- 2º- Decidem formar uma nova sociedade, depois de perderem qualquer esperança de resgate;
- 3º- Cada sobrevivente quer favorecer os seus próprios interesses, mas todos compreendem que tal só será possível se houver cooperação;
- 4º- Têm que chegar a um acordo quanto a um contrato social;



- Como farão para estabelecer tais princípios?
- Que normas irão acordar?

ANEXO 11 - Sinopse e exploração do filme: “Ensaio sobre a Cegueira”



Caso Prático:



ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA /BLINDNESS

De Fernando Meirelles

Canadá/Brasil/Japão, 2008- 121 minutos

Com: Julianne Moore, Mark Ruffalo,
Danny Glover, Gael Garcia Bernal, Alice Braga

Sinopse:

Uma cidade é devastada por uma epidemia denominada “cegueira” pela qual as pessoas infetadas ficaram cegas instantaneamente. Para controlar este surto, os primeiros indivíduos são isolados num hospital abandonado, deixados à sua mercê, tendo a necessidade de se organizarem para sobreviver. No entanto, a criação desta sociedade de cegos entra em rutura quando um pequeno grupo pretende assumir o poder e controlo de todo o hospital pondo em causa os conceitos de bem, direito, justiça ou dignidade humana.

PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO:

- Definir os conceitos de justiça, igualdade e equidade, e indicar de que forma esses conceitos foram ou não explorados no filme.
- Mostrar de que forma os princípios da sociedade justa proposta por Rawls foram ou não cumpridos e, se não foram, como o poderiam ser.

O filme explora a inexistência de qualquer tipo de autoridade ou assistência por parte de instituições dentro da parede do hospital, para além da distribuição de mantimentos, faz com que um grupo de indivíduos assuma a liderança a fim de coordenar as ações de toda a comunidade de uma forma disciplinada e igualitária. O problema surge quando outros colocam em causa a autenticidade da autoridade daqueles que todos os indivíduos.

ANEXO 12 - Exemplo de uma ficha de trabalho diagnóstica: “Exame Estético”



EXAME ESTÉTICO

Nome: _____
Nº ___ Turma _____

“Talvez a maravilha do Homem seja a que dos seus sentidos lhe fazem tomar como real o que a sua mente imagina”

Agostinho da Silva

1- O que entendes por Estética? Dá exemplos.

2- O que é uma experiência estética?

3- O que é um juízo estético?

4- O que é a arte? Exemplifica.

5- O que queremos dizer quando afirmamos ou negamos que algo é “belo”? Porquê?

6- Será que a noção de “belo” muda de época para época e de uma cultura para a outra? Porquê?

7- Qual a obra de arte que mais gostas? E artista?

ANEXO 13 - Exercício prático “O meu gosto será melhor que o teu?”



*“A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe,
Que eu dou às coisas em troca do agrado que elas me dão”*

Alberto Caeiro “O Guardador de Rebanhos”

1º Exemplo



2º Exemplo



3º Exemplo



4º Exemplo



5º Exemplo



6º Exemplo



7º Exemplo



8º Exemplo



9º Exemplo



10º Exemplo



11º Exemplo

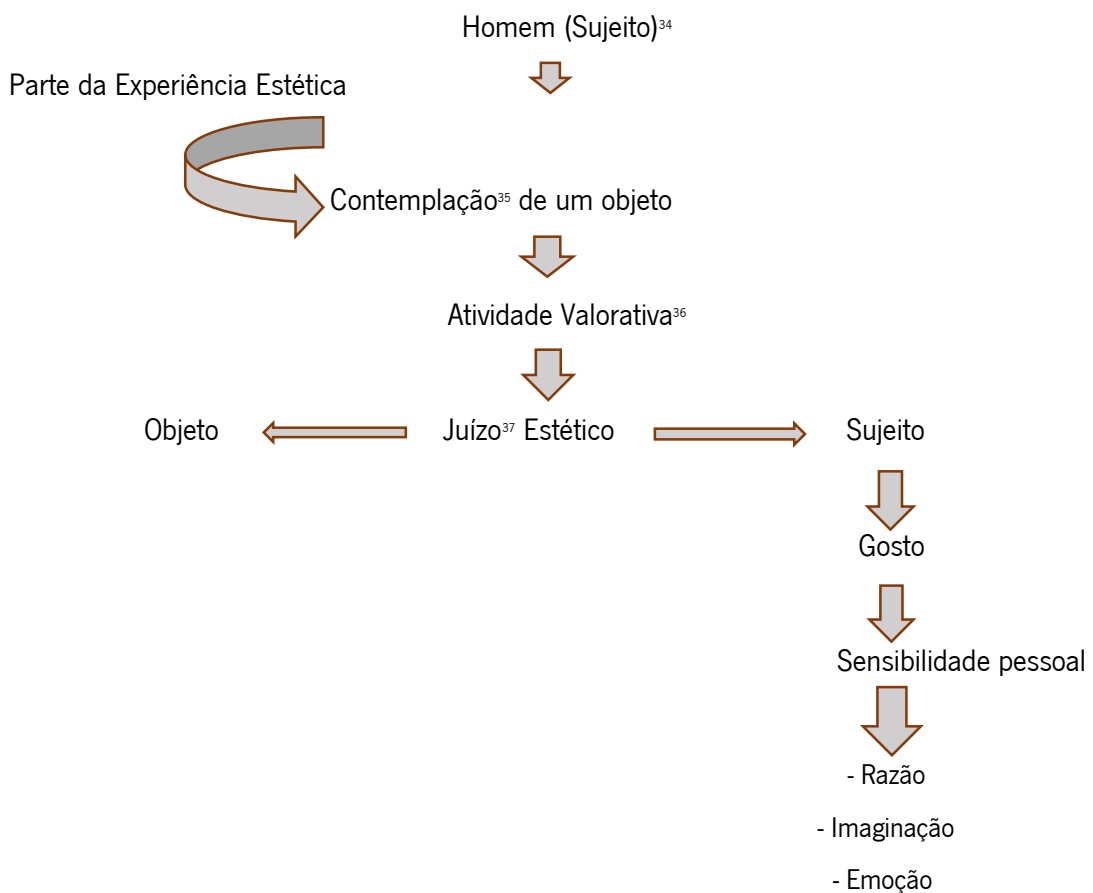


ANEXO 14 - Exemplo de um trabalho de casa “Palavras soltas”

Ouvir música, ver um filme, ir ao teatro, ao Festival do Sudoeste, ao ballet, ler um romance, assistir a um recital de poesia, contemplar uma paisagem, visitar galerias de arte,...são situações às quais não nos colocamos de um modo indiferente. São experiências e são estimulantes, despertam a nossa curiosidade, estimulam os nossos sentidos e apelam à nossa interpretação. Mais cedo ou mais tarde damos por nós a pensar, a questionarmo-nos sobre o que é a beleza, o que é o belo.

Trabalho para casa: Estética; Juízo Estético; Experiência Estética; Valores; Sujeito ;Atividade Valorativa; Objeto; Contemplação; Gosto; Sensibilidade Pessoal; Homem; Razão; Imaginação; Emoção.

Proposta de resolução:



³⁴ **Sujeito:** ser que tem uma consciência e experiências únicas ou uma entidade que tem um relacionamento com outra entidade que existe fora de si mesmo (chamado de "objeto").

³⁵ **Contemplanção:** admirar e pensar sobre alguma coisa.

³⁶ **Valor:** é aquilo que nos leva a ter preferência e interesse por certas coisas, pessoas, ações (...) e a avaliá-las positiva ou negativamente. O que é digno de ser estimado.

³⁷ Relação entre dois ou mais conceitos.

EXERCÍCIO PRÁTICO

Aplicação de conhecimentos:



Nesta pintura de Pablo Picasso:

- 1- Quais os elementos que constituem a experiência estética? Justifica.
- 2- Qual o tipo de relação sujeito/objeto? Justifica.
- 3- Qual a forma de atenção dada ao objeto? Justifica.

ANEXO 16 - Diálogo utilizado na aula “Conversa de café: Os gostos discutem-se?”



Joana: Eu penso que os gostos não se discutem. Quando afirmo “este quadro é belo”, não há nada para discutir. Esta frase exprime apenas um juízo de gosto pessoal, nada mais há a acrescentar. Exprime o meu apreço pelo quadro, sinto que é belo e nada mais.

João: Quando afirmas “este quadro é belo” exprimes não só o que sentes mas também algo acerca do quadro.

Joana: Como assim?

João: Repara, se não houvesse algo no quadro que despertasse os teus sentidos, tu não sentirias nada. Deve haver algo nas coisas que nos leva a apreciá-las, por isso apreciamos umas e outras não.

Joana: Sim, mas os sentimentos são meus e, os nossos sentimentos são genuínos e muito diferentes. Como podemos discuti-los?

João: O que está em causa não são os sentimentos mas as razões pelas quais temos os sentimentos. Apelar aos sentimentos não nos leva a nada. O que interessa é saber porque razão uma obra nos desperta sentimentos e por que razão sentimos apreço por algumas obras e outras não. O modo como nos referimos às obras de arte expressa juízos que ultrapassam o mero gosto pessoal.

Joana: Podes dar um exemplo?

João: Sim. Geralmente dizemos “o quadro é belo” ou “é uma obra-prima”, não dizemos “sinto que o quadro é belo”, ou “é uma obra-prima de acordo com o meu gosto pessoal”. Isto sugere que tem de haver algum acordo sobre este assunto, sem o qual não nos entenderíamos. Por isso penso que os gostos se discutem. O juízo estético comum não é equivalente ao juízo de um especialista. As opiniões não estão todas ao mesmo nível.

Joana: Se assim é, discutem-se com base em que critérios?

João: Com base no padrão de gosto. O filósofo David Hume defendeu que é possível encontrarmos “um conjunto de princípios e observações gerais acerca do que tem sido universalmente aceite como agradável em todos os países e épocas”.

Este é diferente da moda, evolui, vai-se formando ao longo do tempo. Hume pensava que “há uma relação entre certas características da natureza e a nossa constituição psicológica comum, que favorece certos objetos em relação a outros.”

Joana: E como explicas as diferenças de gosto apesar do tal padrão de gosto?

João: Isso deve-se a diferenças de sensibilidade e às diferenças no apuramento do sentido estético. Há pessoas que têm o gosto mais cultivado e desenvolvido, por isso têm maior conhecimento e compreensão dos objetos estéticos.

Joana: Estou a ver... olha João, a prova de que os gostos se discutem é esta nossa conversa (risos). Mas ainda tenho uma dúvida. Se aceitarmos o padrão de gosto como critério, temos de nos tornar conservadores e conformistas. Como explicas por exemplo a pop art, a música alternativa ou o uso de piercings e tatuagens? Serão apenas expressões de mau gosto?

João: Claro que não Joana. Os pré-conceitos, as modas e os hábitos culturais mesmo os mais radicais, influenciam o padrão de gosto. O facto de este ser aquilo que ao longo do tempo permaneceu como merecedor de atenção, implica “conservar” alguns gostos, mas não implica sermos conformistas. O padrão de gosto evolui e pode incluir inovação e novidade.

Joana: Obrigada João, adorei esta nossa conversa pois foi bastante produtiva.

João: Também eu Joana. Temos de combinar ir à galeria Mário Sequeira, pois ouvi dizer que tem lá uma exposição fantástica.

Joana: Combinado. Pode ser na segunda-feira?

João: Claro, estou entusiasmadíssimo. Até lá falamos.

Adaptado de: http://logosecb.blogspot.pt/2010_09_01_archive.html

Domingo, 8 de Junho de 2014

Cartas do Leitor: *“Gostos não se discutem”*

Desde de muito novo que ouço dizer que “gostos não se discutem”, como se o gosto fosse algo meramente subjetivo e estagnado, destituído de razão ou qualquer fundamento. Este ditado surgia como que uma espécie de ponto final nas discussões, relativizando tudo aquilo que estava em causa e retirando qualquer tipo de objetividade à questão. Aquele ditado, na verdade, funcionava como um obstáculo para o conhecimento e por conseguinte ao “gosto” de qualquer um.

Todos nós podemos ter uma ligeira inclinação ou intuição, se assim o quisermos chamar, para gostar mais ou menos de uma determinada coisa, sem que para isso tenha que existir uma experiência significativa para com essa mesma coisa, ou seja, pode existir de facto uma tendência “a priori” para gostarmos ou não de certas coisas. Contudo, estaremos equivocados caso não se considere a importância da aprendizagem, que muitas vezes não é fácil, no processo segundo o qual os gostos surgem. A discussão e compreensão de ideias sobre qualquer objeto, seja ele uma simples música ou um filme, pode ensinar-nos a ver além do aspeto meramente formal, dando novos significados que à partida não seriam claros. Quando não se tenta compreender, é muito mais fácil dizer-se que não se gosta, do que aprender a gostar. Posto isto, quero dizer que os gostos não são apenas impulsos emocionais, mas também construções racionais que implicam pensar acerca do contexto donde as coisas emergem e que o “não gosto”, por sua vez, também implica uma outra construção de ideias. Não Gostar por não gostar não é nada, é pura e simplesmente não pensar. Gostos discutem-se sim e aprendem-se.

João

* Em <http://www.dnoticias.pt/imprensa/diario/cartasdo leitor/edicao-2014-06-07/452351-%E2%80%9Cgostos-nao-se-discutem%E2%80%9D>

“O MITO DE PIGMALIÃO”



A lenda de Pigmalião e Galateia é originária da ilha de Chipre, onde havia um importante santuário dedicado a Afrodite em Palea Pafos, a antiga Pafos, ativo até o século IV. O Pigmalião do mito era um distinto escultor cipriota que, aterrorizado pelo comportamento indecente das mulheres de Chipre, optou por viver isolado e imerso em seu trabalho. Mas, como não era insensível à beleza feminina, esculpiu uma imagem de mulher, em marfim, para lhe fazer companhia. A figura esculpida era de uma beleza tão grande, trabalhada com tanta arte e parecia tão viva, que o escultor apaixonou-se pela sua própria obra... Beijava-a, dava-lhe roupas e joias, e chamava-a de Galateia. Depois de algum tempo, tão atormentado, implorou a Afrodite, durante um festival em sua honra, que lhe permitisse encontrar uma mulher igual à estátua de marfim.

A deusa ouviu a súplica e, bondosa, atendeu em parte o pedido. Quando Pigmalião regressou à sua casa, a estátua de marfim ganhou vida e tornou-se sua esposa. Tiveram um filho, Pafos, e uma filha, Metarme.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmale%C3%A3o#/media/File:Pygmalion_and_Galatea_\(Normand\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmale%C3%A3o#/media/File:Pygmalion_and_Galatea_(Normand).jpg)

ANEXO 19 - Noticia Online: "Artista holandesa inspira-se em Van Gogh e cria ciclovia que brilha no escuro"

Chiado Editora

Artista holandesa inspira-se em Van Gogh e cria ciclovia que brilha no escuro

Os holandeses são conhecidos pela sua paixão por bicicletas, um dos meios de transporte mais utilizados nas cidades do país, não sendo por isso de admirar que as novidades em termos de ciclovias venham da Holanda.

A cidade de Eindhoven viu ser inaugurada uma ciclovia especial, inspirada no trabalho do pintor holandês Vincent Van Gogh, mais especificamente, no quadro "Noite Estrelada". O que torna esta ciclovia tão especial é o facto de brilhar no escuro, criando um efeito de luzes muito bonito e que promete tornar os passeios de bicicleta ainda mais agradáveis.

Isto foi alcançado através da utilização de um material com pequenas luzes LED, que brilham no escuro e produzem um efeito que faz, de facto, lembrar a obra de Van Gogh.

"Eu queria criar um lugar onde as pessoas pudessem ter uma experiência especial. A parte técnica combinada com a experiência é o que a poesia tecnológica significa para mim", afirmou Daan Roosegaarde, artista responsável pelo projeto.

Esta ciclovia também passa na cidade onde Van Gogh nasceu e cresceu e serve como comemoração do 125º aniversário da morte do pintor holandês, que se assinala este ano.

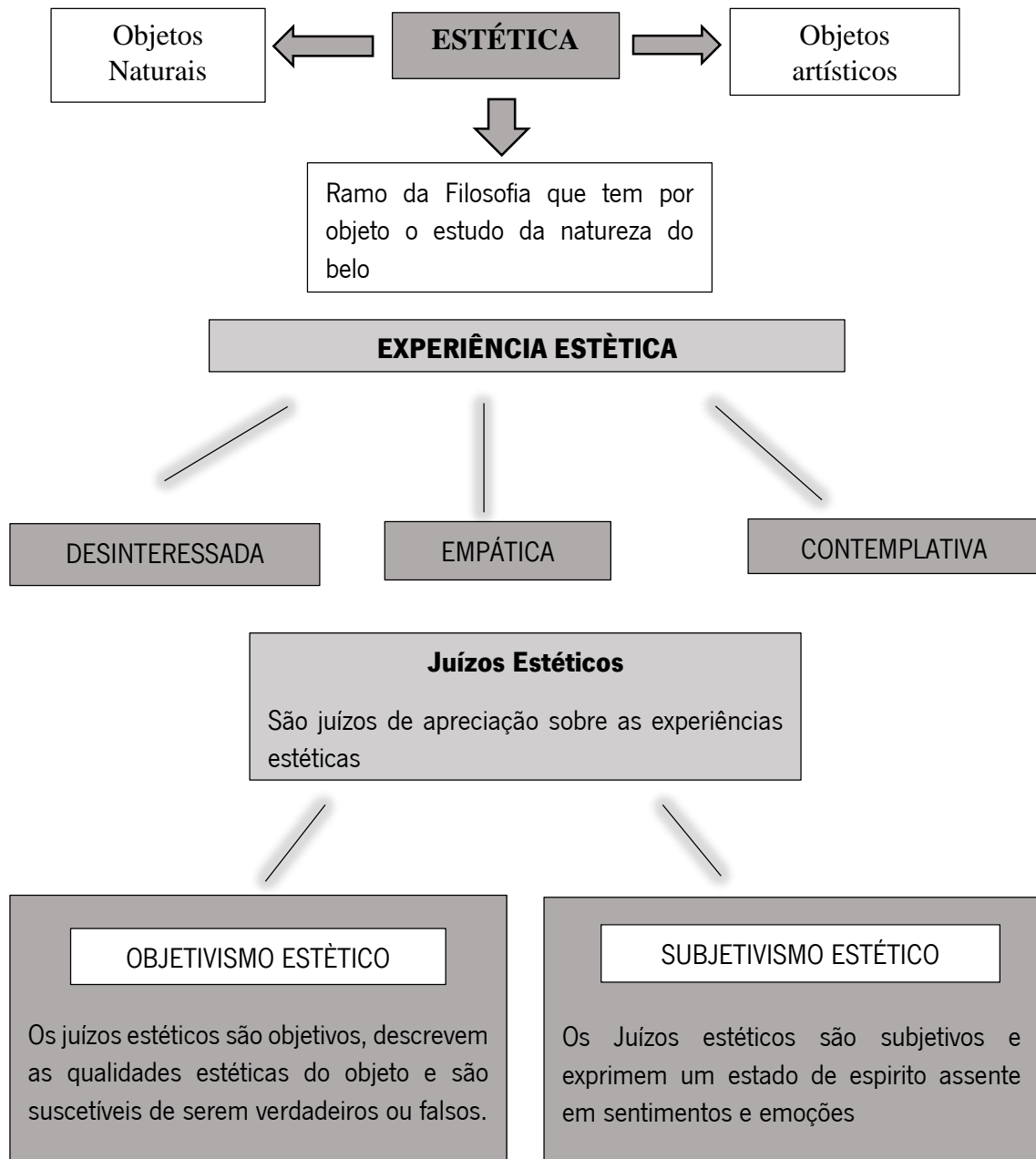
Por Márcia Garbin

Atualizado em 15/12/2014



OFICINA DA ESTÉTICA

A ESTÉTICA EM 30 MINUTOS





A teoria da arte como representação considera que o objetivo da obra de arte é representar a Natureza.

A teoria da arte como expressão considera que arte é a expressão dos sentimentos e emoções do artista, que, através da obra, transmite e transfere esses sentimentos e emoções para a audiência.

A teoria da arte como forma significativa realça as características formais da obra de arte considerando que há arte quando se encontram denominadas combinações de formas, linhas e cores que provocam emoção estética.